

**CARMEN HORNICK**

**O BRASIL APRENDE INGLÊS**  
**Marcas do funcionamento discursivo em uma**  
**reportagem da revista *Veja***

**Universidade Federal de Mato Grosso**  
**Instituto de Linguagens - IL**  
**Cuiabá**  
**2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**CARMEN HORNICK**

**O BRASIL APRENDE INGLÊS**  
**Marcas do funcionamento discursivo em uma**  
**reportagem da revista *Veja***

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem do Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem.

Área de Concentração: Estudos Lingüísticos

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Antônia de Assis-Peterson

**Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT**  
**Instituto de Linguagens - IL**  
**Cuiabá**  
**2006**

## Dedicatória

*Aos meus amados filhos - Jales, Ícaro e João Eduardo -  
força motriz dos acontecimentos mais importantes da minha vida.*

## Agradecimentos

À professora Dra. Ana Antônia de Assis-Peterson, minha orientadora, meus agradecimentos por compartilhar comigo seus saberes acadêmicos, seu espírito crítico e seu comprometimento profissional. Ensinou-me não somente construtos teóricos, mas lições para minha vida que jamais esquecerei, salientando sempre que devemos fazer “aquilo de que gostamos”.

Aos professores Dr. Pedro Navarro Barbosa e Dra. Solange Maria de Barros Ibarra Papa, pela disposição em participar da banca examinadora e pelas contribuições valiosas no exame de Qualificação.

Aos professores do mestrado, por compartilharem seus conhecimentos, sem restrições, e assim enriquecerem nossas vidas. Em especial ao Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas, por sinalizar, com seu conhecimento, o caminho a trilhar e por transmitir-me confiança e apoio.

À amiga Márcia de Moura Gonçalves Penna, por compartilhar seu conhecimento, sua experiência, e também seus livros.

Aos amigos do mestrado, com os quais convivi em momentos que variaram entre tensão e alegria. Em especial, agradeço a Rodney Mendes de Arruda por toda sua gentileza, bondade, amizade e disposição para me ouvir.

Aos meus pais, Eduardo e Geni, por sempre me apoiarem e incentivarem nos momentos mais difíceis.

À Rosangela, minha irmã, por estar por perto, torcendo por mim.

Ao meu tio, Marco Antônio, pelos diálogos, trocas e auxílio incondicional.

Ao Guto, meu marido, por compreender minha ausência e distanciamento em momentos importantes do cotidiano.

Aos meus filhos Jales e Ícaro, pelo auxílio com o computador e pelas vezes que se abstiveram de seus passeios e programas para poderem me ajudar e ao meu caçula, João Eduardo, por sua vontade e alegria de viver que me contagia.

## RESUMO

HORNICK, Carmen. **O BRASIL APRENDE INGLÊS: Marcas do funcionamento discursivo em uma reportagem da revista *Veja*.** Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagem. Orientadora: Profa. Dra. Ana Antônia de Assis-Perterson. Cuiabá, MT. Universidade Federal de Mato Grosso, 2006.

Este estudo reflete sobre os discursos circulantes acerca de ensinar/aprender inglês no Brasil, mediante a análise de uma reportagem-capa na revista *Veja*. Primeiramente, o estudo discorre sobre os principais eventos que conduziram o mundo a vivenciar o fenômeno da expansão da língua inglesa no mundo, mediado pelo processo da globalização. Em seguida, sob o viés da Análise Crítica do Discurso, a globalização e seus efeitos de sentidos são discutidos com o objetivo de identificar as tendências à democratização, comodificação e tecnologização do discurso veiculado na reportagem-capa analisada. Conclui-se que o texto estudado é construído por meio da democratização do discurso em direção à comodificação, em que o inglês é oferecido como um bem simbólico, passível de ser consumido. Para desenvolver essa premissa, o discurso da revista lança mão de um recurso argumentativo que aloca a escola regular no interdito, no lugar do dizer errado, reprovando o ensino oferecido por ela, para que sobressaia em seu lugar o discurso da escola de idiomas como espaço ideal para o ensino e aprendizagem de inglês. A construção do discurso se apresenta ancorada em ideologias que remetem a língua inglesa à posição de língua de sucesso, progresso e mobilidade social. Essas ideologias apóiam-se na memória arquivística do 'já-dito' a respeito do ensino/aprendizagem de inglês no Brasil. O estudo sugere que os professores de inglês adotem posturas críticas em relação aos objetivos educacionais e metodologias de ensino/aprendizagem de inglês nas salas de aula.

**Palavras-chave:** *discurso – revista Veja – ensino de inglês no Brasil*

## ABSTRACT

HORNICK, Carmen. **BRAZIL LEARNS ENGLISH: Marks of the discursive functioning in an article in the Brazilian news magazine *Veja***. Master Thesis in Language Studies. Supervisor: Dra. Ana Antônia de Assis-Peterson. Cuiabá, MT. Universidade Federal de Mato Grosso, 2006.

This study analyzes the discourses concerning the teaching and learning of English through the analysis of a cover article in the Brazilian news magazine *Veja*. First, it reports on the main events that led the world to experience the phenomenon of the English language spread throughout the world due to the globalization process. Second, under the view of the Critical Discourse Analysis, the globalization process and its effects of meaning are discussed with the aim of identifying the tendencies of discourse towards democratization, commoditization and tecnologization in the text under analysis. The study concludes that the text under analysis is built on discursive tendencies which disclose the language democratization working towards the commoditization tendency in which the teaching/learning English process is offered as a symbolic commodity or product to be consumed. In order to reassure its arguments, *Veja* makes use of the discourse of inefficiency by denigrating the education system of the regular school so that the private language institutes can appear as the ideal space for the successful teaching/learning of the English language. The discourse is also built on ideologies about the English language position as an international language, a language of success, progress, and social mobility. Finally, it concludes that these ideologies underlying the article are related to a social memory archive based on the 'already told' discourse about the English language teaching/learning in Brazil. Then, it suggests the adoption of a critical attitude on the part of the teachers of English regarding the educational goals and methodologies of teaching/learning English in Brazil so that their students can develop their own critical sense.

**Keywords:** English teaching in Brazil, news magazine *Veja*, critical discourse.

## LISTA DE ABREVIATURAS

**AD:** Análise do Discurso

**ACD:** Análise Crítica do Discurso

**ADTO:** Análise do Discurso Textualmente Orientada

**T :** Título

**ST :** Subtítulo

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 : Concepção tridimensional do discurso.....	41
Figura 2 : Aparição do tema na revista.....	50
Figura 3 : Texto selecionado para análise.....	53
Figura 4: Níveis de análise.....	54
Figura 5: Tendências do discurso.....	58



## SUMÁRIO

Dedicatória.....	iii
Agradecimentos .....	iv
Resumo .....	v
Abstract.....	vi
Lista de Figuras.....	vii
<b>CAPÍTULO 1 : INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
1.1 A Razão do Estudo .....	01
1.2 Uma Perspectiva Teórica.....	07
1.3 As Questões Norteadoras.....	10
1.4 A Estrutura da Dissertação.....	11
<b>CAPÍTULO 2: SOCIEDADE GLOBAL E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA .....</b>	<b>13</b>
2.1 O Princípio .....	13
2.2 Abertura de Fronteiras.....	14
2.3 Linguagem e Poder .....	20
2.4 Mídia e Poder: as tendências do discurso na contemporaneidade .....	27
2.5 A Expansão da Língua Inglesa.....	29
2.6 A Língua Inglesa no Brasil.....	34
<b>CAPÍTULO 3: METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>	<b>41</b>
3.1 A Análise Crítica do Discurso .....	41
3.2 Revista <i>Veja</i> : o objeto da pesquisa.....	46
3.2.1 A revista <i>Veja</i> e o “verdadeiro de época”.....	47
3.3 Os procedimentos metodológicos.....	49
3.3.1 A estrutura ou forma .....	54
3.3.2 O significado ou conteúdo .....	55
3.3.3 As tendências do discurso .....	57

<b>CAPÍTULO 4: ANÁLISE DO DISCURSO PROPRIAMENTE DITA.....</b>	<b>60</b>
<b>4.1 Análise da reportagem-capa “O Brasil aprende inglês” .....</b>	<b>60</b>
<b>(1) Capa .....</b>	<b>61</b>
<b>(2) As imagens .....</b>	<b>66</b>
<b>(3) A reportagem.....</b>	<b>68</b>
<b>(4) A fotografia em destaque .....</b>	<b>70</b>
<b>(5) Título e Subtítulo da reportagem .....</b>	<b>71</b>
<b>(6) O texto escrito .....</b>	<b>74</b>
<b>(7) Subtítulo 1 – Ambiente próprio .....</b>	<b>81</b>
<b>(8) Subtítulo 2 – Rápida Expansão .....</b>	<b>88</b>
<b>CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>103</b>

***“Para ser grande sê inteiro: nada teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda brilha, porque alta vive.”***

**Fernando Pessoa**

# CAPÍTULO 1

## INTRODUÇÃO

*As the Secretary General of the  
United Nations... I send greetings  
on behalf of the people of our  
planet.*

(UN Secretary General Kurt Waldheim, *apud*  
Crystal, 1997;17)

### 1.1 A Razão do Estudo

Crystal (1997) informa-nos que no ano de 1977, a NASA lançava, a partir do Cabo Canaveral na Flórida, a nave espacial Voyager com a missão interplanetária de fazer descobertas científicas sobre galáxias ainda desconhecidas, especialmente os planetas de nosso sistema solar. Com o objetivo de saudar qualquer forma de vida encontrada, cumprimentos em 55 línguas diferentes foram gravadas. Porém, a mensagem principal foi a saudação de Kurt Waldheim, então Secretário Geral das Nações Unidas, que foi declarada na língua considerada global<sup>1</sup> e internacional<sup>2</sup>: inglês. Essa foi a língua escolhida para representar 5 bilhões de habitantes de nosso planeta.

Por um lado, talvez essa escolha deva-se ao fenômeno da rápida expansão do idioma em aspecto global e também local. Por outro lado, a escolha pode estar conectada à concepção do inglês como parte da revolução global das comunicações e de seu estabelecimento como língua universal. Vários autores dos estudos culturais, como Ortiz (1994) e Pennycook (1994), citam que a crise gerada pelo modelo econômico do período Pós-Segunda Guerra Mundial, mais conhecido como ‘Fordismo’, fez com que um conjunto de mudanças fosse instaurado e divulgado com o objetivo de garantir a continuidade da expansão econômica. A esse processo deu-se o nome de “globalização” (Fairclough, 2003: 4).

---

<sup>1</sup> David Crystal (1997: 4) define que uma língua é considerada global quando representa uma papel especial e é reconhecida em todos os países. O ‘papel especial’ é multifacetado e é evidenciado em países onde um grande número de pessoas falam a língua, não sendo essa a língua materna desses países. O *status* de língua global é adquirido pelo lugar especial que essas comunidades situam a língua.

<sup>2</sup> Pennycook (1994: 28) comenta que os argumentos que definem a língua inglesa como internacional implicam em uma idéia de comunidade, um sistema de normas compartilhadas em que os falantes da língua passam a acreditar que pertencem a mesma ‘comunidade de fala’ e as diferenças sócio-econômicas são varridas para debaixo do tapete lingüístico.

A globalização declina-se preferencialmente em inglês. Sua expansão relaciona-se ao avanço do capitalismo<sup>3</sup>, sob o manto do neoliberalismo<sup>4</sup>. Para avançarmos nesta discussão, pontos que considero relevantes serão trazidos à baila, tais como os dados estatísticos citados por Crystal (1997) sobre a expansão do inglês:

O inglês é usado como língua oficial ou semi-oficial em mais de 60 países, e ocupa lugar de destaque em mais de 20 países. É dominante ou bem estabelecido nos seis continentes. É a língua principal de livros, jornais, aeroportos e controles de tráfego aéreo, negócios internacionais e conferências acadêmicas, ciência, tecnologia e medicina, diplomacia, esportes, competições internacionais, música popular e propagandas. Mais de dois terços dos cientistas escrevem em inglês.<sup>5</sup>

Rajagopalan (2005) enriquece nossos dados estatísticos asseverando que

Estima-se que perto de 1,5 bilhão de pessoas no mundo – isto é, ¼ da população mundial – já possui um grau de conhecimento da língua inglesa e/ou encontra-se na situação de lidar com ela no seu dia-a-dia. Acrescente-se a isso o fato ainda mais impressionante de que algo em torno de 80 a 90% da divulgação científica ocorre em inglês.

Analisando os números, que falam por si só, observa-se a presença marcante do idioma nos mais diferenciados segmentos sociais, em diferentes países e continentes. Cabe-nos agora uma reflexão sobre as razões desse fenômeno e suas implicações como acontecimento em escala mundial.

---

<sup>3</sup> Capitalismo é o sistema econômico que se caracteriza pela propriedade privada dos meios de produção. No sistema capitalista as padarias, fábricas, confecções, gráficas, papelarias etc., pertencem a empresários e não ao Estado. Nesse sistema, a produção e a distribuição das riquezas são regidas pelo mercado, no qual, em tese, os preços são determinados pelo livre jogo da oferta e da procura. O capitalista, proprietário de empresa, compra a força de trabalho de terceiros para produzir bens que, após serem vendidos, lhe permitem recuperar o capital investido e obter um excedente denominado lucro. ([www.renascebrasil.com.br](http://www.renascebrasil.com.br) 19/09/2006)

<sup>4</sup> Como síntese das principais idéias neoliberais, Reginaldo Moraes (2001:35) assegura que elas acentuam duas grandes exigências complementares: privatizar empresas estatais e serviços públicos, por um lado; por outro, “desregulamentar”, ou antes, criar novas regulamentações, um novo quadro geral que diminua a interferência dos poderes públicos sobre os empreendimentos privados.

<sup>5</sup> No original: English is used as an official or semi-official language in over 60 countries, and has a prominent place in a further 20. It is either dominant or well-established in all six continents. It is the main language of books, newspapers, airports and air-traffic control, international business and academic conferences, science, technology, medicine, diplomacy, sports, international competitions, pop music and advertising. Over two-thirds of the world's scientists write in English. (Crystal, 1987:358)

(Todas as traduções deste trabalho foram feitas pela autora desta dissertação)

Uma das razões envolve a idéia de que o inglês está em todos os lugares. Nas camisetas, nas músicas, no cinema, na TV e no ambiente acadêmico. Tal invasão inicia-se logo após o final da Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos, um dos vencedores do conflito, sagra-se como principal potência do mundo. A juventude, ávida de aspirações e esperanças, volta-se para o modelo de cultura anglo-saxônica. As expressões artísticas da época, música, cinema e literatura, e o processo de identificação cultural/ideológica da juventude da época com a cultura anglo-saxônica, desempenham um papel preponderante na expansão da língua inglesa (Rajagopalan, 2005). Para David Crystal, lingüista britânico, qualquer língua poderia ter sido alçada a um *status* global se fosse circunstanciada pelo conjunto de fatores que propiciaram a expansão do inglês.

Uma língua não se torna global por causa de suas propriedades estruturais, pelo tamanho de seu vocabulário, por ser veículo de uma grande literatura do passado, ou ter sido associada a uma grande cultura ou religião [...]. Uma língua torna-se internacional por uma razão maior: o poder político de seu povo – especialmente seu poderio militar [...]. Mas o domínio internacional de uma língua não decorre apenas da força militar. O poder militar de uma nação pode impor uma língua, mas é necessário um poderio econômico para mantê-la e expandi-la [...]. O crescimento dos negócios e de uma indústria competitiva trouxe uma explosão internacional do *marketing* e do *business* [...]. A tecnologia, na forma do cinema e dos discos, canalizou as novas formas de entretenimento de massa, o que teve um impacto mundial. O impulso no progresso da ciência e da tecnologia criou um ambiente internacional de pesquisa, conferindo ao conhecimento acadêmico um grau elevado de desenvolvimento. Qualquer língua, no centro dessa explosão de atividades internacionais, repentinamente, teria sido alçada a um *status* global (Crystal, 1997:9).

A expansão do inglês implica, também, um fenômeno de mudanças que dividem opiniões de lingüistas. Kachru (1985, *apud* Pennycook, 1994:10) acredita que os falantes nativos da língua parecem ter perdido a prerrogativa exclusiva de controle da padronização. No entanto, Quirk (1985, *apud* Pennycook 1994:10) pensa que a ausência de um padrão norteador provoca a alienação e a desorientação. Outros autores, como Mazrui (1975, *apud* Pennycook, 1994:9), buscam um equilíbrio entre as opiniões observando o fenômeno pelo lado positivo, julgando-o como incrível; porém não deixando de

salientar o seu lado negativo, de que a expansão tende a poluir e a corromper a língua.

Hindmarsh (1978, *apud* Pennycook, 1994) argumenta que “o mundo optou pelo inglês”. Tal razão demonstra um posicionamento em que o aprendizado de inglês pode ser visto como benéfico para o mundo, que o escolheu livremente, e que o maior perigo reside não na ameaça à cultura dos países que a consideram como universal, mas para a própria língua inglesa que seria corrompida pelos falantes não-nativos com seus diferentes sotaques.

“A expansão do inglês nos campos turísticos, bancários e também na prática de ensino-aprendizagem, redefine as etnias, as identidades e as religiões dos países” (Pennycook, 1994). Faz-se necessário observar que o idioma, quando inserido em culturas ocidentais e orientais, diferentes de sua origem, recebe novos e diferentes significados que nele se inscrevem. A preocupação com a variedade da língua, sua suposta neutralidade e transparência, nascida sob o signo da expansão do idioma, propiciam as primeiras discussões sobre a manutenção da língua padrão (*Standard English*). O debate relaciona-se com a aceitação e a incorporação, ou não, das variantes da língua. As duas ideologias – um ou múltiplos padrões – tornaram-se claras através da mudança do título do jornal sobre o inglês como língua mundial de *World Language English* para *World Englishes* (Pennycook, 1994). No círculo acadêmico, Kachru (1985) e Quirk (1985), ambos citados em Pennycook, 1994, lideraram o debate sobre a standardização, ou não, da língua. O primeiro, considerando que a nativização do inglês teria como resultado a criação de um modelo autônomo, original, distinto do legado britânico, mas igualmente válido (Ortiz, 2003), e, o segundo, lutando pela standardização como uma característica endêmica da condição mortal.

Naysmith (1987, *apud* Pennycook, 1994: 11) sugere que existe uma “suposição confortável prevalente em conferências nacionais e internacionais de que o ensino de língua inglesa é de alguma forma uma coisa boa, uma força positiva por sua natureza de busca pela paz e o entendimento internacional .”

Conforme Rajagopalan (2005), a preocupação sobre as questões práticas estruturais que envolvem a linguagem parece estar concentrada à decisão inaugural de Saussure, na parte abstrata do objeto de estudo. Parece

existir uma impotência da Lingüística formal em lidar com questões políticas, que envolvem a língua, em sua dimensão social, simbólica e emocional, nela imbuídas. Ainda segundo o autor, nenhuma ciência que aborde seu objeto de estudo, nesse caso a Lingüística, de maneira idealizada e desvinculada dos anseios do dia-a-dia, pode-se dar ao luxo de se autoproclamar dona do saber quando se trata de assuntos práticos relacionados ao seu objeto de estudo.

Em relação ao ensino de língua inglesa e sua tendência à preocupação direcionada à estrutura, Pennycook (1994) também salienta, além do apego da Lingüística aos aspectos formais da língua, o reflexo da fraca preparação acadêmica do professor de inglês. Segundo ele, a habilitação acadêmica do professor não o direciona a questionamentos que podem encorajar o repensar o seu papel de professor de inglês no mundo. *A priori*, tal fato parece ser bastante natural diante do conceito de língua inglesa como neutra e benéfica. Como professores de inglês, pouco refletimos para o entendimento da extensão de nosso trabalho. Giroux (1983, *apud* Pennycook, 1994: 13) sugere que existe a predominância da cultura positivista, que só permite a análise de questões ligadas à eficiência do ensino/aprendizagem, e não remete a questionamentos sobre a escola como agente da reprodução social e cultural. Em uma sociedade marcada por desigualdades em riquezas, poder e privilégios, a visão centrada na materialidade da língua dificulta-nos o olhar sobre as relações de poder, a cultura e o contato intercultural na política e na educação envolvidos no ensino aprendizagem do inglês.

Ao contemplar minha trajetória como professora de língua inglesa no Brasil, formada por uma universidade pública, tendo trabalhado em institutos de idioma, escolas regulares e universidades públicas e privadas, notei que abordagens sobre material didático, métodos, viagens, intercâmbios, nível de proficiência, *status* perseguiram-me ao longo de minha vida profissional.

Constantemente tenho pensado em maneiras de entender a posição do inglês no mundo, no Brasil, no instituto de idiomas, na escola regular e nas universidades pública e privada. Como alguém que assiste as mudanças no mundo e como alguém que se sente tocada por elas, observo a manutenção de conceitos sobre a caracterização da escola regular (pública e privada) como ineficiente no que tange ao ensino de línguas, a valorização da aula “descontraída”, conceito definido por vários adjetivos que se situam entre o



engraçado, dinâmico, divertido, com filme, com música, com jogos, dinâmica etc. Há, além disso, a preocupação, demasiada e enfática, com o material utilizado nos diferentes institutos de idiomas; em busca da valorização de métodos “inovadores”, que variam desde a aula realizada em lugares inéditos (por exemplo casas que apresentam similitudes às casas americanas/inglesas) à discussão sobre o aprendizado da gramática e da conversação. Além desses temas, é muito apraz a enunciação da importância do professor falante-nativo, das viagens ao exterior e da idade para se começar a aprender o idioma. Ao se abordar o tema idade, nasce, talvez com a intenção de se recuperar um tempo supostamente perdido pelos adultos, o discurso do aprendizado rápido e eficiente que, segundo meus interlocutores, pais e colegas, é privilégio de poucos que possuem condição econômica para arcar com um investimento significativo em aulas diferenciadas. Em conclusão, o que permeia continuamente esses discursos é a predisposição para se aprender inglês e o desejo de *status* social e econômico.

Certa vez, ao receber um professor de esportes, americano, que veio visitar o Brasil através de um intercâmbio do Rotary Club, fui surpreendida com questionamentos, que perduraram por muito tempo em minha cabeça. Na época da visita, em 1993, eu morava no interior de Mato Grosso, na cidade de Tangará da Serra. Apesar de uma agenda repleta de compromissos, nos encontramos em uma manhã de sábado para conhecer a cidade. Aos sábados, é muito típico, em cidades do interior, que as pessoas saiam das fazendas e sítios dos arredores e venham para a cidade com o objetivo de fazer compras. Por isso, há uma movimentação maior nas ruas principais do comércio, misturando pessoas de classes sociais distintas. Enquanto caminhava pelas ruas, explicando ao visitante sobre o comércio local e observando as pessoas no movimento de ir e vir, ouvi a seguinte pergunta: “As pessoas aqui falam inglês?” Expliquei a ele que se tratava de pessoas advindas de fazendas, que nem todas tinham acesso à educação e que, certamente, não falavam inglês. Perguntou-me, em seguida: “Então, por que essas pessoas se vestem com camisetas escritas em inglês?” Pega de surpresa, não soube como responder. Em seguida, ele me perguntou por que as pessoas se preocupavam tanto em aprender inglês, por que davam tanta importância para isso. Novamente, não soube como lhe responder.

Nessa época, era recém-formada, porém já era professora há pelo menos 5 anos. As perguntas do visitante me levaram a relacionar os fatos por ele observados e os discursos dos meus alunos, colegas, pais de alunos e coordenadores. Ao longo do tempo, percebi que esses discursos estavam interconectados, e que trabalhar as relações entre o meu papel de professora de inglês e a influência do inglês na vida das pessoas eram aspectos negligenciados na minha atuação como professora de inglês.

Muitas perguntas vieram daqueles momentos fugazes. Assistindo televisão, observando as propagandas, as telenovelas, lendo jornais e revistas que circulam pelo nosso país, pude observar a penetração do inglês em nosso dia-a-dia. Perguntava-me: De onde vem o desejo que todos parecem ter de entender e se expressar em inglês? Por que existem tantos discursos reforçando a necessidade de falar inglês? Por que as pessoas parecem gostar de usar roupas com frases em inglês? Qual a influência da mídia na construção e disseminação de conceitos e pré-conceitos sobre ensinar/aprender inglês no Brasil?

Hoje, acredita-se que aprender inglês é essencial para garantir posições de prestígio na sociedade. Essa é uma crença quase onipresente no Brasil (e em outros países), afetando, a partir da dimensão de uma política global, a vida particular das pessoas.

## **1. 2 A Perspectiva Teórica**

Conforme Fairclough (2003), textos e discursos que circulam na sociedade constroem conhecimentos, crenças, atitudes e valores, bem como podem desestabilizá-los ao longo do tempo e do espaço. Em outras palavras, os textos e discursos se baseiam em arquivos, que são os conjuntos de enunciados que formam e constroem um segmento do saber. Os arquivos são os fundadores do saber aprendido, manifestado em um dado momento histórico de uma sociedade.

Eles podem ser transformadores e contribuem também para nos moldar como consumidores. Para Foucault (1994: 708 *apud* Charaudeau & Mangueneau, 2004: 60), os arquivos são

(...) um jogo de regras que determina em uma cultura o surgimento e o desaparecimento dos enunciados, sua permanência e seu apagamento, sua existência paradoxal como *acontecimentos* e como *coisas*.

Fairclough (2001:91) define 'discurso' como uma forma de prática social e não como atividade individual . (...) É um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. (...) O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também suas relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

Fairclough (2001) afirma, ainda, que existe uma ideologia implícita nas convenções de acordo com as interações lingüísticas das pessoas. O autor, baseando-se em Pêcheaux (1979, *apud* Fairclough 2001:51), enuncia que a escolha do conjunto de formações discursivas introduz o posicionamento ideológico. Ideologias estão/são conectadas com o poder, e o discurso é a sua materialização. Em um espaço-tempo caracterizado pelo poder persuasivo exercido pela comunicação na construção do juízo de valores que fundam o saber na sociedade pós-moderna, a língua(gem) torna-se merecedora de um olhar inquisitivo para que significados implícitos possam ser deslindados através de um processo crítico.

Alinhando-me à perspectiva de Fairclough, assumo um ponto de vista que busca o discurso da mídia, da era contemporânea, como espaço em que os discursos fundadores do saber histórico são retomados e ressignificados, constituindo os arquivos sobre o tema ensinar/aprender inglês, suas razões e implicações decorrentes da força da mídia em tempos de globalização. Considero que a manifestação da linguagem apresenta-se a serviço da construção de saberes compartilhados, e que o discurso representa a realização desta prática social causadora de mudanças.

Com Maingueneau (2005: 49) acredito que o estudo da competência

discursiva possibilita compreender as condições de produção que viabilizam a irrupção dos discursos sobre a língua inglesa, tais quais os que vivenciamos na contemporaneidade.

Thompson (1998:15) diz que se levarmos a mídia a sério descobriremos sua profunda influência na formação do pensamento político e social. Proponho-me, assim, a observar a mídia impressa não como um meio de transmissão de conteúdo simbólico, incapaz de promover alterações sociais, mas, ao invés disso, olhá-la como uma criadora de novas formas de agir e pensar, novas maneiras de produzir relacionamento individual e social.

Neste estudo<sup>6</sup>, pretendo ater-me a uma Análise de Discurso Crítica referente a uma reportagem-capa da revista *Veja*, edição nº 789, relacionada ao ensino/aprendizagem de língua inglesa no Brasil. Essa escolha baseia-se na proposição sugerida por Fairclough (2003:247) de que a língua é uma parte irreduzível da vida social, está interconectada com outros elementos da vida em sociedade. Fairclough (2003) identifica as tendências do discurso da mídia em tempo de globalização e as relaciona com as direções gerais de mudança social e cultural. Ele trata especificamente de três tendências do discurso: 'democratização', 'comodificação' e 'tecnologização'<sup>7</sup>. "As duas primeiras referem-se a mudanças efetivas nas práticas do discurso, enquanto a terceira sugere que a intervenção consciente nas práticas discursivas é um fator cada vez mais importante na produção de mudanças" (Fairclough, 2001: 247).

As tendências do discurso à democratização, à comodificação e à tecnologização são veiculadas via discurso midiático por produzirem mudanças efetivas nas práticas de discurso e, também, por interferirem nas práticas sociais. Em relação ao setor educacional, ao ensino da língua inglesa, a tendência à democratização caracteriza-se pela tentativa de homogeneização e de diminuição de assimetria entre os grupos de pessoas; a comodificação se evidencia pela industrialização do saber, destinado a vender produtos culturais e educacionais a seus clientes; e a tecnologização engendra o discurso como técnica em função de propósitos estratégicos.

---

<sup>6</sup> A presente pesquisa está inserida no projeto de pesquisa "Fricções lingüístico-culturais no escopo do ensino e aprendizagem de inglês", coordenado pela profa. Dra. Ana Antônia de Assis-Peterson, vinculado ao grupo de pesquisa "Transculturalidade e Educação Lingüística", registrado no CNPq.

<sup>7</sup> Tais tendências serão explicitadas de modo mais abrangente no capítulo 3 – Metodologia de pesquisa.

O estudo tem como objetivo investigar as marcas do funcionamento dos discursos veiculados em uma reportagem-capa, intitulada “O Brasil aprende inglês”, da revista *Veja*, acerca do ensino/aprendizagem de língua inglesa no Brasil. Para tanto, observo que ideologias perpassam esses discursos e como a revista interpela o sujeito para determinado posicionamento em relação à importância atribuída à necessidade de aprender inglês na sociedade brasileira. Nessa esteira, investigo também o posicionamento da revista diante do fenômeno da expansão da língua inglesa, observo que conceitos científicos são mobilizados para constituir esse discurso, que interdiscursos<sup>8</sup> se constituem e podem ser recuperados no interior do discurso da revista, como são estruturados e concretizados na materialidade da língua nessa reportagem.

### 1.3 As questões norteadoras

A balizar a investigação, as seguintes questões são propostas:

- a) Como é construído o discurso da revista *Veja* sobre o ensino/aprendizagem de língua inglesa no Brasil?
- b) Que ideologias circulam nas reportagens veiculadas pela revista *Veja* em relação ao ensino/aprendizagem de língua inglesa?
- c) Por que se materializa este discurso sobre o ensino/aprendizagem e não outro?

Com estas três questões não tenho o objetivo de exaurir o tema aqui proposto, mas busco contribuir com a discussão corrente, presente em outros trabalhos (Penna, 2005; Gimenez 2006; Grigoletto, 2006; entre outros) envolvendo os discursos midiáticos e suas ideologias a permear as funções do

---

<sup>8</sup> Fairclough (2001: 137) explica a introdução do termo ‘interdiscursividade’ quando a distinção entre intertextualidade manifesta e constitutiva estiver em questão, para enfatizar que o foco está nas convenções discursivas e não em outros textos. Neste trabalho, o termo ‘interdiscursividade’ está relacionada a intertextualidade constitutiva.

ensino/aprendizagem de inglês no Brasil.

#### **1.4 A Estrutura da Dissertação**

A dissertação é composta de cinco capítulos. No Capítulo 1, ora apresentado, introduzi a dissertação explicitando temas e objetivos. Apresento, brevemente, a discussão entre os lingüistas, ocasionada pela expansão da língua inglesa, sobre os aspectos estruturais da língua, suas dificuldades em lidar com ela em sua dimensão social. Também situo o tema e sua justificativa a partir de questionamentos vivenciados por mim como professora de língua inglesa no Brasil.

Sob a luz da Análise Crítica do Discurso (ACD) argumento em favor da importância de examinar os discursos que circulam em torno do ensino/aprendizagem de inglês no Brasil e os efeitos de sentido por eles produzidos, por acreditar que na materialidade dos discursos entre o 'já-dito', o 'não-dito' e o 'interdito' permeiam-se discursos ideológicos e políticos que servem a determinadas instituições e que precisam ser criticamente analisados e não tomados pacificamente como verdades.

No Capítulo 2, analiso a construção teórica dos conceitos de sociedade global e suas relações com o ensino de língua inglesa no Brasil. Observo como a articulação dos itens propostos, tais como a abertura de fronteiras, linguagem e poder, a expansão da língua inglesa e a língua inglesa no Brasil, influenciam a mudança social na realidade brasileira. Examinado, ainda, a importância de uma consciência crítica da linguagem para a cidadania e democracia, a polêmica que suscita e a discussão do assunto voltada para a conjuntura nacional. As questões referentes à linguagem a serviço do poder, o discurso como manifestação da ideologia e a mídia impressa também são focalizadas neste capítulo.

No Capítulo 3, volto-me para a análise discutindo o ancoramento da dissertação na Lingüística, mais especificamente na Análise de Discurso Crítica, de orientação Anglo-Saxônica, de Norman Fairclough. Descrevo o processo metodológico, a seleção dos instrumentos e os procedimentos adotados para a análise, bem como proponho uma discussão sobre a

importância do analista na defesa do saber científico.

No Capítulo 4, analiso o *corpus*, primeiramente de forma descritiva. A primeira manifestação examinada é o uso de signos não-verbais, através de uma análise semiótica. Os textos serão analisados em sua estrutura e sua forma, considerando-se, aí, apresentação, a capa, os títulos, subtítulos e o texto em relação aos tipos de discurso; e também quanto ao significado ou conteúdo pautado na análise das metáforas, intertextualidade e modalidade. Na segunda parte da análise examino as tendências de democratização, comodificação e tecnologização do discurso contemporâneo, no intuito de deslindar a difusão de valores e ideologias, conforme proposta de Fairclough (2001).

No Capítulo 5, apresento as considerações finais e sugiro possibilidades de abertura de discussão sobre o tema com outros interlocutores, não só de setores educacionais, mas da mídia e do público em geral.

## CAPÍTULO 2

### SOCIEDADE GLOBAL E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

*Na virada do século, percebemos que os homens encontram-se interligados, independentemente de suas vontades. Somos todos cidadãos do mundo, mas não no antigo sentido, de cosmopolita. Cidadãos mundiais, mesmo quando não nos deslocamos, o que significa dizer que o mundo chegou até nós, penetrou nosso cotidiano.*

Renato Ortiz (*Mundialização e cultura*, 2003)

Neste capítulo discuto o processo histórico-cultural de transformação da sociedade em um mundo globalizado. Descrevo o panorama mundial em que dois países falantes de língua inglesa – Estado Unidos e Inglaterra - assumem posições de grandes potências mundiais e, deste modo, passam a influenciar social e economicamente os países periféricos.

O capítulo divide-se em quatro seções. A Seção 2.1 discute a influência da língua(gem) na disputa pelo poder através dos séculos. A Seção 2.2 centra-se no processo de abertura das fronteiras, sobre a ocorrência da transformação das realidades e sobre a importância da mídia no processo de globalização. A Seção 2.3 trata do tema linguagem e poder, envolvendo aspectos geográficos e políticos. A Seção 2.4 debruça-se sobre as práticas languageiras veiculadas pela mídia por meio das tendências do discurso à democratização, comodificação e tecnologização. A seção 2.5 analisa a emergência do fenômeno sobre o aprendizado de língua inglesa no Brasil.

#### 2.1 O Princípio

No livro sagrado dos cristãos, a Bíblia, uma das passagens relata o esforço comum de pessoas que desejavam construir uma torre tão alta que



permitisse conectar-se aos céus. Em dado momento, a confusão de línguas tornou a missão impossível. Tão grande era a obra que, estando distanciados uns dos outros, começavam a comunicar-se de modo diferente. A língua, portanto, foi o obstáculo intransponível a essa pretensão.

Historicamente, o homem sempre desejou a formação global, basta verificar desde a Antigüidade, com os grandes impérios, até chegar a Roma. As descobertas das terras além-mar, também, acabaram por constituir-se em sonhos de expansão geográfica de domínios. O discurso da supremacia da raça ariana de Hitler, fato bem recente, talvez seja a declaração mais tácita da tentativa de imposição de uma sociedade global, caracterizada pela supremacia de uma cultura sobre as demais.

O embrião da era da globalização, no entanto, encontra-se sedimentado na teoria formulada por Adam Smith, que constitui-se no suporte ideológico para a confecção do discurso neoliberal.

Segundo Lima Filho (2004: 9-10), pode-se considerar, sob a perspectiva histórica, o discurso neoliberal como a gênese do processo de expansão das fronteiras mundiais, especialmente no que concerne à economia, a partir do século XVI, com o advento do mercantilismo. Ainda, segundo ele, existem referências da globalização desde o século XIX, através de Saint-Simon, que acreditava que a ciência moderna tinha o potencial integrador em escala mundial.

## **2.2 Abertura das Fronteiras**

Lima Filho (2004: 10) afirma que foi somente a partir do século XX que o termo globalização passa a ser conjugado para descrever o processo de rápida expansão da interdependência econômica, política e cultural, especialmente entre as nações ocidentais.

Encontram-se esgotados os discursos nacionalistas que se mantiveram sob a égide de pretensos líderes regionais que se mantinham através do populismo ou da força. Por mais atuante que seja a mística calcada em torno desses messias, logo ela se dilui pela força impositiva da interdependência entre as nações. Não há mais um cenário ao fechamento das fronteiras.

Cada vez mais uma nação depende da outra, ou, cada vez mais uma nação se especializa e depende de mercados externos. O mercado interno, salvo alguns países, é insuficiente para suportar a produção local ou, ainda, de modo inverso, a produção local é insuficiente para abastecer o mercado, por isso, mesmo nas economias mais fechadas, as transnacionais chegam, exercem poder e enfraquecem o Estado.

Afirma Lima Filho (2004: 11) que de forma intensiva e extensiva, com caracterização ampla, flexível e polissêmica, a expressão globalização é aplicada em situações diversas e através de agentes das matizes mais variadas. Atribui-se a ela, de modo amplo, a particularidade de descrever com propriedade, mas de maneira imprecisa, não somente a situação do mundo atual, como também seu devir histórico.

Assim, prossegue Lima Filho (2004: 10), faz-se uso do discurso hegemônico para consagrar o significado como sendo de uma nova ordem mundial que caracterizaria as relações sociais, econômicas, políticas e culturais em escala global na atualidade. Ocorre que a globalização nasce, de modo oposto, pela desordem econômica mundial que permite a ascensão política e econômica de determinados países sobre os demais. Não se trata de nova ordem, mas da velha ordem com menos competição pelo domínio.

Com efeito, globalização coincide, praticamente, com o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a desintegração dos estados socialistas, ou seja, mais propriamente com o fim da denominada Guerra Fria e com a assunção dos Estados Unidos como potência hegemônica. A Guerra Fria se caracterizou marcadamente pela acirrada disputa ideológica entre dois sistemas econômicos distintos: capitalismo *versus* socialismo.

No socialismo as conquistas das classes são derivadas da luta constante e ininterrupta. A história da humanidade é contada através das lutas de classes, de libertação e submissão. Na *práxis*, conforme Engels e Marx (*apud* Lima Filho, 2004), os principais ideólogos do socialismo já destacavam que a conquista das classes não as transformaria, mas promoveria a transformação da realidade na qual estavam inseridas.

A mídia apresenta o processo de globalização como algo inexorável, definitivo e de escala planetária. Contudo, conforme Lima Filho (2004: 12), não é bem assim, apesar de se produzir mercadoria, riqueza mundial, intercâmbio

internacional e tecnologia. Isso não se materializa com a construção de um mundo mais homogêneo, com melhor repartição da riqueza e da produção, do trabalho e de poder. De modo diverso, a concentração de riqueza dá-se exatamente nos países mais ricos, duplicando-se nos últimos 40 anos, do século superado.

Desse modo, o discurso midiático de que a globalização eliminaria as distâncias econômicas não se efetiva e se transforma, ainda mais, em instrumento de dominação pelo capital, possibilitando a imposição de uma ideologia.

Aliás, a respeito de ideologia, o discurso capitalista lembra Utopia, de Thomas Morus, aquela cidade onde tudo funciona perfeitamente bem, ajustada e própria para a realização da felicidade de seus habitantes, apenas pecando por ser mera projeção inalcançável.

As contradições da globalização, segundo Lima Filho (2004: 13-14), favorecem o distanciamento entre pobres e ricos, uma vez que, com a integração entre as economias por mais perfeita e sintonizada que seja, não será capaz de fazer a transposição de um Estado com poucos recursos em um outro com recursos tão iguais aos demais. Isso quer dizer, integram-se as economias, mas o grau de desenvolvimento tecnológico e a dependência econômica se mantêm, o que permite aos mais ricos tornarem-se ainda muito mais. Paradoxalmente, como salienta Lima Filho (2004: 17), o fenômeno globalização assume importância central na sociedade capitalista presente, alcançando consenso nas mais variadas cenas políticas, com amplo leque que transita da esquerda à direita e que inclui concepções marxistas, liberais e o pensamento anárquico, entre outros. Assim, acentua Lima Filho (2004: 17), a globalização pode ser compreendida como processo repleto de características destrutivas da economia moderna, expressando o modo atual de hegemonia e dependência nas relações de Estados e Nações em âmbito mundial. Ainda, Lima Filho (2004: 17) informa que personagens tão diferentes e ideologicamente diversos, como o magnata dos mercados financeiros, George Soros, ou o economista e pensador marxista, Samir Amin, convergem na linha de pensamento de que a globalização representa uma situação instável e insustentável e de desarmonia global.

Conforme Casanova (2000: 46), com o enfraquecimento do discurso

nacionalista calcado em propostas de soberania nacional, criou-se o campo fértil para o desenvolvimento da proposta globalizante. A afirmação da soberania nacional era objeto de desejo das populações para a conquista de direitos de nacionalidade e de garantia de direitos individuais. Assim, deixou-se de lutar pela libertação e as lutas de classe esvaíram-se. Houve a substituição da luta em favor da libertação pela luta em favor da inserção. Prossegue Casanova (2000: 48) alertando que o discurso alinhado de dirigentes mundiais, como Margaret Thatcher, sobre um direito mundial de livre-determinação dos povos, reconhecido em diplomas mundiais, revela-se como um mecanismo capaz de frear as lutas libertárias. Para ele, tal discurso foi mera retórica para retirar o objetivo das lutas pela libertação, favorecendo a manutenção das classes hegemônicas regionais que, sem o perigo de uma intervenção, consolidaram-se. Para o autor, a interdependência econômica dos países reduz a soberania do Estado e é um dos reflexos adversos da globalização para com aqueles denominados em desenvolvimento ou do Terceiro Mundo. Trata-se de uma reformulação das estruturas de dependência de origem colonial e as não menos sólidas do imperialismo dos fins do século XIX, assim como do capitalismo central e periférico que se estruturou entre 1930 e 1980.

Na mesma linha de pensamento, Held (1989: 228) postula que a redução da autonomia do Estado diminui no atual sistema econômico de produção internacional e transnacional, posto que os blocos e organismos de crédito controlam as decisões, antes, de direito interno. Soberania e territorialidade passam a ser meras peculiaridades.

Com propriedade, Bell (1991: 3) afirma que a mudança de categoria ou de classe nunca foi apenas ideológica, mas também de realidade. Assim, prossegue que é inevitável relegar a plano menor as lutas nacionais ou regionais para incorporar-se na luta global para que os países terceiro-mundistas se tornem capazes de fazer frente aos desafios e evitar o triunfo de novas hegemonias. Para ele, a afirmação das hegemonias se planta sobre dependência econômica e seus mecanismos de concessão, que fazem curvar-se as ideologias frente ao poder dos países desenvolvidos, frente à necessidade dos países do terceiro mundo.

Chomsky (2000: 7) afirma que o discurso da defesa da liberdade e da justiça, apregoado pelos países hegemônicos, é apenas uma fase histórica

dedicada à construção de uma sociedade tolerante, cujas ferramentas são a persuasão, compaixão e meios pacíficos.

A meu ver, ao considerar as ponderações de Casanova (2000), podemos observar na análise de Chomsky (2000) a implicação de uma nova estrutura colonialista sobre os países terceiro-mundistas, quer seja um tipo de invasão baseada em discursos libertários que constroem efeitos de sentido sedimentados na liberdade, buscando construir uma sociedade condescendente por meios pacatos, sossegados. Este fato enceta a não-constituição de um centro territorial de poder, pois não se edifica pautado na invasão territorial, mas na inexistência de fronteiras. Assim sendo, a invasão incorpora-se gradualmente, estabelecendo o exercício de poderes ilimitados por parte daqueles que os detêm.

Para Robertson (1992: 8), a globalização consiste na compreensão e na intensificação da consciência do mundo como um todo. Considerando-se, em primeiro lugar, a globalização não como um estado completamente novo, mas como um processo de longa duração, tendo sua origem ligada às primeiras viagens dos exploradores europeus, acelerado nas últimas décadas. Em segundo lugar, considera-se as instituições sociais e povos que sofrem os impactos da globalização, mesmo que não se adaptem aos padrões propostos.

Nas afirmações de Robertson (1992: 9) pode-se vislumbrar que a opção do processo de globalização é bastante ampla: adaptar-se com a submissão dos valores nacionais aos valores do padrão internacional, ou beligerar e mostrar-se independente, enquanto as forças econômicas suportarem, e depois cair de joelhos, em um nobre gesto de reconhecer os equívocos do passado. Em outras palavras, não há opção. O que difere a escolha de um país e outro é apenas o tempo em que se alinha.

Assim, mesmo que se refute a globalização não quer dizer ficar imune aos seus efeitos, pelo contrário, não se ajustando o país é isolado pelas forças econômicas mundiais e passa a ter o comprometimento de sua economia, o que o levará a um grau ainda maior de dependência no futuro.

A globalização tem se revelado como um padronizador de condutas e modelos a serem adotados em comum. Ressalte-se que o modelo é produzido por um país e imposto aos demais como ideal. Assim também pensa Giddens (1991), a globalização gera:

(...) a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos que ocorrem a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que o modelam. A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e espaço. (Giddens, 1991: 69).

Ao se universalizar o padrão, o tomado como ideal, não necessariamente, mas, sempre se tem adotado o do país dominante, ou seja, daquele que se encontra em situação de poder econômico mais estável e desenvolvido. Aos poucos vai se introduzindo termos e costumes que serão as primeiras janelas a se abrirem para a institucionalização de uma língua universal e, logo a seguir, têm-se a alienação através do sonho de, falando inglês, mudar de classe social.

Todavia, conforme afirmam os marxistas, muda-se a realidade, não a classe social, mas em tal estágio de alienação a percepção desta realidade torna-se longínqua. O indivíduo enredado na teia dos acontecimentos sente-se e comporta-se como se, de fato houvesse transitado de uma classe social para outra e, então, passa a proferir o discurso da submissão como justificativa para sua pretensa ascensão de classe.

Em conclusão, conforme o percurso dos acontecimentos observado sob a lente dos diversos autores, o discurso midiático de que a globalização eliminaria as distâncias econômicas não se efetiva, e se transforma, ainda mais, em instrumento de dominação pelo capital, possibilitando a imposição de uma ideologia. A abertura das fronteiras traz consigo as transformações econômicas, sociais e culturais. A luta de classes de outrora é transformada na luta pela inserção neste novo cenário, nesta nova hegemonia, que clama por novas habilidades dos atores sociais. Neste contexto, surge a língua inglesa, conforme o discurso midiático, como o idioma capaz de promover a inserção do sujeito na contemporaneidade iminente e beligerante, interpelando-o por meio de um discurso que influencia a constituição de sua subjetividade, sugerindo uma nova organização do 'eu' na sociedade contemporânea.

### 2.3 Linguagem e Poder

Na definição de Lacoste (2005: 7), a geopolítica da difusão da língua inglesa revela toda a rivalidade de poderes e de influências sobre os Estados nacionais. Assim, verifica-se que a área de influência de uma língua (inglesa) não observa os limites físicos, as fronteiras que delineiam os contornos dos países. Os Estados nacionais passaram a fazer do inglês uma segunda língua. Alguns adotando-a tacitamente, outros dissimuladamente. Aqueles que a adotaram de modo visível instituíram a obrigatoriedade do ensino-aprendizado do inglês nas redes de ensino. Enquanto os outros, embora não a tenham adotado publicamente o fazem de modo permissivo ao aceitar a utilização de termos para designar coisas e nomes de pessoas em inglês. As pessoas, muitas vezes, mesmo não compreendendo o significado de um nome, gostam da sonoridade ou notoriedade dele e o dão ao seu filho. Podem, ainda, nominar empresas ou instituições. Tudo isso passa a ser elementos simbólicos representativos de uma dominação e submissão, quando se aceita o estrangeiro como um ideal a ser repetido.

Relata Lacoste (2005: 7) que há séculos a difusão de uma língua sobre as demais tem ocasionado rivalidades territoriais. Essas rivalidades lingüísticas deram origem aos Estados nacionais identificados, então, muito mais pela língua falada, que propriamente por outro fato que o distinguisse do vizinho. Muitas vezes, os elementos culturais e étnicos são muito próximos, ou até de origem comum. Todavia, pelo apego à língua como algo seu, passou a constituir o diferencial capaz de se caracterizar como elemento da identidade nacional.

Alguns países, mesmo sob dominação, mantiveram-se unidos através da manutenção da língua padrão, apesar da língua oficial ser o inglês. A imposição criou a reação. Lacoste (2005.:8) lembra que em cada um dos Estados independentes, as línguas autóctones se mantiveram em maior ou menor grau, mesmo que a língua do ex-colonizador tenha permanecido como oficial.

A massificação da utilização da língua inglesa também tem origem no colonialismo quando se implantou o inglês como língua oficial das suas várias colônias em detrimento das línguas nativas. Naquela época, a Inglaterra era a

principal potência econômica da Europa e, por extensão, do mundo. Assim falar inglês representava uma vantagem para quem buscava ascensão social.

Conforme Vasconcelos (1999: 5), a expansão do vernáculo foi predita desde a ocupação da América do Norte e consolidou-se ao longo da dominação do Império Britânico. A língua inglesa era símbolo de poder. No período pós-colonial, o papel do inglês nas estruturas das relações internacionais manteve-se. Os países recém independentes mantiveram o inglês como língua oficial.

As guerras ditas mundiais também serviram para instrumentalizar a língua inglesa como língua universal. Nesses episódios sempre houve a influência econômica de um país vencedor do conflito, que era praticante da língua inglesa (Inglaterra e Estados Unidos), sobre os demais. Assim, tolerantes, os membros das alianças internacionais vencedoras permitiram que o inglês fosse adotado como língua oficial dos aliados.

De acordo com Vasconcelos (1999: 6), a partir da Guerra Fria, que consistia em uma disputa política e institucional entre duas nações que buscavam a hegemonia mundial (Estados Unidos e União Soviética), graças ao poderio econômico dos Estados Unidos passou-se a financiar o ensino de inglês globalmente, com fins supostamente assistenciais. Todavia, camuflando o interesse norte-americano de estender sua influência. Assim, sob o pretexto de melhorar a comunicação e facilitar o desenvolvimento de programas assistenciais aos países alinhados com sua política externa, aos poucos o inglês foi se tornando a segunda língua e consolidando a influência do padrão americano.

Houve, então, um distanciamento entre o discurso e a *práxis*, visto que a pregação era uma, porém o objetivo que se efetivava era outro. O discurso, como acentua Pennycook (1994: 32), construído nos círculos de profissionais das áreas de Lingüística e Lingüística Aplicada, afirmava a propagação do inglês como processo natural, neutro e benéfico. Considerado como natural, porque o inglês teria, de alguma forma, se dissociado de seus contextos sociais (Inglaterra e Estados Unidos), tornando-se um processo de comunicação neutro que beneficiaria a todos por estar proporcionando a possibilidade de cooperação e compreensão entre os países. No mesmo sentido, Gnerre (2001: 9), declara que o código aceito “oficialmente” é apontado como neutro e



superior e todos os cidadãos têm que produzi-lo e entendê-lo nas relações sociais.

No entanto, alerta Thompson (2005: 19) que em todas as sociedades humanas houve a preocupação, a produção e o intercâmbio de informações de conteúdo simbólico. Toda e qualquer forma de comunicação não é neutra, pois traz consigo conteúdos simbólicos próprios da vida social onde foi produzido, pouco importando se essa comunicação se efetiva através de gesto, da língua até os mais recentes instrumentos desenvolvidos na tecnologia computacional. Aliás, um dos meios mais sub-reptícios e impositivos da criação da “necessidade” de saber inglês dá-se através da tecnologia, especialmente porque as sedes das indústrias, na maioria das vezes, se situam em países de língua inglesa. Desse modo, soam como naturais expressões presentes no dia-a-dia das pessoas que trabalham com informática quando se deparam com termos, mesmo nos teclados denominados ABNT2: *Caps Lock*, *Backspace*, *Insert*, *Delete*, *End*, *Enter* entre outras. Não mais se questiona a língua utilizada, o usuário apenas aperta teclas. Abre-se, assim, um campo fértil para a concepção da idéia de globalização, qual seja a produção em termos culturais da adoção de uma língua única, universal: o inglês.

Conforme Lima Filho (2004: 20), as interpretações entusiastas tratam a questão da globalização como um fenômeno resultante das transformações científicas e tecnológicas ocorridas no último quarto de século. Mas, a globalização está intimamente ligada à ordem econômica, mais propriamente ao poder econômico e à manutenção da situação atual. Trata-se da confirmação da supremacia do hemisfério norte sobre o sul. Lima Filho (2004: 11) refere-se ao discurso hegemônico da globalização como caracterizador de uma nova ordem mundial, de relações sociais, econômicas, políticas e culturais. O inglês, portanto, seria o veículo propalador desse discurso. Tornou-se a língua difusora dos novos tempos – de globalização – propagando-se no plano mundial como a língua da globalização guiada pela idéia da necessidade de uma língua comum entre os povos.

Todavia, alerta Thompson (2005: 21), o poder é um fenômeno social penetrante, característico de diferentes tipos de ação e de encontro, podendo se constituir em ato reconhecidamente político. De acordo com esse autor, existem quatro tipos principais de poder: econômico, político, coercitivo e

simbólico. A meu ver, no tocante à língua inglesa, embora se manifeste nos quatro tipos, aqueles que efetivamente se materializam como os mais efetivos, sem dúvida, são o econômico e o simbólico, pois o inglês é oferecido como oportunidade de emprego, ou melhor, como condição para o emprego.

Desse modo, o poder econômico que é derivado das atividades relacionadas à provisão de subsistência estando acumulado naqueles que dominam e utilizam o vernáculo inglês, ao submeterem os demais a sua utilização, aumentam o seu poder. No Brasil, hoje, o aprendizado da língua consta dos currículos escolares, mas se efetiva de modo coativo através do poder econômico e simbólico a fomentar a crença na mobilidade social e econômica.

Com propriedade, Lacoste (2005: 10) recorda o processo de reconstrução da Europa, após a II Guerra Mundial, em que grandes indústrias norte-americanas se instalaram, colocando como necessidade dos quadros de profissionais europeus aprenderem o inglês. De certo modo, essas indústrias eram micros Estados, dentro de um Estado maior. Toda informação e comunicação se efetivavam em inglês, em total desprestígio à língua nacional, criando entre os excluídos do processo um sentimento de que ou aprenderiam inglês ou estariam definitivamente excluídos do processo produtivo. Assim, a globalização é, antes de tudo, um processo impositivo de um padrão lingüístico que se efetiva pelo domínio e submissão ao poder econômico. Convém lembrarmos como Foucault se refere ao poder:

O conceito de poder foucaultiano se situa, entretanto, em algum lugar entre o *direito* e a *verdade*. Foucault quer estudar o modo pelo qual o poder se exerce, o "como do poder", conforme ele mesmo explica – em outras palavras, isso equivale a compreender os mecanismos do poder balizados entre os limites impostos de um lado pelo direito, com suas regras formais delimitadoras, e de outro pela verdade, cujos efeitos produzem, conduzem e reconduzem novamente ao poder. É nesse sentido que Foucault menciona a relação triangular que se estabelece entre esses três conceitos: poder, direito e verdade (Foucault 1999: 28).

Diante do que Foucault pontificou, o poder econômico é exercido para confirmar e validar as relações de imposição de uma globalização que, consolidada, passará imediatamente a tornar-se um poder ainda maior para

aqueles que a dominam.

De acordo com Silva (2004: 160), a temática do poder permeia a obra de Foucault em dois momentos distintos: primeiro na arqueologia, na qual a relação saber/poder e verdade científica está conectada ao verdadeiro da época, ou seja, tudo que 'é tomado como verdadeiro numa época está ligado ao sistema de poder', tornando a validação do conhecimento científico uma questão de poder. Aquele que o detém é autorizado a determinar o discurso verdadeiro. No segundo momento, da genealogia, o destaque se dá por meio das práticas de poder e sua influência na subjetivação do sujeito. Foucault explora a articulação entre saber/poder, pois inserido nela encontra-se o sujeito. Nesta relação heterogênea entre poder e saber, os indivíduos passam a ser subjetivados e se constituem como sujeitos. Para Foucault (1993), a subjetividade é produzida, moldada e 'fabricada' em diferentes práticas discursivas.

Nesse sentido, no discurso da mídia sobre o ensino/aprendizagem de língua inglesa, o investimento na subjetividade do leitor é feito com técnicas e estratégias que o sensibilizam para o poder detido por quem domina o idioma, ao mesmo tempo em que o ameaça por meio de um discurso que coloca em risco sua inserção no mercado de trabalho.

Therborn (1999: 65), por sua vez, vê na globalização dois tipos diferentes de poder. Um deles se firma nos atores subglobais que são gerados e enraizados fora da globalidade, como no caso de processos de nacionalização, nos quais impõem-se a vontade dos mais poderosos sobre determinado número de atos aos menos poderosos. No outro tipo identificado, os atores recebem o roteiro e o mapa na cena da ação. Portanto, nesse último, os atores não se interam, apenas assimilam. Desnecessário dizer que qualquer deles é perverso com a identidade cultural dos submissos.

É apropriada uma abordagem dessa identidade cultural tendo a língua como elemento característico. Giddens (2002: 9) referindo-se a essa questão, diz que a língua é parte da auto-identidade, ou, em outras palavras, parte do eu, explicado pela Psicologia freudiana. Assim, a globalização se reveste como um processo de desconstrução da identidade nacional e, por via reflexa, da identidade particular de cada um dos seus falantes.

Verifica-se que esse processo de globalização funciona como

mecanismo de esvaziamento dos conteúdos próprios de cada língua e da substituição gradual de seus significados. É o fenômeno da aculturação. Sem identidade, a pessoa facilmente substitui seus valores pelos daquele que está situado em condição mais vantajosa. Há um desejo implícito de mudar de lugar. É essa a proposta da globalização, transformar países de terceiro mundo em países desenvolvidos, desde que reneguem seus valores, suas identidades, e abram, literalmente, suas fronteiras para a invasão do mercado.

Conforme Giddens (2002: 23), o processo de esvaziamento do tempo e do espaço é crucial para a principal influência que possibilita que o fenômeno globalização seja interpretado por esses atores passivos como sendo entendido – e correto – que a “simples” mudança de valores modificará a sua realidade e que o inglês é o remédio. No papel de externalizar essa tendência inexorável, as imagens de televisão, cinema e vídeo criam a textura de experiência. Os atores começam a se identificar com as personagens e a viver como elas.

Como destaca Ortiz (2003: 24), a globalização vincula um mundo a um sistema e integra todos os horizontes mundiais como horizontes de um único sistema comunicativo. Estando os atores expropriados dos valores intrínsecos à língua, passam a experienciá-los através do veículo apresentado como neutro e comum – o inglês. O não domínio do inglês significa o não domínio do processo de comunicação mais elementar: a fala. Paradoxalmente, em determinados graus de plausibilidade, a busca pelo domínio da língua inglesa significa exatamente submissão aos valores nela intrinsecamente conduzidos e, por isso, pode-se dizer que se trata de um processo aliciante.

Nele, alguns mais informados conseguem neutralizar os efeitos nocivos e tratar do domínio da fala inglesa como propriedade, mantendo-se titulares de sua própria identidade, mas aos massificados pelo processo não lhes é permitido a compreensão. A razão desta ausência de compreensão pauta-se na difusão da língua inglesa como instrumento, desprovida de valores ideológicos, tanto pela mídia quanto pela academia. Aliás, o trabalho desenvolvido por Cox & Assis-Peterson (2001) ratifica, através da fala dos professores de língua inglesa, o desconhecimento de professores de língua inglesa sobre a pedagogia crítica:

A maioria dos professores de inglês que entrevistamos diz desconhecer a pedagogia crítica. Podem até ter ouvido falar (“Já ouvi falar, mas não li”; “Vi como manchete mas a essência não conheço”), porém, não foram tocados por ela. À margem dos debates que começam a ser travados sobre a questão em diferentes pontos do mundo, seguem convictos livres de crise de consciência, de que o binômio “competência lingüística e competência pedagógica” é a melhor via para se ensinar/aprender uma língua estrangeira. (Cox & Assis-Peterson, 2001:17)

Os massificados apenas assimilam, e não conseguem abstrair-se da realidade concreta para visualizarem tudo o que se encontra sub-repticiamente engajado no processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa. Não conseguem refletir, e por isso são influenciados e permanecem cativos.

Assevera Ortiz (2002: 27) que a difusão da língua mundial – o inglês – não é fortuita nem inocente, e, fazendo uma digressão histórica, leva-nos à existência da Inglaterra como potência colonizadora, ao papel econômico dos Estados Unidos da América no século XX, à presença de corporações multinacionais e, mais recentemente, às transformações tecnológicas com profunda influência da sua cultura de origem (norte-americana). Leva-nos a perceber que o processo de imposição de uma língua não é novo. Houve na história a imposição do árabe no mundo islâmico, do latim no Império Romano, onde o poder – força coercitiva – exercia papel central na difusão.

No entanto, a linha de raciocínio de Ortiz (2003: 28) afirma que a tomada do inglês como língua oficial das relações internacionais não significa declínio ou desprestígio de outros idiomas.

Por conseguinte, a meu ver, o grande dilema a ser enfrentado versa sobre a necessidade de aprender o inglês, o mundo globalizado e a preservação da identidade cultural dos falantes. Se por um lado poder-se-ia dizer que o inglês resolveu o problema da Babel, que foi o símbolo da dificuldade da construção de um projeto comum de todos os povos, por outro lado a necessidade de aprender inglês não pode ser guiada meramente por interesses econômicos com aspiração de dominação ideológica disfarçada. O inglês não representa o idioma da compreensão universal. O projeto não é comum, pelo contrário, trata-se de um projeto das potências hegemônicas que precisam de mercados – mercado consumidor para seus produtos e fornecedor

de matéria-prima ou mão-de-obra barata.

## **2.4 Mídia e poder: as tendências do discurso na contemporaneidade**

Toda essa aspiração é legitimada pela mídia. Esse poderoso instrumento é utilizado como legitimador das intenções dissimuladas de dominação, sendo capaz de persuadir os mais incautos da neutralidade da língua inglesa, da globalização como fenômeno inexorável e necessário para o desenvolvimento da humanidade e sendo capaz de encurtar distâncias históricas e econômicas. Pedro Navarro (2005), em seu artigo “O sentido nas malhas do discurso”, assim se pronuncia sobre a mídia:

Embora os Estudos Culturais tenham mostrado que a fragmentação da identidade é uma realidade, que aquilo que constitui o sujeito pós-moderno é o descentramento e a fragmentação do eu, a mídia, a serviço de determinadas instituições que detêm o saber e o poder, se vale de um discurso que procura produzir um efeito de sentido de unidade sobre as identidades. Esse discurso tende tanto a apagar a fragmentação quanto a fixar um sentimento de unidade. Tendo em vista que o interesse dessas instituições é de ordem política e econômica (globalização, neoliberalismo etc), é preciso um sujeito não fragmentado para atender aos interesses dessas mesmas instituições. Esse sentimento de uma identidade unificada é um efeito de discurso, efeito de uma narrativa confortadora do “eu” e de estratégias discursivas empregadas por discursos que estão a serviços das instituições.

Em última análise, aprender inglês é inegavelmente uma vantagem nesse mercado competitivo em países como o Brasil. O que não é trazido pela mídia às discussões é o processo de alienação promovido pelo culto à língua inglesa. Esse culto começou há muito tempo com a música propalada inicialmente pelo rádio, depois pela televisão. Era comum pessoas, que nem sabiam o significado das palavras, “cantarem” em inglês. O cinema também contribuiu para esse endeusamento da língua inglesa. Assim, através da indústria do entretenimento, o sujeito é levado a se entreter através da história, esquecendo-se da sua realidade. Em dado momento, o agente não questiona

mais, passa a reproduzir o modelo.

Em seu texto sobre as escolas de línguas e o discurso publicitário, Carmagnani (2001) acentua que o discurso publicitário dos institutos de idiomas reforça efeitos ideológicos veiculados pela mídia sobre o ensino/aprendizagem de inglês, porém observa que esses discursos apenas confirmam visões que estão inseridas na memória discursiva do brasileiro.

O desenvolvimento midiático ocupa um lugar central na sociedade moderna. A mídia circula contextos, transmite informação de conteúdo simbólico, cria novas formas de ação e de interação e estabelece tipos de relações sociais novas, do sujeito consigo mesmo e com os outros. (Thompson, 1998).

Fairclough (2001: 247), ao discorrer sobre as mudanças em progresso na ordem do discurso da sociedade contemporânea, identifica três tendências: 'democratização', 'comodificação' e 'tecnologização' do discurso. Postula que a identificação dessas tendências nas mudanças discursivas propicia um meio de observar as mudanças sociais e culturais da contemporaneidade. Os efeitos de sentidos circulados pelas tendências interagem e se atravessam, configurando a luta hegemônica sobre a estrutura das ordens do discurso. Para ele, as tendências influenciam a constituição da subjetividade ou 'individualidade' pelo discurso, na constituição do 'eu' na sociedade contemporânea.

A democratização pode ser vista como um enfraquecimento do controle, em oposição à comodificação, no entanto esta implica naquela, ou seja, uma depende da outra para produção de sentido. Fairclough (2001:248) cita que entende por democratização do discurso "a retirada de desigualdades e assimetria dos direitos das obrigações e do prestígio discursivo e lingüístico dos grupos de pessoas". Para ele, a retirada de marcadores explícitos de hierarquia de poder – imperativos, formas assimétricas de tratamento, vocabulário específico – constitui uma marca da democratização do discurso, pois simulam a retirada dos detentores de poder, porém estão apenas substituindo os mecanismos explícitos por mecanismos encobertos. A tendência à informalidade do discurso, o tom conversacional privado a invadir os discursos e as esferas públicas são mecanismos de simulação de igualdade nas relações de poder.

Fairclough (2001: 225) explica que a tendência à comodificação, termo

empregado por Karl Marx, por sua vez, situa o discurso educacional, a cultura, as artes e as demais manifestações sociais no mercado econômico-mercadológico, onde estes são vendidos como mercadorias aos seus 'clientes' ou 'consumidores'. Para ele, ocorre a transferência dos discursos do mercado, de seu vocabulário, para a ordem do discurso educacional, transformando-o em mercadoria útil no contexto industrial. Apesar de não produzir mercadorias no sentido *stricto* da palavra, as instituições passam a ser definidas e organizadas em termos de produção, distribuição e consumo de mercadorias.

Por Norman Fairclough (2001: 264), a 'tecnologização' é definida como um conjunto de técnicas ou recursos inerentes às sociedades atuais, a serem utilizados de maneira estratégica para "ter efeitos particulares sobre o público". Especialistas em linguagem, conhecedores do funcionamento da sociedade, utilizam-se destas técnicas na tentativa de exercer o controle sobre a vida das pessoas. As tecnologias discursivas viabilizam a utilização do conhecimento da linguagem para o exercício do poder por meio do discurso, mediante um planejamento consciente dos aspectos relacionados à escolha lexical, gramática e organização do diálogo. Assim, ele enuncia que

As tecnologias discursivas estabelecem uma ligação íntima entre o conhecimento sobre linguagem e discurso e poder. Elas são planejadas e aperfeiçoadas com base nos efeitos antecipados mesmo nos mais apurados detalhes de escolhas lingüísticas no vocabulário, na gramática, na entonação, na organização do diálogo, entre outros, como também a expressão facial, o gesto, a postura e os movimentos corporais. Elas produzem mudança discursiva mediante um planejamento consciente. Isso implica acesso de parte dos tecnólogos ao conhecimento psicológico e sociológico.  
( Fairclough, 2001: 265)

## 2.5 A Expansão da Língua Inglesa

A globalização, o ensino da língua inglesa, as tendências do discurso em torno da democratização, comodificação e tecnologização se assentam sobre uma construção ideológica, em que aqueles que mais rapidamente se ajustam à nova ordem serão os maiores beneficiários. Ideologia, nesse caso, é



uma política de Estado – de estado dominante. A idéia é de que as sociedades havidas como subdesenvolvidas devem alinhar-se para livrar-se das estruturas institucionais tradicionais, que seriam as limitantes para o desenvolvimento econômico e a prosperidade, alocando, em seu lugar, um modelo eficaz das sociedades ocidentais a fim de conquistarem os benefícios da globalização.

Assim, a construção ideológica de que inevitavelmente o desenvolvimento estaria intrinsecamente ligado ao aprendizado do inglês se assenta na imposição da adoção do inglês nos processos das áreas de pesquisa e desenvolvimento tecnológico. Todas as descobertas e equipamentos são expressos na língua inglesa, para ter acesso é preciso decodificá-la.

Martins (2004: 40) afirma que ideologia como pensamento está na origem dos movimentos políticos e possibilita a interação de uma sociedade. Assim, estudar uma construção ideológica consiste em examinar o complexo conjunto de ligações ou mediações entre seus níveis mais e menos articulados. Para este autor, a ideologia é, antes de tudo, uma questão de discurso mais do que uma de linguagem, mas uma questão de determinados efeitos discursivos concretos que possibilite a significação como tal.

Nessa visão, ideologia constitui-se na base de representações sociais partilhadas entre si por membros de um determinado grupo social. Assim, através de operações de legitimação com base na linguagem, a ideologia executa função essencial na produção discursiva dos mecanismos de sustentação do poder, podendo ser por intermédio da manutenção e controle ou, ainda, pela via da contestação e da transformação.

Nesse sentido, vale recordar que a mobilização e a fixação de sentidos de uma ou outra formação ideológica levam-nos a considerar o conceito de hegemonia, prossegue Martins (2004: 40), citando Gramsci (1971), que considera hegemonia como uma característica fundamental da luta pelo poder nas sociedades capitalistas modernas. Martins (2004: 40) também cita Fairclough, que, por sua vez, trata a hegemonia como podendo servir tanto à liderança quanto à dominação nos vários âmbitos da sociedade.

Assim, hegemonia passa a ter o significado de um poder que se assenta sobre a sociedade como um todo, servindo a uma classe dominante sobre as demais forças sociais. A hegemonia, na atualidade, opera através de alianças

e estratégias, nem sempre reveladas.

Para o propósito deste trabalho considero o conceito de 'ideologia' de Norman Fairclough (2001), desenvolvido em seu estudo sobre a relação entre ideologia e práticas discursivas, conforme registrado no capítulo 3, seção 3.1. Ele concebe o discurso como prática política e ideológica, enunciando que

(...) o discurso como modo de prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas ( classes, blocos comunidades, grupos) entre as quais existe relação de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. (Fairclough, 2001: 94)

Assim sendo, Fairclough conclui que estes dois aspectos do discurso – político e ideológico – estão inter-relacionados e dependentes um do outro, pois a ideologia do discurso está nas significações que são geradas no domínio político, inseridas nas relações de poder. Resende & Ramalho ( 2006: 48) afirmam que relações de poder, para Fairclough, “são mais eficientemente sustentadas por significados tomados como tácitos, pois a busca pela hegemonia é a busca pela universalização de perspectivas particulares”.

Assim, o inglês não é mera ferramenta prática para universalizar os conhecimentos e usos. Como acentua Vasconcelos (1999: 10), o subdesenvolvimento de alguns países deve-se ao desenvolvimento de outros em virtude das relações de desigualdade de exploração que tenha havido entre eles. Em outras palavras, o grau de riqueza e desenvolvimento dos países industrializados deve-se a um passado – ou presente – de exploração econômica sobre outras nações, ou seja, a miséria de um deve-se à voracidade da construção da riqueza do outro.

No passado, a busca pela soberania construiu os estados nacionais; no presente, a globalização e a busca pela sobrevivência econômica neutralizaram essa conquista, tornando-a inócua. Não se fala mais em cidadão nacional, mas em cidadão do mundo. Para Ortiz (2003: 95) existe nos países em desenvolvimento uma identificação da língua inglesa com primeiro mundo, a que pretendem imitar identificando modernidade com *American way of life*. Trata-se de uma expansão norte-americana através da língua, que é um

elemento da cultura. Portanto, a possibilidade da modificação, reportando-se à Semana de Arte Moderna, em que uma figura performática deglutia aquilo que lhe era externo, para processá-lo e torná-lo seu, não se efetiva. As personagens apenas assimilam o que lhes é transmitido pela cultura superior e não possuem “ânimo” para realizar a tarefa de transformação. Assim, torna-se objeto e não sujeito, uma vez que se submete e é apropriado pela língua estrangeira, quando deveria apropriar-se dela.

Continua Ortiz (2003: 97), afirmando que o avanço da mundialização significa submissão das partes que se pretende elevar à categoria de desenvolvidos. Para ele, as relações mundializadas não são apenas expressões indiferenciadas do movimento de globalização, mas deve-se pensá-las como instrumento de que se utilizam os dominantes para a construção de uma “mega-sociedade”, onde eles perpetuam-se na posição hegemônica. Trata-se, portanto, de uma técnica utilizada para a consolidação de suas bases, com outras nuances, mas preservando a sua essência.

Para Ortiz (2003: 98), a imposição da língua suprime a autenticidade das línguas nacionais. Língua não é apenas um instrumento de comunicação. É, antes de tudo, um instrumento de poder. E é esse poder que está sendo transferido paulatina e pacificamente através da imposição globalizante em que os economicamente mais fortes ditam a língua universal, restando aos demais apenas aceitá-la. Afirma ele, que a unidade política – buscada pela globalização – se faz por intermédio da codificação e da submissão das línguas nacionais.

Esse aspecto, citado por Ortiz (2003:98), é facilmente recuperado através da voz de Foucault, na *Ordem do Discurso*. Para ele, cada sociedade tem sua política de verdade e o discurso que prevalece é o discurso de quem detém o poder. Qualquer tipo de discurso, seja ele (o discurso) político, religioso, médico ou jurídico, não se apresenta dissociado de papéis pré-estabelecidos e sob o jugo de quem é autorizado a proferi-lo. A vontade de verdade não reflete a expressão do desejo do homem, mas o jogo entre o desejo e o poder. O discurso que prevalece na sociedade é o discurso do sujeito detentor do poder. Assim sendo, não há espaço para o discurso do indivíduo que não o seja.

O saber sobre a língua inglesa apresenta-se como uma forma de

manifestação de poder que é exercido por aqueles que detêm esse saber. Em 1998, Cox & Assis-Peterson publicaram um artigo sobre a campanha publicitária da escola Cultura Inglesa, veiculada em *outdoors* nas ruas de Cuiabá, Mato Grosso, que, emblematicamente, sintetizava a tentativa de expansão (ou imposição?) da língua inglesa no mundo. De acordo com as autoras, o texto publicitário combinando imagens (o globo terrestre recoberto pela bandeira britânica) e palavras (o enunciado “Aprenda inglês com quem ensinou o mundo a falar”) legitimava, de certa maneira, a manifestação do poder exercido pela escola de idiomas e seu saber sobre o leitor. Movidas por um sentimento de estupefação diante da propaganda “redundante e acintosamente colonialista”, assim se manifestaram:

(...) Esse parâmetro nos permite compreender por que nós leitores imaginamos o enunciador veiculando/defendendo valores aparentemente inconfessáveis no quadro do ideário político internacionalmente hegemônico. É inacreditável que alguém, conscientemente, confesse em público ( Quer coisa mais pública que um *outdoor!*) ainda envergar a bandeira da ideologia colonialista. Somos levados a pensar que é o impulso desejante do colonizador que irrompe, inconscientemente, no texto, malgrado a censura que o mundo esclarecido não cessa de lhe impingir. E, ao se insinuar, o impulso desejante do colonizador desperta no leitor o impulso desejante do colonizado, um impulso emancipatório, que vocifera até diante de sinais involuntários (involuntários ?) de alguma ameaça à sua identidade. ( Pagliarini Cox & Assis-Peterson, 1998: 24)

Parece que a reafirmação do discurso da conquista territorial britânica de outrora pretende ratificar seu poder hegemônico, mas desta vez sem armas ou demanda por território. O que está em questão agora é pertencer, ou não, ao time dos conquistadores do mundo, que confirmam seu domínio na era tecnológica por meio do idioma que falam. No entanto, o leitor (consumidor/cliente) é livre para escolher o lado que deseja estar na proposta de futuro veiculada pela mídia em questão. Desta forma, interpela-se o ator social a tomar parte no clube dos conquistadores e vitoriosos por intermédio da fonte mais pura, aquela que transmite a ‘cultura inglesa.’

## 2.6 A Língua Inglesa no Brasil

Ao analisar o ensino da língua inglesa no Brasil, Vasconcelos (1999: 14) afirma que o imperialismo da língua inglesa encontra-se sedimentado desde há muito, influenciando a evolução da história nacional. Em seu processo histórico, o Brasil, colonizado pelos europeus, sofreu a imposição da língua portuguesa como oficial para fins religiosos e educacionais. Cunha (1996: 3) nos diz que

Os portugueses dominaram o país por quase cem anos (1500-1889), mas não antes do século XVIII, durante o reinado de Dom José I foi que a língua portuguesa foi requerida para fins oficiais. O primeiro ministro de Dom José, o Marquês de Pombal, prescreveu através do Diretório dos Índios (1759) o uso do português nas missões controladas pela Companhia de Jesus.

Ocorre que, no século XX, o Brasil muda sua relação de dependência da Europa para os Estados Unidos. Esse processo iniciou-se a partir da I Guerra Mundial, quando o Brasil, devido à crise do café, recorreu a empréstimos nos Estados Unidos. Após a II Guerra Mundial, os Estados Unidos despontam como a grande potência econômica, militar e política, concretizando o processo de dependência.

Para Cunha, o preço pago pelo país pela independência de Portugal, significou a dependência da Inglaterra. Na atualidade, houve uma mudança de personagens, saindo de cena a Inglaterra e entrando os Estados Unidos.

No que tange ao ensino de língua inglesa no Brasil, torna-se importante citar Philipson (1992), que classifica o Brasil dentre os chamados países periféricos em relação à língua inglesa. Para isso, ele faz duas distinções entre os países:

Países que utilizam a língua inglesa como internacional, e países em que a língua inglesa foi imposta através da colonização, e onde a língua é transplantada com sucesso e ainda serve a propósitos intranacionais.

No Brasil, a ideologia de superioridade da cultura Anglo-Americana é amplamente divulgada, especialmente através do ensino da língua inglesa. No

entanto, no dia-a-dia, o inglês é apresentado como um sinal da classe dominante. Conseqüentemente, torna-se um símbolo de prestígio e *status*. Porém, diante da grande desigualdade social de nosso país, somente a classe média e classe média alta têm acesso ao aprendizado da língua em institutos de idiomas. Mesmo para aqueles que não têm acesso, o inglês é evidenciado em nomes de empresas, propagandas e nomes próprios. Esse último fato citado, a escolha dos nomes, pode ser percebido no ensaio de Roberto Pompeu de Toledo, publicado na revista *Veja* (14/06/2006) sobre a depredação do Congresso Nacional pelo movimento chamado MLST. Em sua redação, o autor analisa o nome dos envolvidos, e ao dirigir-se a uma moça que figurou como personagem central do evento, assim ele discorre sobre seu nome

Francielly nasceu pobre. Na verdade isso nem precisaria ser dito, basta atentar para seu nome. Só pobre se chama Francielly, e ainda por cima Denizia, e ainda por cima Asêncio. O primeiro nome é exótico como é voga entre os pobres. Os outros dois parecem resultar de erros de ortografia (...).

Por meio desse comentário, o autor revela a permeabilidade da língua inglesa nas classes mais baixas, àquelas que não têm acesso ao aprendizado do idioma em institutos de idiomas, mas que mesmo assim apresentam o uso da língua inglesa. Para Paiva (1996:26), o imperialismo cultural americano é facilmente percebido no Brasil e em outros países periféricos. Para ela, este é o resultado da presença hegemônica dos Estados Unidos no mundo e também da dependência econômica desses países:

O terceiro mundo não está mais sendo dominado essencialmente pela força armada, mas pela língua, matéria prima do imperialismo cultural causado pela dependência econômica. A língua inglesa circula entre nós como uma mercadoria de alta cotação no mercado. A importação de palavras estrangeiras atende muito mais a uma necessidade simbólica de identificação com uma sociedade de grande poder político e econômico do que a necessidade de nomear novos conceitos e objetos. (Paiva, 1996:26)

A utilização de meios persuasivos fez, através da língua, crescer uma espécie de adoração à cultura do colonizador, procurando imitá-la. Assim,

tendo o controle da cultura, impõe sua ideologia e controla o poder. Serve-se de um vasto arsenal de convencimento proporcionado pelos meios de comunicação que servem para disseminar a alienação menosprezando a cultura nacional frente à externa, com isso reduzindo a identidade cultural.

Pereira (1998), em seu estudo sobre livros didáticos de inglês utilizados na rede pública, enuncia que a conseqüência mais séria da mitificação do livro texto “verificou-se nas aulas observadas o uso exclusivo do livro como fonte de conteúdo, com o qual o professor estabelece uma relação de fidelidade total(...) (Almeida Filho, 1991). Essa é a atitude encadeadora da apresentação das atividades que gera a aceitação, a assimilação e a transmissão de conteúdos que não carregam questionamentos ou avaliação crítica.

Segundo Vasconcelos (1999: 14), os professores de língua inglesa tendem a demonstrar atitudes positivas em relação a itens característicos da cultura inglesa e menosprezar ou ainda interpretar equivocadamente os aspectos da cultura nacional. Para ela, os professores possuem uma atuação dualista, ora mediando com seus alunos na condição de colonizados pelos Estados Unidos, e ora de colonizador de seus alunos.

Em relação à atitude dos professores de língua inglesa, Cox & Assis-Peterson (2001) comentam que no Brasil

o movimento da pedagogia crítica no ensino de inglês é um movimento inexpressivo. Um ou outro professor universitário dedica-se a ela em suas pesquisas. Convivendo entre professores de inglês do 1º, 2º e 3º graus, ficamos com a sensação de que a pedagogia crítica, ironicamente, ainda não desembarcou na terra de Paulo Freire. Ficamos com a sensação de que o discurso dominante essencialmente harmonizador e culturalmente integrativo permeia, sem concorrência, o ensino de inglês aqui no Brasil.

A maneira não-crítica do professor de inglês pode resultar na transmissão de uma ideologia que proporciona a perda da identidade e de grupos de referência entre aprendizes não-críticos, provocando, no aprendiz, a incorporação de valores que o tornam desejoso de pertencer ao grupo de cultura dominante.

Paulo Freire (1970) denomina esse fenômeno de “invasão cultural”, pois a cultura dominante penetra outras culturas e impõe seus valores e opiniões sobre o mundo.

Para a que invasão cultural aconteça, é essencial que os invadidos estejam convencidos de sua inferioridade intrínseca. Como tudo tem o seu oposto, se aqueles que são invadidos se consideram inferiores, eles devem necessariamente reconhecer a superioridade dos invasores. Os valores dos invasores tornam-se o modelo dos invadidos. Quanto mais acentuada é a invasão e os invadidos alienados do espírito de sua própria cultura e de si mesmos, mais eles desejam ser como os invasores: andar como eles, vestir-se como eles, falar como eles falam. (Freire 1970, p. 151)

No Brasil, essa invasão ocorre de muitas maneiras e vários instrumentos são utilizados. Dentre eles, a mídia aparece como força poderosa na legitimação de conceitos e valores absorvidos pela sociedade. Além da educação não-crítica, aquela que não objetiva transformação da realidade social, a mídia reforça valores de aculturação conectando os valores e a cultura do outro à condição de sucesso, de poder. A não existência de uma postura crítica diante das matérias veiculadas pela mídia perpetua um discurso que reforça a ideologia das classes dominantes.

Conforme Foucault (1970) existe uma inquietação diante da materialidade do discurso, de sua transitoriedade, das lutas, das vitórias, dos poderes e perigos, das dominações através das palavras. Ele postula que em todas as sociedades a produção de discursos é regulada, organizada, selecionada e distribuída conjurando poderes e perigos. Observa que em nossa sociedade existem procedimentos exteriores, que delimitam e controlam o discurso através de uma exclusão. Dentre esses, o mais familiar é a interdição. É ela que estabelece quem é autorizado a falar, o que se pode falar e em que determinada situação (tabu + ritual da circunstância + direito de falar privilegiado ou exclusivo do sujeito).

Navarro-Barbosa (2004: 113) afirma, através de Foucault, que não é qualquer sujeito que pode sustentar um discurso: “é preciso, antes, que lhe seja reconhecido o direito de falar, que fale de um determinado lugar reconhecido pelas instituições, que possua um estatuto tal para proferir discursos.”

A revista *Veja*, objeto desta pesquisa, ocupa lugar de destaque na formação de opiniões no Brasil. Em nossa sociedade é autorizada a falar sobre os mais diversos temas, que versam de costumes, esportes até política e



economia. Tanto que, na seção “Carta ao Leitor” da edição de 21 de junho de 2006, a revista assim se define

Ser referência mundial para assuntos de seu país é uma rara distinção para uma revista. *Veja* desfruta essa condição e a preserva com rigor. Para cada citação de qualquer outra publicação brasileira nos *sites* de busca da internet especializados em notícias, *Veja* aparece cerca de uma dezena de vezes. (...) *Veja* é também fonte de notícias sobre o comportamento e os hábitos dos brasileiros (...)

Ao tomar como base essa informação é importante salientar que, em relação ao ensino de inglês no Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394 de dezembro de 1996, estabelece o ensino de língua estrangeira a partir do Ensino Fundamental. Em sua maioria, a língua moderna descrita na lei é, na prática, a língua inglesa, tanto em escolas públicas quanto nas particulares, pois o inglês está presente no cotidiano das pessoas não somente através da educação formal, mas reforçado pela mídia. Para deslindar essa intrincada relação, entre o que disserta a Lei e a opção pela língua inglesa, faz-se necessário um passeio por conceitos mais profundos, que envolvam os sujeitos, os eventos discursivos e as instituições. Navarro-Barbosa (2004: 113) observa as relações entre o sujeito e os acontecimentos discursivos,

Os sujeitos não estão na origem de seu discurso, nem se manifestam como unidade na cadeia discursiva. Como exposto, o autor recusa de sua genealogia o antropocentrismo, por considerar que o discurso não é fruto de um sujeito que pensa e sabe o que quer. É o discurso que determina o que o sujeito deve falar, é ele que estipula as modalidades enunciativas. Logo, o sujeito não preexiste ao discurso, sendo este um feixe de relações que irá determinar o que dizer, quando e de que modo.

Pereira (1998) acentua que o Brasil é um grande importador de bens culturais norte-americanos. Mormente simbolizado pela indústria cinematográfica, a qual contribui para a introdução do *American way of life*, seguido pela música, moda e gastronomia. No escopo do estilo, emerge a associação entre o discurso de língua inglesa como língua internacional com tudo que é moderno, eficiente e desenvolvido. Na mídia impressa essas posições discursivas se materializam de maneira lingüística e imagética,

legitimando e calcando o conceito de inglês como língua hegemônica.

Acentua Vasconcelos (1999: 15) que uma página disponibilizada na Internet, de uma escola de inglês, sob o título de *English Made in Brazil* ([www.english.sk.com.br](http://www.english.sk.com.br)), apresenta, em artigos, o inglês como língua internacional, como fato incontestável e irreversível, demonstrando a preponderância do idioma na comunidade internacional. Nesses artigos, uma pessoa que fale apenas uma língua, por analogia, é analfabeto global. O passaporte dessa condição de inferioridade para o “novo mundo” de letrado global é o inglês.

Destarte, o ensino de inglês no Brasil, diante das interpretações circulantes sugeridas como ‘verdades’, especialmente pela mídia, que pretende simular uma realidade que norteia o leitor a acreditar que as interpretações da revista são fatos, representa um desafio para os professores e para outros profissionais da educação. O desafio é identificar a que tipo de discurso o ensino/aprendizagem de inglês está ligado, a quem ele serve, para, então, poder demolí-lo e substituí-lo por um discurso consciente e crítico por um ensino em que os professores de inglês estejam engajados em um projeto pedagógico crítico, que sejam capazes de formar contra-discursos que se oponham ao discurso dominante (Pennycook, 1995: 55).

A meu ver, os processos político-históricos iniciados no século XIX, percorridos no percurso teórico deste trabalho, marcam as mudanças paradigmáticas que prenunciam a entrada em uma nova era. A transição da era industrial para a era tecnológica carrega consigo a ressignificação de conceitos, modelos, padrões e comportamentos que anteriormente, no seio da era industrial, apresentavam-se estáveis. A globalização, processo inexorável, conforma em seu bojo mudanças em ‘rede’ que afetam as formas de governo, os cenários econômicos e a vida privada das pessoas. A descentralização territorial, o exercício do poder sem a ausência de barreiras é também reconfigurado. As invasões e armas de fogo de outrora são substituídas pela força do discurso dominante sobre os pontos de instabilidade em relações hegemônicas. Elas se firmam e legitimam na forma da prática discursiva a partir da dialética entre discurso e sociedade. Sob a égide do conceito de globalização, a mídia encarrega-se em propalar novos valores, crenças e fórmulas para que o ator social possa se ‘dar bem’ no século XXI.

É neste cenário mundial que eclode fortemente o discurso sobre a necessidade de aprender inglês. O discurso da globalização irrompe coadunado ao ensino/aprendizagem de inglês, revelando efeitos de sentido que circulam o estabelecimento e a manutenção da hegemonia neoliberal. Há de se perguntar por que o discurso da globalização não irrompe conectado ao português, ou espanhol ou italiano ou qualquer outro idioma? A repetibilidade torna os dois termos – globalização/inglês – tão impregnados na sociedade, que adquirem o *status* de consenso e passam a ser inquestionáveis, inclusive pelos professores de língua inglesa.

As opiniões de Chomsky, Reale, Gnerre, Lacoste e os demais autores consultados no percurso teórico deste trabalho articulam-se com a realidade constatada por Cox & Assis-Peterson de que a pedagogia crítica ainda não aportou na sala de aula de língua inglesa. Como professora, acredito que a leitura crítica da sala de aula, do material didático e dos demais elementos articulados para o ensino aprendizagem de inglês só se torna possível mediante a leitura interdisciplinar dos acontecimentos mundiais.

## CAPÍTULO 3

### METODOLOGIA DA PESQUISA

*O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. Fairclough (2001:91)*

Este capítulo divide-se em três seções. Na primeira seção, apresento o modelo tridimensional proposto por Fairclough (1992), em vista de o meu estudo estar inscrito na Análise Crítica do Discurso. Na seção 3.2, discorro brevemente sobre a revista *Veja*, relatando um pouco de sua história, sua influência e abrangência no mercado brasileiro. Na seção 3.3, descrevo os procedimentos metodológicos usados para a realização da análise com o objetivo de responder às perguntas norteadoras desta pesquisa.

#### 3.1 A Análise Crítica do Discurso ( ACD) – O modelo tridimensional de Fairclough

Em sua obra *Discurso e mudança social*, Fairclough (2001) propõe o modelo de análise do texto, da prática discursiva e da prática social. O modelo por ele chamado de tridimensional está representado pelo quadro 1, abaixo:



**Figura 1** Concepção Tridimensional do Discurso

A análise do discurso como texto enfatiza os aspectos formais, porém sem separar forma e conteúdo. Segundo Fairclough (2001: 103), a análise textual pode ser organizada em quatro itens: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. O estudo do vocabulário trata das lexicalizações, relexicalizações, neologismos – enfim das conexões entre palavras e sentidos. A gramática observa a combinação entre frases e orações e a complexidade por ela desenvolvida. A coesão refere-se às propriedades organizacionais dos textos ao observar a ligação entre as frases e orações e a estrutura textual em si, esta a que ele refere-se como a ‘arquitetura’ do texto, ou seja, o planejamento do texto: a ordem de apresentação dos elementos, dos episódios, capítulos etc.

O discurso como prática discursiva envolve os processos de produção, distribuição e consumo dos textos. Analisa-se também a ‘força’ dos enunciados, a ‘coerência’ e a ‘intertextualidade’ dos textos. Na produção, observa-se como os textos são produzidos nos contextos sociais específicos. Para obtermos uma análise crítica, as particularidades advindas da produção devem ser consideradas, pois um texto, uma matéria de jornal por exemplo, pode ser produzido por uma ou mais pessoas, porém esse fato não é esclarecido, figurando como autor apenas um jornalista. A distribuição está conectada a processos simples e complexos. Simples, quando de uma conversa casual pertencente ao contexto de situação em que ocorre. Complexo, quando os textos são distribuídos para vários domínios institucionais, que possuem diferentes padrões de consumo e rotinas próprias para a reprodução e transformação dos textos. O consumo dos textos deve ser considerado dependendo da situação comunicativa em destaque. Isso tem a ver com o tipo de trabalho interpretativo que nele se aplica e como os modos de interpretação são disponibilizados. O consumo, como a produção, pode ser individual ou coletivo. Uma carta de amor, por exemplo, quase sempre tem produção e consumo individual; já uma carta sindical, via de regra é produzida coletivamente e é aberta a um determinado segmento social (Fairclough, 2001: 107).

O discurso como prática social implica “em compreendê-lo como modo de ação historicamente situado, que tanto é constituído socialmente como

também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença” (Resende & Ramalho, 2006: 26). Nesta dimensão Fairclough aplica sua noção própria de discurso, o qual pressupõe uma relação dialética entre discurso e sociedade. Assim como o discurso é moldado pela sociedade, é também constitutivo desta sociedade. A constituição do discurso pode manter e reproduzir estruturas sociais, como também pode transformar a sociedade. Resende & Ramalho enunciam que

A prática social é descrita como uma dimensão do evento discursivo, assim como o texto. Essas duas dimensões são mediadas pela prática discursiva, que focaliza os processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo do texto, processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares. A natureza da prática discursiva é variável entre os diferentes tipos de discurso, de acordo com os fatores sociais envolvidos. (Resende & Ramalho, 2006: 28)

Tendo em vista a opção pela ACD, faz-se necessário apontar a distinção entre a ACD, proposta por Fairclough, e a Análise do Discurso (AD), proposta por Michael Foucault. Traçando um paralelo podemos afirmar que Foucault, em suas análises, lida com um tipo específico de discurso: o discurso político. Em contrapartida, Fairclough estuda todos os tipos de discurso, que variam desde o debate de questões ligadas ao racismo, à discriminação baseada no sexo (gênero), ao controle da manipulação institucional, à violência, à identidade nacional, à auto-identidade até à exclusão social.

Michael Foucault centraliza sua abordagem analítica nos textos escritos. Fairclough focaliza a análise tanto para o discurso falado quanto para o discurso escrito, pois acredita que, quer o discurso seja falado, quer seja escrito, ele é capaz de promover mudanças sociais. Estudar criticamente esses discursos implica em gerar modificações nas práticas discursivas e, conseqüentemente, nas práticas sociais.

Todavia, a abordagem da Análise do Discurso Textualmente Orientada - ADTO, de Foucault, influenciou a concepção do modelo tridimensional proposto por Fairclough (2001). Foucault analisou, através da ADTO, discursos específicos como o discurso da loucura, da economia e também o da gramática. Além de Foucault, o modelo de Fairclough sofreu a influência de

autores como Bourdier, Althusser e Habermas, especialmente no tangente à ideologia.

A grande distinção, marcada por Fairclough na ACD, é a constituição do sujeito. Para ele, o sujeito é um agente processual, com determinados graus de autonomia. A identidade do sujeito é definida a partir da linguagem, pois acredita ele que é na linguagem que se encontram os formadores de ideologias. Em outras palavras, o sujeito constrói e se constrói no discurso. Fairclough (1992) afirma que os efeitos da prática discursiva sobre a identidade social é o centro da ADTO.

Em sua proposta, Fairclough considera o ponto de vista de Foucault sobre a natureza do poder, que toma como base a língua e o discurso como centro dos processos discursivos e da prática social. Para Foucault, o poder é eficaz enquanto consegue ocultar seus mecanismos. Esses mecanismos são ocultados nos discursos, através de técnicas e práticas discursivas. Ao analisarmos tais práticas, poderemos compreender as relações de poder institucionais, dando visibilidade ao que era invisível e tido como natural. A ACD observa o modo de criação do consenso e os mecanismos que exercem uma poderosa influência sobre o discurso, acima de tudo sobre o pensamento, sempre em benefício dos mais poderosos (van Dijk, 1988).

Foucault (1984:123, *apud* Fairclough 1992:51) conclui que “qualquer sistema de educação é uma forma política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, juntamente com o conhecimento e poder que carregam”. Sob esse aspecto, o discurso não só carrega o poder como se transforma no próprio poder. Portanto, a luta pelo controle do poder transforma-se na luta pelo controle e produção do discurso. Dessa forma, a linguagem não é apenas uma forma de representação do mundo, mas também de ação sobre o mundo e sobre o outro (Fairclough, 2001). A linguagem, antes caracterizada como um ato individual, passa a ser vista como reprodução social, criadora de identidades, de valores, de crenças e transformadora da sociedade.

Apesar de a proposta de Foucault conceber a prática discursiva como forma de poder, a resistência ao poder encontra-se implícita. Por isso, para Fairclough, essa proposta subentende considerar somente a perspectiva do dominador, desconsiderando a possibilidade de resistência do dominado.

Fairclough propõe uma análise mais eficaz, pois leva em consideração a

prática social e também a sua forma textual. Sua teoria e método pretendem descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sócio- histórico. Ele entende que o instrumento capaz de identificar a ação dos processos sociais no discurso é a prática discursiva consolidada na prática social. Fairclough explica que a ACD associa a análise lingüística do texto à Teoria Social de funcionamento da linguagem, sob uma visão política e ideológica.

Esta investigação pauta-se, também, no conceito de ideologia estabelecido por Fairclough em seu estudo sobre a relação existente entre ideologia e prática discursiva, a saber:

Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade ( o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção ou a transformação das relações de dominação. (...) As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o *status* de 'senso comum'; (Fairclough, 1992: 117)

Em sua obra *Discurso e Mudança Social* (1992), Fairclough tece uma crítica à suposição da Lingüística Crítica que sugere que a ideologia está no texto. Para ele, a ideologia se expressa através dos significados, dependendo de como os textos são interpretados. Além disso, em oposição à Lingüística Crítica, o texto é visto como a representação dos acontecimentos sociais, o lugar onde os discursos são produzidos e quais os processos ideológicos relacionados.

No intuito de atingir os objetivos almejados neste estudo, observo e percebo o discurso tal como o enunciado por Fairclough (1992:94):

O discurso, como prática política, estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos), entre as quais existe relação de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de diversas formas nas relações de poder. (Fairclough, 1992: 94)

Pelo exposto, este trabalho pretende, sob a perspectiva da ACD, investigar a construção dos discursos que estabelecem as relações de poder circulantes na revista *Veja* por meio das ideologias que perpassam o discurso



da revista, observando os discursos que tentam se naturalizar e se caracterizar como senso comum sobre o ensino/aprendizado de inglês. Busca entender por que este discurso se materializa como tal e quais outros discursos podem ser recuperados na reportagem.

### **3.2 Revista *Veja* – O objeto da pesquisa**

A curiosidade em analisar os textos publicados nessa revista deve-se, mormente pela proeminência desta como um veículo de projeção nacional, que circula praticamente em todas as cidades brasileiras, seja através de assinaturas ou de venda direta realizada através de livrarias e bancas de revistas, sendo também acessível em bibliotecas públicas e privadas. Tal fato garante-lhe o acesso, especialmente das classes estudantis, que a utilizam como fonte de pesquisa.

Sua primeira publicação foi editada concomitantemente ao crescimento da classe média no Brasil (64-80), período caracterizado pelo aumento concentração da população em grandes centros urbanos. Como resultado desta movimentação social, nasceu um espaço cultural diferenciado daquele de outrora, e, os chamados bens simbólicos, cultura, ensino e lazer, passaram a ser consumidos por um público cada vez maior (Ortiz, 1994), desempenhando um papel preponderante na disputa pelo poder na sociedade.

O período de 1980 destaca-se de maneira especial para esta pesquisa por corresponder ao período de várias mudanças mundiais, tanto no campo econômico, como também nos campos político e social. Nessa época, líderes partidários de grandes potências mundiais apresentavam-se alinhados com programas neoliberais, que defendiam a privatização das estatais e dos serviços públicos, a criação de quadros legais que diminuiriam a interferência dos poderes públicos sobre os empreendimentos privados, a globalização financeira, a liberalização da economia mundial e a internacionalização das atividades econômicas, através da criação das organizações supranacionais, retirando do Estado o papel de fonte única do direito e das regulamentações (Moraes, 2001). Nesse período, as economias locais terceiro-mundistas encontravam-se vigiadas pelo Banco Mundial e pelo FMI (Moraes, 2001:34). É,

portanto, na interioridade deste cenário que eclode fortemente o discurso da globalização. Subjacente ao discurso da globalização acontece a proliferação de cursos de idiomas nos anos 80, e faz com que o assunto sobre ensino/aprendizagem de língua estrangeira alcance a mídia e passe a ser observado por ela.

Por ser a revista *Veja* uma revista de grande circulação em nosso país, não tive dificuldades em encontrar seus exemplares, que pululam em diversos estabelecimentos em nossa sociedade, os quais variam desde instituições de ensino, de todos os níveis, consultórios médicos e odontológicos, escritórios de profissionais liberais, clínicas até os salões de beleza.

### **3.2.1 A revista *Veja* e o “verdadeiro da época”**

A análise de textos da revista *Veja* pode nos ajudar a compreender o desejo dos brasileiros de aprender inglês, notado pelo norte-americano em visita ao Brasil quando caminhava comigo pelas ruas de Tangará da Serra. A mídia representa um papel essencial nesse processo. Em certos contextos, a opinião da revista é determinante na construção de conceitos e costumes, quando não é utilizada até mesmo como ferramenta de convencimento daqueles que arriscam duvidar do discurso circulante.

No Brasil, a revista *Veja*, por ser um dos veículos que mais se destaca dentre os recursos midiáticos, e por apresentar, na mídia impressa, a maior tiragem, desperta o interesse de pesquisadores de diversas áreas. Meu interesse particular reside no desejo de dissertar sobre um tema que apresenta vínculos com a realidade das pessoas, aquilo que as pessoas vivem, no caso a aprendizagem de língua inglesa, e buscar compreender os mecanismos que são articulados pela mídia para naturalizar certos conceitos, formando o senso comum, retirando de cena, desta maneira, possíveis conflitos e questionamentos.

Sabe-se que a revista *Veja*, através da voz de Roberto Civita, dono da revista, é assumidamente uma revista de opinião, e assume-se como a revista que dá a verdade última sobre tudo, depois que as outras mídias noticiaram. Ela transforma problema em solução. Ela é o enunciador que sabe tudo, nas

palavras de Roberto Civita na edição de 30 anos, em outubro de 1998:

Evidentemente, também há enormes satisfações embutidas na gigantesca tarefa de editar VEJA, hoje dirigida por Tales Alvarenga. A principal delas é poder honrar o compromisso que assumimos com os leitores desde o início: informá-los corretamente, contar-lhes a verdade e opinar — sempre — com coragem e independência. (Roberto Civita, 1998)

O leitor procura em *Veja* um respaldo para suas verdades, visto que a revista busca expor uma linha de pensamento e não somente informações. Ela desenvolve a idéia do perfil ideal, o que o leitor deve fazer para ter sucesso pessoal e profissional, criando concomitantemente o castigo para aqueles que não seguirem a receita do sucesso.

Segundo Navarro-Barbosa (2005), alguns estudiosos dos estudos culturais (Hall, Giddens e outros) enfatizam uma “crise de identidade” no homem/mulher pós-moderno. O declínio das velhas identidades, em face a fatores como a globalização – que descentralizam o mundo e o sujeito nele inserido - fragmentou o homem moderno e seu saber sobre gênero, sexualidade, etnia etc. Essa fragmentação identitária possibilita a irrupção de discursos na mídia impressa em que “os processos discursivos ‘fabricam’ imagens de identidade coletiva para esses sujeitos, propondo-lhes um sentimento de pertença a um determinado segmento social”. Ainda conforme Navarro-Barbosa

(...)a mídia, a serviço de determinadas instituições que detêm o saber e o poder, se vale de um discurso que procura produzir um efeito de sentido de unidade sobre as identidades. Esse discurso tende tanto a apagar a fragmentação quanto a fixar um sentimento de unidade. Tendo em vista que o interesse dessas instituições é de ordem política e econômica (globalização, neoliberalismo etc), é preciso um sujeito não fragmentado para atender aos interesses dessas mesmas instituições.

O artigo de Navarro-Barbosa (2005) corrobora com a compreensão sobre a perspectiva da revista em desenvolver a idéia, no leitor enunciatário, do perfil ideal para o sucesso, para a felicidade. No entanto, para melhor compreender a instauração da unificação do sujeito, por meio da definição do

perfil ideal na era tecnológica, precisamos observar o que Nilton Hernandes (2001) enuncia sobre o papel da revista na vida dos brasileiros

São leitores com um grau de escolaridade acima da média nacional. Em um Brasil de grande pobreza social e cultural, esse grupo forma uma espécie de elite. *VEJA* os influencia na tomada de decisões. Algumas decisões podem parecer pequenas, como ver ou não o filme apontado como “imperdível”. Outras escolhas repercutem na maneira de toda uma nação projetar e construir sua história. No jargão da imprensa, os leitores da revista estão na categoria dos “formadores de opinião”. É gente que, no trabalho, em casa, na escola ou no bar, influencia outros brasileiros com sua visão de mundo. A maneira como *VEJA* expõe a realidade é, desse modo, reproduzida muito além dos limites de seus próprios leitores. (Hernandes, 2001:8)

Este estudo busca, portanto, perceber como os textos publicados constroem os fatos e as verdades circulantes sobre o ensino/aprendizagem de inglês, que, conforme Hernandes (2001:9), “formam um simulacro sedutor da realidade que impele os leitores a determinadas crenças e ações.” Também, situando a questão na seara das Letras, tem o objetivo de vislumbrar professores e alunos estão envolvidos na absorção, retenção e multiplicação dessas verdades.

### **3.3 Os procedimentos metodológicos**

O primeiro passo deste estudo foi definir os objetivos e as perguntas de pesquisa, tal como se apresentam no Capítulo 1. Depois, procedi a uma investigação bibliográfica referente aos conceitos-chave envolvidos no tema do estudo, para constituir o panorama histórico e cultural da época da irrupção dos discursos. Essa revisão delineou os contornos teóricos para as análises que desenvolvi.

O segundo passo, no intuito de organizar um arquivo referente ao tema que me interessava, foi consultar, na hemeroteca da UFMT, todas as publicações da revista, desde sua edição inaugural. Folheando as edições em busca do tema, constituí um quadro demonstrativo no qual pudesse visualizar o ano da publicação e o gênero em que se deu a aparição. Início a partir de

1970, pois anterior a essa data, não encontrei nenhuma reportagem sobre o ensino/aprendizagem de língua inglesa.

O quadro 2 demonstra o ano da aparição do tema ensino/aprendizagem de língua inglesa e o gênero textual:

<b>SELEÇÃO DOS TEXTOS</b>					
<b>Ano</b>	<b>Gênero</b>				
	<b>Capa</b>	<b>Propaganda</b>	<b>Reportagem</b>	<b>Entrevista</b>	<b>Ensaio</b>
1971	X				
1983	X	X	X		
1990				X	
1996			X		
1998			X		
1999			X		
2000			X		
2001			X		
2002			X		
2003					
2004					
2005			X		

Figura 2: Aparição do Tema na Revista

Para composição do arquivo, fotocopiei os textos de meu interesse para esta pesquisa. Conforme Penna (2004), na dimensão da análise proposta por Fairclough (2001), a análise textual inclui uma análise lingüística e uma análise interdiscursiva. O gênero reportagem é aqui compreendido como entidade sócio-discursiva e caracteriza-se por sua função comunicativa, cognitiva e institucional (Marcuschi, 2002, *apud* Penna, 2004: 28 ). Então, percebi que os textos do gênero reportagem tendiam a ser de maior utilidade na tentativa de responder aos questionamentos postos. Esse gênero encontra-se assim

definido por Martins (2004, *apud* Penna, 2004: 22):

Reportagem –caracterizada pela prioridade dada à função informativa, a reportagem pode ser vista como gênero mais básico, essencial e conhecido do jornalismo; seu propósito é o de informar, propiciando, de modo objetivo, uma descrição e, em alguns casos, uma interpretação dos fatos. Variando do texto mais curto ao texto mais longo, da versão mais simples de um a três parágrafos, sem qualquer subdivisão, até os tipos mais demorados, envolvendo reportagens seriadas, trata-se comumente do gênero mais freqüente na imprensa. A padronização do jornalismo levou à consagração de um estilo de texto da imprensa que, no caso da reportagem, implica: o uso do *lead*; a veiculação do contraditório, em especial em matérias críticas, denúncias, acusações; a busca da objetividade mediante a exclusão ou o emprego mínimo de adjetivos; a restrição quanto a opiniões ou qualificação; linguagem equilibrada, entre outros aspectos lingüísticos.

O próximo passo foi, então, estabelecer os caminhos a serem percorridos para a escolha dos textos para a análise que pretendia conduzir. Depois de consultar todas as edições publicadas da revista *Veja*, desde seu início em 1968 até os dias de hoje, decidi analisar um texto, pois este se encaixava nitidamente nos seguintes critérios:

1. Textos abrangentes, que articulavam os vários aspectos do ensino/aprendizagem de inglês, tais como escolas, métodos, professores, material didático, expansão etc.
2. Textos que apresentavam valores ideológicos implícitos e explícitos.
3. Textos multimodais<sup>9</sup> para uma análise semiótica.

A partir desses critérios selecionei a reportagem-capa do ano de 1983 (ver apêndice), composta de imagem e texto – multimodal - para que a mescla dos discursos, verbal e não-verbal, pudesse se tornar aparente, enriquecendo o teor do trabalho na busca por respostas aos questionamentos propostos no

---

<sup>9</sup> Entende-se aqui texto multimodal aquele composto por imagens e textos escritos, que de acordo com Kress (1996) caracteriza-se como uma nova percepção da linguagem na qual é impossível de se interpretar somente a modalidade escrita.

trabalho.

De acordo com Fairclough (1992: 22) “qualquer evento discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social.”

A ACD preocupa-se com análises textuais baseadas na linguagem escrita, mas também com outros modos semióticos, pois, de acordo com Fairclough (2001: 23), é muito apropriado “estender a noção de discurso a outras formas simbólicas, tais como imagens visuais e textos que são combinações de palavras e imagens”.

Essa afirmação de Fairclough justifica o estudo dos textos multimodais dentro do enfoque da Análise Crítica do Discurso, já que, no discurso contemporâneo, as imagens passam a compor o sentido dos textos juntamente com a modalidade escrita, com forte carga semântica e ideológica, deixando de apresentar um caráter meramente ilustrativo.

A ACD pretende também “aumentar a consciência, de como a linguagem contribui para a dominação de umas pessoas por outras, já que essa consciência é o primeiro passo para emancipação” (Fairclough, 1989:1). Maingueneau (2001:23) fala sobre a prática discursiva como uma prática intersemiótica, pois a inclusão do texto não-verbal integra produções de diferentes domínios. Nos discursos multimodais o texto verbal subverte o texto imagético. Navarro (2004: 123) diz que “cada imagem parece constituir uma unidade discursiva e fechada na medida em que imobiliza um determinado acontecimento, congela um fragmento do cotidiano e encerra uma representação particular.

A página que inicia a reportagem obedece a características plásticas, apresentando, em primeiro plano, uma nova imagem, no topo da página. Porém, antes de analisá-la, torna-se importante apresentar a diagramação da revista proposta por Hernandes (2004) :

A diagramação de *VEJA* obedece a quatro leis de manejo de elementos no espaço editorial (não válidas, portanto, para a publicidade). As leis podem ser apreendidas intertextualmente e são seguidas em muitos jornais e revistas de cultura ocidental:

**Primeira lei:** o valor de uma matéria é proporcional ao espaço

dados. Dar mais espaço valoriza. Dar menos espaço desvaloriza. A lei também vale para os elementos 38 constituintes de uma única reportagem. Por exemplo, se há mais fotos do que parte verbal, somos comunicados que as imagens estão sendo mais valorizadas.

**Segunda lei:** tudo o que estiver na parte de cima da revista tem mais valor do que na parte de baixo. A lei é válida tanto para relação entre textos numa mesma página (ou conjunto de páginas) quanto para elementos de um mesmo texto.

**Terceira lei:** a máxima valorização espacial de uma revista ou jornal acontece na capa. A primeira página informa o assunto que a revista considera o mais importante da edição.

**Quarta lei:** o início de um texto é o espaço mais valorizado. Essa lei obriga a colocação das principais informações e dos elementos de mais impacto sempre no começo. Por exemplo, uma longa matéria de oito páginas sempre dará a mais importante foto e abordará o ponto principal do assunto ou na primeira ou no conjunto das duas primeiras páginas.

O padrão de diagramação da página do texto selecionado segue a quarta lei acima citada por Hernandez. No intuito de impactar o leitor, na primeira página três imagens são trazidas para o texto. Na segunda página da reportagem, obedecendo igualmente aos padrões de diagramação da quarta lei, a imagem aparece no topo da página. Realizarei a análise das ilustrações da primeira e da segunda página primeiramente, por ambas utilizarem o mesmo apelo visual, o qual será explicitado na análise, e também por estas comporem o gênero história em quadrinhos. Em seguida, analiso a terceira, uma fotografia, que aparece entremeio ao texto, centralizada, na parte inferior da página. A classificação do texto selecionado pode ser observada no Quadro 03:

Textos selecionados	Gênero	Nº de páginas	Autor	Ano/Mês de publicação
O Brasil aprende inglês	Reportagem	8	Não mencionado	Outubro/1983

Figura 3: Texto Selecionados para Análise

Selecionada a reportagem-capá, de acordo com os critérios



estabelecidos acima, o texto foi analisado em dois aspectos, conforme o modelo tridimensional de Fairclough (2001), observando os aspectos de conteúdo ou significado e sua forma ou estrutura.

Fairclough (2001) assevera que as ideologias podem ser reveladas tanto no conteúdo ou significado, quanto na estrutura ou forma, pois tais características são correlatas e mantêm uma relação intrínseca, tal como ele próprio enuncia:

Uma oposição rígida entre 'conteúdo' ou 'sentido' e 'forma' é equivocada porque os sentidos dos textos são estreitamente interligados com as formas dos textos, e os aspectos formais dos textos em vários níveis podem ser investidos ideologicamente. (Fairclough, 1992: 119)

Apresento, através do Quadro 4, as características analisadas nos textos:

Níveis de análise	
Estrutura ou forma	Apresentação Títulos e subtítulos Discurso direto e indireto
Significado ou conteúdo	Metáforas Intertextualidade Modalidade

Figura 4: Níveis de análise

### 3.3.1 A estrutura ou forma

Para analisar a relação entre os níveis estrutura ou forma e significado ou conteúdo foi observada a escolha do perfil estrutural, as palavras, os tempos verbais, os elementos coesivos, pois estes revelam o significado ou conteúdo, no nível da estrutura ou forma. As ideologias presentes revelam a heterogeneidade e a ambivalência dos textos, o que remete diretamente às

dimensões de construção dos sujeitos no discurso (Fairclough, 1992:285).

Seguindo a proposta do modelo tridimensional de Fairclough, analisei certos aspectos da coesão textual e a estrutura frasal com o intuito de observar a argumentação utilizada e os padrões racionais por ela pressupostos.

### 3.3.2 O significado ou conteúdo

Para orientar a análise, observei o aspecto conteúdo/significado em três ângulos: as metáforas, a intertextualidade e as modalidades.

Em relação ao ângulo metafórico, o foco recaiu sobre a “implicação política e ideológica das metáforas” (Fairclough, 1992: 105). As metáforas penetram todos os tipos de discurso, elas estruturam a maneira de pensar, revelam nossos valores e crenças. Algumas metáforas apresentam-se tão profundamente enraizadas no interior de determinadas culturas, que se tornam imperceptíveis com o passar do tempo. Portanto, uma análise focalizada nesse aspecto pode identificar ideologias subjacentes ao texto.

O ângulo intertextualidade é abrangente e congrega as pressuposições e a representação do discurso. Seu foco paira sobre o discurso da mudança social, cunhado por Fairclough em seu modelo. Kristeva (1986: 39 *apud* Fairclough 1992:134) fala sobre a importância da intertextualidade, pois segundo ela, esta “implica a inserção da história (sociedade) em um texto e deste texto na história”. Para explicar a citação Fairclough diz que:

(...)por inserção da história em um texto, ela quer dizer que o texto absorve e é construído de textos do passado (textos sendo os maiores artefatos que constituem a história). Por ‘a inserção do texto na história’ ela quer dizer que o texto responde, reacentua e retrabalha textos passados e, assim fazendo, ajuda a fazer história e contribui para processos de mudanças mais amplos, antecipando e tentando moldar textos subseqüentes. Essa historicidade inerente aos textos permite-lhes desempenhar os papéis centrais que têm na sociedade contemporânea no limite principal da mudança social e cultural. (Kristeva, 1986:39 *apud* Fairclough 1992:134)

A transformação contemporânea, estruturada pela nova ordem do discurso, sugere que se ilumine o aspecto da intertextualidade na análise do

discurso. Essa intertextualidade aparece também como baliza das lutas hegemônicas dentro do discurso, através da reestruturação das ordens do discurso<sup>10</sup>. Significa dizer que o discurso tem efeitos sobre a luta hegemônica, bem como a luta hegemônica tem efeitos sobre o discurso. Ao estabelecer a comparação entre os textos selecionados que proponho neste trabalho, emerge o aspecto da intertextualidade vertical, situando-os historicamente e dando visão ao seu imbricamento. Sob esse aspecto, observo no texto a ordem do discurso, sua estruturação dentro do gênero e a mescla dos enunciados numa escala temporal.

Authier-Révuz (1982) e Maingueneau (1987), analistas de discurso franceses, utilizam-se de uma outra distinção nas relações intertextuais. Chamam de intertextualidade manifesta aquela que em outros textos apresenta-se explícita, marcada por aspas, ou qualquer outra pista superficial. A intertextualidade constitutiva refere-se àquela em que outros textos aparecem incorporados implicitamente, sem marcadores definidos. Em minha análise, optei, conforme modelo de Fairclough, pelo termo intertextualidade como universal, abrangendo as duas definições acima citadas. O termo 'interdiscursividade' foi utilizado quando houve necessidade de distinção entre os dois termos.

Tal aspecto, aplicado à análise do discurso midiático, tenta apreender a tendência mediadora dos fornecedores de notícias em solidarizar-se com o público, neste caso a revista *Veja*, autorizada a falar de eventos que julga ser dignos de divulgação, nos termos que lhe convém, ou seja, dentro de seu próprio senso comum (Fairclough, 1992:143). Analiso os textos selecionados observando a influência desse competitivo ramo empresarial, no processo de comodificação dos bens simbólicos, como eles se adaptam aos estilos de vida dos consumidores e como também constroem aspirações e estilos de vida. Este ponto será mais bem explicado na separação das tendências para a

---

<sup>10</sup> [...] Pode-se considerar uma ordem de discurso como a faceta discursiva do equilíbrio contraditório e instável que constitui uma hegemonia, e a articulação e a rearticulação de ordens de discurso são, conseqüentemente, um marco delimitador na luta hegemônica. Além disso, a prática discursiva, a produção, a distribuição e o consumo (como também a interpretação) de textos são uma faceta da luta hegemônica que contribui em graus variados para a reprodução ou a transformação não apenas da ordem de discurso existente (por exemplo, mediante a maneira como os textos e as convenções prévias são articulados na produção textual), mas também das relações sociais e assimétricas existentes (FAIRCLOUGH, 2001, p. 123-124)."

análise de conteúdo, na seção 3.3.3 deste capítulo.

A modalidade foi focalizada com o intuito de revelar as relações interpessoais presentes no texto, conforme o modelo tridimensional de Fairclough. Segundo Hodge e Kress (1988:123), o produtor do discurso deve indicar um grau de afinidade com a proposição. Portanto, a escolha dos tempos verbais, dos advérbios, dos verbos auxiliares modais contém a propriedade da modalidade. Em especial, neste estudo em que o foco recai sobre a mídia impressa, torna-se importante frisar que a mídia tende a universalizar perspectivas que são parciais por intermédio do processo da modalidade.

Ela transforma em fatos suas próprias interpretações de um conjunto de eventos. A modalidade pode ser subjetiva quando o grau de afinidade do autor com a proposição pode ser facilmente observado, e pode ser objetiva quando o autor apresenta o seu ponto de vista como universal, assumindo a representatividade inerente ao grupo. Conforme Fairclough, o uso desse recurso implica alguma forma de poder. Portanto, através da modalidade, pode-se observar um alto grau de afinidade autor/proposição ou um baixo grau de afinidade autor/proposição.

Fairclough (1992:201) adverte que a modalidade “é um ponto de intersecção do discurso, entre a significação da realidade e a representação das relações sociais – ou nos termos da lingüística sistêmica -, entre as funções ideacional e a interpessoal. “

### **3.3.3 As tendências do discurso**

Na sociedade contemporânea a observação da mudança discursiva em relação à mudança social e cultural é imprescindível. No intuito de examinar as marcas do funcionamento dos discursos acerca do ensino/aprendizagem de inglês da revista *Veja* nos eventos discursivos selecionados, busquei as tendências mais abrangentes de mudanças discursivas, aquelas que acabam por afetar a ordem social do discurso, que marca e delimita as lutas hegemônicas.

Os textos selecionados foram analisados levando-se em consideração a existência de três tendências que, ultimamente, têm influenciado a mudança na

ordem do discurso e, portanto, mudanças sociais. São elas: Democratização, Comodificação e Tecnologização. Acredito que os textos, se observados através da inserção nessas tendências, produzem efeitos de difusão de valores e de ideologias. Veja Figura 5:

Tendências para Análise do Discurso	
Tendências	Democratização Comodificação Tecnologização

**Figura 5: Tendências orientadoras para a análise do discurso**

Embora sejam entre si contrastantes, essas tendências têm produzido impacto sobre a sociedade atual. Para observar os processos de mudança que se processam, faz-se necessário focalizá-las e notar sua articulação interativa.

A Democratização do discurso, conforme Fairclough (1992: 248), caracteriza-se pela “retirada de desigualdades e assimetrias, das obrigações e do prestígio discursivo e lingüístico dos grupos de pessoas”. Em amplo sentido, essa tendência refere-se à ação do homem sobre a transformação social. Baseando-me nesse ponto de vista, analisei, na tentativa de identificar valores e crenças, as relações entre os discursos de prestígio e os dialetos sociais utilizados pelas instituições, os quais implicam uma relação de poder. A análise nessa dimensão se iniciou notando onde os textos aparecem, como se apresentam e quais são suas implicações no processo de mudança nas últimas décadas.

A análise da tendência à Comodificação é focalizada sob o aspecto econômico, observando se e *como* a expansão da língua inglesa é conveniente à ideologia capitalista. Vale explicitar aqui que o termo *commodity*, segundo Fairclough (1992:255), vem do processo pelo qual “os domínios e instituições não apresentam o propósito de produzir mercadorias no sentido econômico restrito de artigos para a venda, vem não obstante a ser organizados e definidos em termos de produção, distribuição e consumo de mercadorias.”

Considerando-se o conceito de Comodificação, o ensino de língua

inglesa é referido como uma indústria, diferente da indústria *per se*, imaginada como a fábrica de carros, motos ou televisões, porém com objetivos similares a estas, que são os objetivos de produzir, comercializar e vender mercadorias culturais e educacionais a seus clientes. Uma indústria que comercializa os bens simbólicos. Para tanto, analisei as escolhas lexicais presente nos textos, pois o léxico pode delinear o perfil de um curso como uma mercadoria qualquer a ser comercializada; e também as transferências metafóricas, oriundas do vocabulário de mercadorias, articuladas na ordem do discurso educacional.

Para uma análise abrangente da tendência à Comodificação, os textos selecionados são multimodais. As imagens presentes também foram analisadas, pois elas compõem a identidade do consumidor a ser construída no discurso. A escolha das imagens é feita e os bens simbólicos são apresentados como um produto qualquer a ser consumido. As imagens compartilham a idealização de um estilo de vida, de uma comunidade de consumo construída e simulada pela publicidade (Fairclough, 1992:259). O poder da imagem, por seu apelo visual, se sobrepõe ao poder da língua, pois simula uma realidade buscando construir uma identificação entre o consumidor e o produto.

A tendência à Tecnologização do discurso foi observada através do destaque em que se liga a habilidade de controle conversacional ao sucesso e ao lucro nos negócios. Analiso nos textos a ligação entre a necessidade de falar inglês e o discurso da segurança no trabalho, da preparação para disputas de mercado, da motivação e do discurso tácito de obtenção do poder de influenciar as pessoas.

## CAPÍTULO 4

### A ANÁLISE DO DISCURSO PROPRIAMENTE DITA

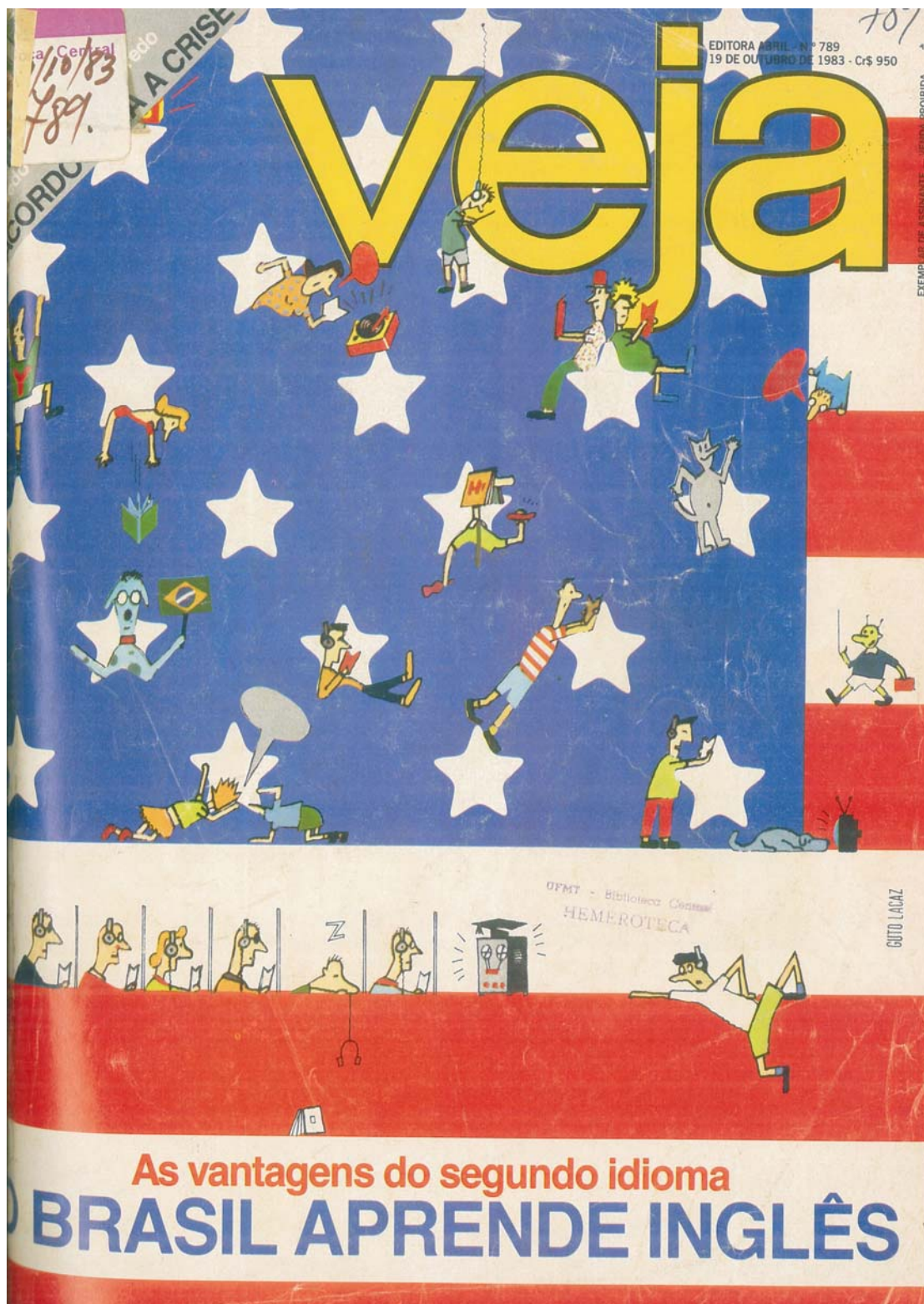
*A prática do discurso revolucionário e do discurso científico, nos dois últimos séculos, não o libertou dessa idéia de que as palavras são sopro, um murmúrio externo, um bater de asas que se tem dificuldade de ouvir no assunto sério que é a história?*  
(Michel Foucault, *A arqueologia do saber*)

Este capítulo visa apresentar as marcas do funcionamento discursivo da reportagem “O Brasil aprende inglês”, publicada na revista *Veja*, acerca do ensino/aprendizagem de inglês no Brasil, com o objetivo de mostrar as ideologias a governar os discursos construídos sobre o tema.

Primeiramente, apresento a análise crítica da capa da revista, tomando como fio condutor os princípios propostos por Fairclough (1989,1992, 1995) com base no seu modelo tridimensional. Em seguida, apresento a análise das imagens que permeiam a reportagem na seguinte ordem: as ilustrações (histórias em quadrinhos), a fotografia que aparece centralizada na parte inferior da primeira página e, por último, a análise do texto *per se*. A análise do texto abrange o título e o subtítulo, a introdução e os subtítulos do corpo da reportagem agregados ao texto. As descobertas registradas neste capítulo poderão servir de ponto de partida para possíveis projetos de pesquisa sobre o discurso da mídia e sua influência na construção de crenças sobre o ensino/aprendizagem.

#### 4.1 A análise da reportagem-capa: “O Brasil aprende inglês”

##### (1) Capa: Uma análise semiótica





Conforme Nilton Hernandes (2001), a diagramação de *VEJA* obedece a quatro leis de manejo de elementos no espaço editorial (não válidas, portanto, para a publicidade). As leis podem ser apreendidas intertextualmente e são seguidas em muitos jornais e revistas de cultura ocidental. A análise da capa refere-se à terceira lei, que diz que “a máxima valorização espacial de uma revista ou jornal acontece na capa. A primeira página informa o assunto que a revista considera o mais importante da edição.”

À imagem, aqui considerada, conforme a definição de Fairclough, como um texto, atribuem-se usualmente as funções de *ornar* ou *elucidar* o texto junto ao qual ela aparece. Na capa da edição selecionada, existe um processo dialógico entre o verbal e o não-verbal. O pano de fundo, evidenciando o suporte através da função fática, permite vislumbrar, *a priori*, a bandeira norte-americana, com suas cores fortes x cores esmaecidas, tomando conta de toda a página. Na ilustração, existem figuras que, de maneira divertida, posicionam-se em determinado ângulo da bandeira.

A distribuição espacial da ilustração da bandeira na capa sugere a dicotomia entre terra x céu, trazendo para o imaginário do leitor uma intertextualidade constitutiva, do discurso religioso, onde o céu representa o lugar povoado por seres considerados “do bem”, conforme a prática discursiva da igreja. No patamar terra, os seres que ali estão representam, intertextualmente, os alunos em um laboratório, supostamente, de línguas, onde estes não apresentam sinais de descontração, um deles até dorme, sugerindo, ideacionalmente, que tal processo de aprendizagem é monótono e até inócuo. Neste ponto, é possível recuperar discursos que se insinuam sobre a escola e seus métodos. A figura do professor é substituída por um gravador, revelando uma crítica a métodos baseados em ouvir e repetir. Já no céu, representado pelas estrelas da bandeira norte-americana, encontram-se personagens com diferentes comportamentos – conversam, escutam música, assistem TV, lêem, brincam e se divertem, possibilitando a recuperação de um discurso que privilegia o espaço do aprendizado como função lúdica.

O surgimento desses enunciados acerca do ensino/ aprendizagem de inglês apresenta-se conectado ao espaço ocupado pela mídia, que apodera-se de saberes pertencentes a outras áreas, neste caso o campo econômico, militar e religioso, legitimando seu papel espacial de enunciador autorizado a

proferir tal discurso tornando-o enunciado-acontecimento, atualizando ou ressignificando o arquivo sobre ensino/aprendizagem de inglês.

#### **A) Aspectos para análise:**

- **Estrutura ou forma**

Nilton Hernandes (2001), em sua dissertação de mestrado, cita que a metáfora do jogo de xadrez de Saussure, clichê em Lingüística, explica que um elemento da estrutura só adquire valor na medida em que se relaciona com o todo de que faz parte. Constituindo a hibridização do texto, citado no rodapé da página, surge a vinheta que exprime o conceito verbal da pauta da revista, o qual foi reafirmado através da estratégia visual: a ilustração da capa da revista, analisada na página 56. Sobre a integração entre verbal e visual, o estudo de Hernandes (2001) assim se manifesta:

É notável que uma revista que se chama justamente *VEJA* tenha toda a parte de imagens e de projeto gráfico pensada para ser acessório de reafirmação dos conceitos já construídos pelo verbal. Questionado se a visualidade cria novos sentidos para a matéria, o próprio editor executivo de arte, Carlos Néri, afirma que o visual “sempre acompanha, sempre tem que ir junto com o verbal”.

Por isso, a reportagem da capa constitui o foco da atenção do editor, visto que esta irá contemplar o assunto de maior número de páginas da revista, e terá análises mais profundas. A distribuição espacial das unidades de diagramação obedece aos padrões editoriais comuns aos jornais e outras publicações no ocidente. Duas frases compõem o conceito verbal, a saber:

***“As vantagens do segundo idioma***

***O BRASIL APRENDE INGLÊS”***

A escolha cromática para os enunciados corresponde às duas cores que também compõem a bandeira norte-americana, que serve de fundo para a

capa, além da correspondência cromática, as cores se destacam num fundo branco, facilitando sua visualização. A primeira asserção apresenta-se sob uma frase nominal, sugerindo que a reportagem elencará um número de vantagens para quem sabe um segundo idioma. Observa-se aqui a escolha lexical da palavra vantagem, normalmente empregada no discurso competitivo e administrativo, sendo sinônimo, conforme Houaiss (2003), de ganho, lucro, proveito e superioridade.

O item lexical “segundo idioma” recebe rapidamente um significado e uma classificação na frase composta por letras maiúsculas, e em fonte maior, sinalizando que o segundo idioma que oferece lucro e vantagem é o inglês. Essa frase é composta por um verbo transitivo direto “aprender”, no presente do indicativo, a princípio sugerindo uma função referencial. No entanto, a escolha do tempo verbal, o tom de dramaticidade por ele evocado, revela o comprometimento do enunciador com o evento em destaque, procurando provocar, no leitor, uma resposta direta, seja ela verbal ou não verbal (Koch, 2004: 36). O sujeito simples “ O Brasil” é trazido para o discurso carregando o significado da coletividade, que compreende a população brasileira, marcando, desta maneira, a inclusão de todos os que habitam este país, sem fazer qualquer tipo de distinção, seja de raça, cor, religião, nível de escolaridade ou sócio-econômico. Esse item lexical coloca em movimento a sincronização temporal coletiva, provocando um efeito de sentido que reformula a imagem do falante brasileiro de inglês. Irrompe o discurso de que todos estão podem/ devem aprender inglês.

- **Significado ou Conteúdo**

No primeiro enunciado, “As vantagens do segundo idioma”, a escolha lexical, especificamente a palavra ‘vantagem’, revela a metáfora do aprendizado do segundo idioma com o universo econômico, em que o segundo idioma é comodificado, representando ganho, lucro. Tal metáfora revela os valores e crenças do veículo midiático sobre o tema. O segundo idioma sugerido é o inglês, apontado como possibilidade única e exclusiva de se obter a vantagem.

A luta hegemônica é revelada através da observação do segundo

enunciado que tenta, por meio da intertextualidade, estabelecer uma relação de dominação sobre o assunto, que é apresentado como fato, utilizando-se da função referencial, legitimando o discurso tácito da própria ilustração de fundo onde se pode observar quem está embaixo ou em cima, realizando a metáfora de terra x céu, monotonia x descontração respectivamente.

A modalidade dos enunciados é feita através da escolha dos tempos verbais. Ao utilizar-se a frase nominal, seguida do presente do indicativo, observa-se como a revista universaliza, transformando em fato suas perspectivas parciais sobre o tema. O discurso da revista apresenta-se como universal, revelando o grau de afinidade entre a opinião da revista e a proposição, na tentativa de naturalizar o discurso na sociedade.

## **B) As tendências do discurso**

A tendência à democratização pode ser inferida a partir da utilização do sujeito simples 'Brasil', que incorpora e representa todos os habitantes da nação, retirando possíveis desigualdades e assimetrias dos grupos sociais que a compõe. Essa proposição sugere uma transformação social, em que a inclusão do falante do segundo idioma, o brasileiro, torna-se inerente a qualquer cidadão, trazendo um efeito cosmético, o qual é legitimado pela reportagem em si, e que, mais adiante, na análise, será evidenciado.

A comodificação no discurso, ao utilizar o item lexical "vantagem", remete à analogia entre a seara educacional e a seara econômica, ratificando um sistema ideológico que comercializa o ensino/aprendizagem de língua inglesa como um bem simbólico. Além da linguagem verbal, que forma o conceito central, a imagem é trazida caracterizando a construção da identidade do leitor. O estilo de vida apresentado na ilustração, para aqueles localizados no 'céu', mostra-se descontraído, harmonioso e moderno. Nota-se a colonização das ordens do discurso por discursos associados à produção de bens de consumo.

A tecnologização do discurso é uma extensão de técnicas a serviço do biopoder, de Foucault (Magalhães, 2001). A unificação da ordem dos discursos lingüístico e econômico, impondo o aprendizado de inglês como condição inevitável para se estar em 'vantagem', conecta o controle sobre a habilidade

comunicativa ao sucesso, ao lucro, à garantia do emprego e posição social.

## ( 2 ) As imagens

Imagem 1 (primeira página)

Imagem 2 (segunda página)



O texto, além de apresentar-se multimodal, também utiliza a língua inglesa na fala das personagens, por isso realizo neste momento apenas a

análise das imagens. O discurso intertextual primeiro a ser observado é a característica das personagens. Diferentemente do biotipo caucasiano, inerente aos falantes de língua inglesa, quem aparece nos quadrinhos são personagens de cabelos e olhos escuros, incluindo a aparição do *Mr. Boto*, de pele morena.

A paisagem escolhida para a passagem reflete a natureza brasileira e suas belezas. Um rio de águas claras, plantas e peixes. A análise semiótica das ilustrações nos remete, automaticamente, ao folclore brasileiro, denotando a utilização da imagem para construir uma identificação com o consumidor, neste caso, todos os leitores brasileiros. A partir de então se estabelece a tendência à comodificação, utilizando a imagem para harmonizar consumidor e produto. A tendência à democratização se explicita no momento das falas, que, apesar de estarem em inglês, retira a assimetria de quem não compreende o idioma, resgatando uma palavra indígena 'muiraquitã', que para nós, brasileiros, carrega o sentido de amuleto de proteção e está ligado à natureza, já que esse amuleto é uma pedra verde, encontrada no solo brasileiro.

A idéia sugerida pelos quadrinhos traz um forte apelo emocional ao brasileiro, pois constrói um sujeito falante de inglês a partir de suas origens folclóricas. A presença do Boto, um mito amazônico, que nos 'causos' populares representa o pai de crianças de paternidade ignorada, visto que o personagem transforma-se em homem e encanta as moças; de Iara, que possui as mesmas características de uma sereia, que, com seu canto, conquista os homens e os carrega para o fundo do rio; e do amuleto, acima citado, revelam uma penetração no universo nacional realizada através do idioma do outro. Para enfatizar a importância deste fato, recorro ao conceito da palavra folclore, que transporta em si o mote do nacionalismo. Etimologicamente, 'folk' representa a conceitualização de um povo homogêneo e anônimo, pobre e contente, e de uma estrutura social horizontal. O conceito de 'lore' refere-se às práticas culturais também homogêneas e anônimas desse povo, sublinhando a unicidade e originalidade dos traços entendidos como característicos de uma comunidade. O folclore foi, então, concebido como a utilização do comportamento expressivo, sob seus diversos modos, a serviço da nacionalidade. Ele é a representação de um passado histórico, da memória de um povo.

A tentativa de homogeneização trazida pelas imagens sugere a penetração do idioma inclusive no aspecto cultural histórico do país, realizando o posicionamento do veículo midiático diante do fenômeno.

### (3) A reportagem



Especial

## O Brasil speaks English

*Decididos a aprender seu segundo idioma e melhorar o seu futuro profissional, milhares de brasileiros ingressam em cursos de inglês*

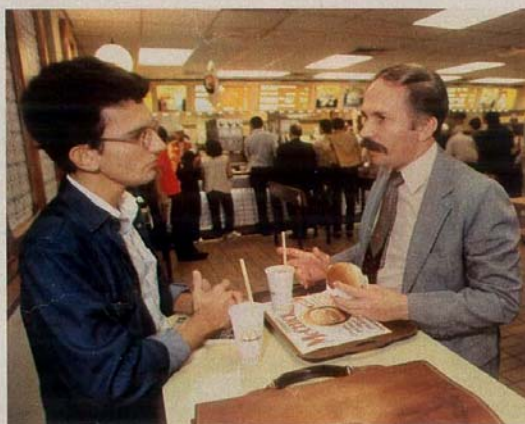
Dois homens de aspecto severo, um deles de terno e gravata, destoavam na semana passada da paisagem humana exibida por uma das fervilhantes lanchonetes da cadeia McDonald's, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Postados frente a frente numa mesinha, a separá-los um hambúrguer e um milk-shake, eles entabularam durante quase 50 minutos um às vezes hesitante diálogo sobre assuntos variados — sempre em inglês. Terminada a conversa, o executivo Jonas Carvalho, 41 anos, funcionário de uma empresa multinacional, parecia radiante. "Hoje a aula rendeu", disse.

Aquela não fora uma conversa qualquer: Carvalho estuda inglês há um ano no curso Auding e paga 50 000 cruzeiros por mês para ter aulas individuais onde estiver. É uma boa maneira de não perder tempo — e de aprender rápido. "Já passei por vários outros cursos, mas em nenhum consegui os resultados que estou alcançando agora", afirma o executivo. "Além de aprender a falar sobre o trivial, tenho aulas específicas com vocabulários pa-

ra finanças e marketing, que são de grande valia para o meu trabalho."

Como Carvalho, cerca de 500 000 brasileiros de diferentes idades, com variados métodos e em distintos cursos espalhados pelo país, ao menos uma vez por semana são compelidos a olhar para um livro e pensar: "This is a book." Quase todos passaram por escolas regulares onde o inglês costuma ser ensinado da 5.ª série do 1.º grau em diante — nessas

escolas, atualmente, 9,5 milhões de crianças assistem às aulas desse idioma. Mas alguma coisa ali não funciona bem. O aluno pode ser aprovado nessa disciplina seis anos seguidos, e ainda assim nada assegura que estará sabendo ler, compreender ou falar suficientemente o inglês quando for necessário. Com as exceções de praxe, mal se fecham os livros e os conhecimentos adquiridos pousam na mesma gaveta do esquecimento que abriga informações descartáveis como, por exemplo, o ponto mais alto da Serra da Mantiqueira ou os afluentes da margem direita do Rio Amazonas.



Carvalho (de terno), no McDonald's: aula com hambúrguer

FERNANDO PIMENTEL

**AMBIENTE PRÓPRIO** — "O problema do inglês nas escolas talvez esteja mesmo na falta de motivação", arisca Mauro Salles Aguiar, 33 anos, diretor do eficiente Colégio Bandeirantes, em São Paulo, com 3 000 alunos. Na Europa, exemplifica Aguiar, as distâncias são menores e uma família pode ir de um país a outro, sem maiores transtornos, nas férias ou mesmo durante os fins de semana, o que esti-



mula a adoção de uma língua comum. "Já no Brasil", compara, "as pessoas só percebem a real necessidade do aprendizado mais tarde, quando enfrentam a vida profissional e sentem na carne a diferença que existe entre saber ou não inglês."

Lúcia Barbosa Lemos, 58 anos, uma das criadoras em 1965 do método Pink and Blue, para crianças a partir de 5 anos de idade, hoje aplicado numa rede de 165 escolas distribuídas pelo Brasil, acha que dificilmente o ensino de inglês gerará bons resultados numa sala de aula convencional. "Já tentamos dar aulas numa escola de 1.º grau e não deu certo", depõe Lúcia. "Verificamos que um curso de línguas tem que ter um ambiente próprio, onde os alunos sintam o idioma no ar."

Além das crianças matriculadas por pais conscientes da fragilidade do ensino nas escolas, dezenas de milhares de adultos pagam bom preço por uma segunda oportunidade nos diversos cursos de inglês existentes no país (veja o gráfico). São executivos, secretárias, profissionais liberais, artistas, eventualmente operários — todos convencidos de que, aprendendo inglês, não só melhorarão sua bagagem cultural como terão fortes chances de subir na vida. É inevitável que esse contingente formado por meio milhão de estudantes seja ampliado nos próximos anos. Afinal, a invasão do Brasil pelo inglês só começou — cálculos grosseiros permitem supor que, no momento, 1 milhão de brasileiros são capa-

zes de se expressar em inglês. E é certo que também aqui não tardará a ser reprisado um fenômeno registrado em diversas outras partes do planeta.

**RÁPIDA EXPANSÃO** — O inglês, no mundo de hoje, é o que existe de mais próximo a uma "língua universal". Cerca de 700 milhões de pessoas falam inglês atualmente, seja como seu idioma nativo, seja porque o aprenderam — e essa cifra configura um espetacular aumento de 40% nos últimos vinte anos. O chinês, falado por pouco mais de 1 bilhão de pessoas, ainda é, em termos estritamente numéricos, o campeão do planeta. Mas virtualmente nin-

guém fala chinês fora da China ou das comunidades de imigrantes desse país no exterior. Sua utilidade, assim, é nenhuma — ao contrário do inglês, em expansão cada vez mais rápida pelos quatro cantos do mundo.

"Hoje em dia", diz Robert Burchfield, editor do clássico *Oxford English Dictionary*, "qualquer pessoa com razoável grau de educação e escolaridade, em qualquer parte do globo, estará em desvantagem se não souber inglês." Afinal, a ampliação das fronteiras desse idioma não tem poupado área alguma. Já há bom tempo, por exemplo, ele substituiu o francês como a língua da diplomacia e dos contatos entre

as nações. Do chanceler soviético Andrei Gromyko ao líder palestino Yasser Arafat, a maioria dos personagens da cena internacional é fluente em inglês. É esta a língua com que os japoneses compram petróleo dos mexicanos, ou com que os franceses vendem vinho aos suecos. Da mesma forma, o inglês é a língua oficial de organismos e eventos tão disparees quanto o Comitê Olímpico Internacional e o concurso de Miss Universo.

Nessa acelerada expansão, desbancou o alemão no campo da ciência: cerca de 80% de todos os trabalhos científicos são hoje publicados, originalmente, em inglês, idioma dominante na eletrônica, na tecnologia avançada, na medicina. Predomina quilômetros à frente, também, na aviação, no comércio e finanças internacionais, no

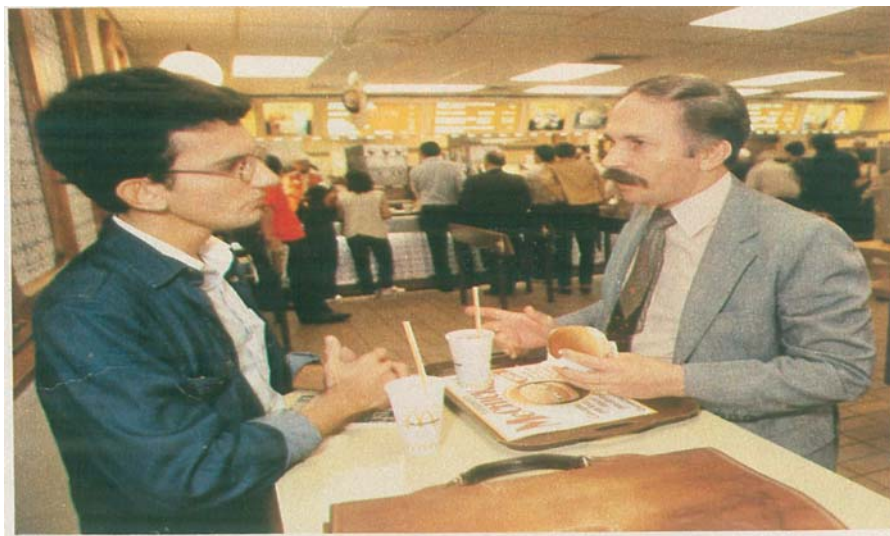
### As principais escolas de inglês do Brasil

Escolas	Cursos	Recursos
<b>Fisk</b> 250 <sup>+</sup> escolas 85 000 alunos	Básico: 8 estágios de 4 meses Cr\$ 10 000,00 por mês	Video, gravador, filmes e livros
<b>Pink and Blue</b> 165 <sup>+</sup> escolas 18 000 alunos	Infantil: 7 estágios de 1 ano Cr\$ 12 325,00 por mês	Discos, slides, jogos, dramatizações
<b>Vazigi</b> 180 <sup>+</sup> escolas 50 000 alunos	Básico: 3 anos Cr\$ 13 000,00 por mês	Gravador, filmes e slides
<b>CCAA</b> 150 <sup>+</sup> escolas 70 000 alunos	Básico: 7 estágios de 4 meses Cr\$ 12 000,00 por mês	Video, gravador, filmes e livros
<b>Cultura Inglesa</b> 34 escolas 80 000 alunos	Básico: 1 a 3 semestres Cr\$ 18 400,00 por mês	Cassetes, video e biblioteca ligada por computador a British Library de Londres
<b>Berlitz</b> 7 escolas 3 000 alunos	Intensivos: 4 meses Cr\$ 450 000,00 por mês Imersão total: 15 dias Cr\$ 3 046 000,00	Livros, video e gravador para necessidades específicas dos alunos
<b>Adling</b> 2 escolas 1 000 alunos	Individualizados: Cr\$ 50 000,00 mensais, imersão: 22 dias Cr\$ 1 359 000,00	Livros, video e gravador
<b>Alumni</b> 3 escolas 2 000 alunos	Básico: 8 estágios de 2 meses Cr\$ 95 000,00 por mês	Livros, video e gravador
<b>Roosevelt</b> 4 (SP) escolas 4 000 alunos	Básico: 4 estágios de 7 meses Cr\$ 8 600,00 por mês	Discos, fitas e livros
<b>IBEU</b> 6 (RJ) escolas 14 000 alunos	Básico: 8 semestres Cr\$ 9 700,00 por mês	Gravador, slides, filmes e biblioteca

\* Cursos que permitem a utilização de sua marca em troca de uma taxa semestral



#### ( 4 ) A Fotografia em destaque



#### ***Carvalho (de terno), no McDonald's: aula com hambúrguer***

Na parte central e inferior da página destaca-se a foto acima. A foto é trazida para a reportagem materializando, através da imagem, o discurso lingüisticamente proferido. Sobre a utilização das imagens pela mídia, Navarro (2004) assim se expressa

(...) o acontecimento é, antes de tudo, produto de uma montagem e de escolhas orientadas de imagens, que lhe garantem o efeito de acontecência, isto é, a impressão do vivido mais perto. (Navarro, 2004:118)

O diálogo entre o enunciado visual e o verbal permite vislumbrar, simultaneamente, o destaque que se deseja dar sobre a fusão de ambientes e realidades. Ao fundo está a lanchonete, tipicamente freqüentada por adolescentes e por pessoas em clima de descompromisso e descontração, contrastado ao foco da imagem, em primeiro plano, que revela os dois homens de terno e gravata, sugerindo seriedade e austeridade ao momento. Na verdade, a mescla dos dois ambientes traz para o discurso a idéia da quebra de paradigmas, especialmente sobre o ensino/aprendizagem. Para tanto, o enunciado verbal assinala:

#### ***Carvalho (de terno), no McDonald's: aula com hambúrguer***

A frase nominal, aqui utilizada para descrever o evento, apenas revela os contrastes em destaque: terno, aula, hambúrguer. Emerge aqui a intertextualidade constitutiva sobre a aula na escola e a nova proposta, a qual será discutida ao longo da reportagem. Dialogam neste espaço discursivo a memória do conceito de aula e a sugestão de sua transformação, levando o enunciatário, através desse enunciado-acontecimento, a resgatar um arquivo, via memória, sobre a conquista do conhecimento, antes acontecida nos bancos escolares e a proposta de deslocamento do espaço de aprendizagem.

Dentro das tendências propostas como metodologia deste trabalho, tanto enunciado visual como verbal atacam no porto da comodificação. A composição tenta, de certa forma, vender a proposta, sugerindo tacitamente que aprender língua inglesa é uma mistura de descontração e eficiência, inovação e eficácia.

## **( 5 ) Título e Subtítulo da reportagem**

### **A) Aspectos para análise**

- **Estrutura ou forma**

Considerando que título<sup>11</sup> e subtítulo são, normalmente, as primeiras estruturas a serem lidas numa reportagem, não é difícil perceber como sua apresentação tende a encaminhar o leitor a determinado tipo de interpretação. Neste trabalho, considero o título como categoria lingüística e discursiva, pois as escolhas gramatical e lexical arquitetam alguns sentidos, e não outros, no discurso. Apresento primeiramente o título, seguido de sua análise e, então, o subtítulo e sua análise, respectivamente:

### **( T ) *O Brasil speaks English***

Podemos identificar alguns preceitos centrais deste enunciado:

( a ) O título apresenta um hibridismo, ou seja, a mescla entre português e

---

<sup>11</sup> Doravante título será representado por (T) e os subtítulos por (ST).

inglês, o qual cria uma articulação que brinca com as duas línguas.

( b ) O uso de uma oração transitiva implica em um só efeito de sentido: existe um processo individual/coletivo em ação:

“O Brasil” - inclusão coletiva.

( c ) “O Brasil “, em discurso direto corresponde ao tema. Em outras palavras, é considerado como uma informação já conhecida pelos intérpretes do texto (Fairclough, 2001). Remete o leitor a uma situação de reconhecimento e fixação de uma idéia que deseja inscrever-se como verdadeira e conhecida por todos.

( d ) O discurso demarcado na base é de que no Brasil não se fala mais sobre o idioma: fala-se o idioma.

( e ) A oração é declarativa e apresenta-se no presente do indicativo. O tempo verbal utilizado é categoricamente autoritário. Alguém dizendo em termos seguros o que está acontecendo, e alguém que recebe a informação e a assimila (Fairclough 2001).

**( ST ) *Decididos a aprender seu segundo idioma e melhorar seu futuro profissional, milhares de brasileiros ingressam em cursos de inglês.***

O subtítulo, em conjunto com o título, constrói alguns efeitos específicos de grande relevância ao leitor, como se pode observar na análise:

( a ) O tempo verbal escolhido é o presente do indicativo. Este tempo verbal pertence ao grupo do mundo comentado (Koch 2004) e adverte o leitor de algo que o afeta diretamente e exige sua resposta, sua reação.

( b ) Na asserção : (...) *aprender seu segundo idioma e melhorar seu futuro profissional* (...) O operador discursivo “e” liga os atos de fala que encerram atos de argumentação por autoridade polifônica. Reforça e acrescenta um peso particular de dois elementos orientados para o mesmo sentido.

( c ) Existe também uma oposição implícita: melhorar seu futuro profissional  
**X** não melhorar, não ter sucesso.

( d ) E ainda uma expressão portadora de sentido implícito na seguinte asserção: (...) **ingressam** em cursos de inglês

Conforme a definição de Celso Pedro Luft (1996), o verbete *ingressar* significa ser admitido em uma sociedade, corporação, ordem. Este índice de argumentação situa o objeto do discurso dentro de determinada ideologia: estar dentro X estar fora.

- **Significado ou Conteúdo**

Os três aspectos a serem focalizados nesta seção, a saber: as metáforas, a intertextualidade e a modalidade, apresentam-se imbricados nos enunciados de tal forma que uma análise segmentada e estanque poderia não realizar a articulação necessária para a construção dos significados. Para tanto, a análise será realizada de maneira integrada, observando-se os três aspectos.

Destes selecionados para construir o significado dos enunciados, no título, o mais evidente é a intertextualidade. O título remete o enunciatário a um contexto de mescla entre inglês e português, dialogando com o discurso da necessidade premente do conhecimento do segundo idioma – o inglês. Revela, através do tempo verbal, o presente simples do indicativo, para anunciar que no Brasil se ‘fala’ o idioma.

Por sua vez, no subtítulo nota-se a presença dos três aspectos. A modalidade revelada pelo uso do tempo verbal, presente simples, no intuito de retirar do leitor qualquer passividade em relação ao tema e buscar a reação imediata à proposição. Em seguida, surgem os discursos do sucesso e da empregabilidade, os quais dialogam intertextualmente no subtítulo, pois o enunciador projeta a possibilidade de crescimento profissional através do aprendizado do idioma. Neste passo, a metáfora militar presente revela-se pela escolha lexical “ingressam”, remetendo a interpretação a esse universo, lugar onde se travam as batalhas, onde há vitórias ou derrotas. Esta metáfora produz

no discurso um forte apelo à reação pela participação no *front*, pela necessidade de armas para a batalha, neste caso o mercado de trabalho, a busca pelo emprego e a ascensão profissional e social.

## **B) As tendências do discurso no título e subtítulo da reportagem**

Tanto o título quanto o subtítulo buscam, de certa maneira, provocar o leitor homogeneizando o público que busca o aprendizado de inglês. A modalização quantificadora ‘milhares’ pretende igualar as possibilidades de todos os leitores, soando ameaçadora para quem não o fizer, independente de sua situação sócio-econômica. Como se nota, o discurso democrático prevê o acesso de todos ao acontecimento, sob pena da exclusão do mercado de trabalho daquele que não adquirir o conhecimento do idioma.

Os enunciados sugerem, através de um processo de intimidação do leitor, a inevitabilidade do acontecimento. A comodificação acontece no discurso da necessidade premente, na ameaça sugerida pelo despreparo para o *front* de batalha, onde aquele que não souber o idioma estará derrotado. Na verdade, esta forte argumentação que circula e se apodera de discursos distintos, tais como o da empregabilidade, do sucesso e do militarismo, visa comercializar propostas de aprendizados diferenciados, rápidos e eficientes, contrastando-os com o ensino/aprendizagem das escolas regulares e os discursos que circulam entre as pessoas de nossa sociedade autorizadas a falar sobre o tema.

A tendência à tecnologização apresenta-se de maneira intertextual, dando ênfase ao discurso do emprego, da especificidade, do preparo do trabalhador, que perpassa o aprendizado do inglês. O estabelecimento da argumentação causa e consequência, na asserção “ *aprender seu segundo idioma e melhorar seu futuro profissional*”, sugere que o inverso não acontecerá, estabelecendo a condição de melhora profissional ao fato do aprendizado do segundo idioma.

### **( 6 ) O texto escrito**

#### **A) Aspectos para a análise**

- **A estrutura ou forma**

O tempo verbal escolhido para tal gênero textual foi o pretérito imperfeito, estabelecendo um deslocamento da temporalidade. No título e subtítulo, ora apresentado e analisado, o predomínio é do tempo comentado, onde é implicitamente exigido do leitor uma ação. Ao iniciar o texto, o autor desloca-se para o mundo narrado (Koch 2004), impondo ao interlocutor o papel de simples ouvinte.

Ao narrar a descrição do cenário, as oposições presentes na situação são reveladas através da escolha lexical. Por um lado temos a descrição da vestimenta dos personagens, algo severo e formal. Por outro lado, a descrição da paisagem humana exibida na lanchonete. Tal oposição tem o objetivo de estabelecer a incongruência da situação, visto que esta lanchonete é uma empresa multinacional, de origem norte-americana, onde as refeições servidas, basicamente sanduíches, preservam a nomenclatura em inglês, e que, no Brasil, atrai especialmente o público pré-adolescente, adolescente e jovem adulto.

O uso de expressões intercaladas, de maneira acessória, como na asserção

(...) – *Sempre em inglês.*

traz para o discurso o argumento que o autor deseja ressaltar. Neste caso, depois de relatar o tempo e o modo da conversação, o autor faz referência à língua utilizada. Por conseguinte, a aparição da oração intercalada relaciona-se à ênfase que se deseja proporcionar ao idioma em que transcorria a situação.

Dois campos lexicais se inter-relacionam no estabelecimento do cenário:

- a) espaço descontraído
- b) espaço sério

O quadro abaixo ilustra a situação descrita mediada pelo diálogo em língua estrangeira:

### Diálogo



Embora as escolhas lexicais acima destacadas estabeleçam as diferenças, o autor articula para que se possa perceber que, apesar de se tratarem de universos diferentes, a língua os coloca em contato, é a mediadora entre esses universos que, afinal, têm muito em comum. A língua torna-se o objeto integrador, servindo tanto para a circulação no mundo jovem e descontraído quanto para a circulação no mundo dos negócios.

No intuito de prover autoridade à sua argumentação, o autor busca apropriar-se da fala do próprio executivo, criando, desta forma, um diálogo interdiscursivo trazido para o texto com a intenção de imprimir veracidade e autoridade à voz da revista. Vejamos os enunciados:

( a ) *“Hoje a aula rendeu”.*

( b ) *“Já passei por vários outros cursos, mas em nenhum consegui os resultados que estou alcançando agora.”*

( c ) *“Além de aprender a falar sobre o trivial, tenho aulas específicas com vocabulário para finanças e marketing, que são de grande valia para meu trabalho.”*

( d ) *“This is a book.”*

No exemplo ( **b** ) é possível notar a recuperação de um discurso em que para se obter bons resultados, em pouco tempo, é necessário um alto investimento. No entanto, o argumento decisivo do discurso do executivo, apresenta-se na afirmação ( **c** ), na qual ele apresenta, a título de acréscimo, como se fosse desnecessário, o aprendizado de vocabulário específico para as finanças. (Retórica do camelô, Ducrot 1980 *apud* Koch 2004)).

No exemplo ( **d** ), o recurso da polifonia é utilizado e marcado, representando a fala dos 500.000 brasileiros que são “compelidos” a estudar inglês.

Observemos o seguinte enunciado:

( **e** ) (...) *parecia radiante.*

O autor utiliza-se da polifonia argumentativa, proporcionando a terceiros a avaliação do discurso, atribuindo a estes a responsabilidade da opinião e mantendo seu distanciamento com relação ao julgamento da cena.

Em um ritmo progressivo, o autor move o foco, que *a priori* estava sobre o executivo, para os estudantes brasileiros de forma generalizada. Assim, estabelece a comparação entre a situação vivenciada pelo executivo, a sua satisfação, o seu sucesso, e descreve, a seu modo, a conjuntura dos estudantes brasileiros.

( **f** ) (...) *cerca de 500.000 brasileiros de diferentes idades, com variados métodos em distintos cursos espalhados pelo país, ao menos uma vez por semana são compelidos a olhar para um livro (...)*

A expressão selecionada para descrever a ação praticada pelos estudantes é uma expressão portadora de sentidos implícitos que, conforme Luft (1996), significa ser obrigado, empurrado, forçado, constrangido. Observe-se a posição antagônica entre a situação do executivo e a realidade dos estudantes brasileiros.

Ao percorrer sua narrativa sobre os estudantes brasileiros, o autor



utiliza, novamente, o recurso de oração intercalada, com o objetivo de enfatizar e destacar o número de alunos em escolas regulares:

( g ) *“nessas escolas, atualmente, 9,5 milhões de crianças assistem às aulas desse idioma.*

e a complementa utilizando um operador argumentativo:

( h ) *“Mas alguma coisa ali não funciona bem.”*

O argumento ( g ) aponta para o aspecto positivo de que um grande número de estudantes “assistem aulas” em oposição a “aprendem o idioma”. Embora mantendo esse argumento, o locutor introduz um contra-argumento ( h ), desqualificando, assim, o trabalho realizado nas escolas regulares.

- **Conteúdo ou Significado**

Inicialmente, é importante ressaltar o aspecto discursivo que descreve a revista em suas reportagens, pois o significado dos conteúdos são construídos também pela escolha da estratégia discursiva da revista. Hernandez (2004), nota que

(...) afirmamos que a presença de um “eu”, explicitamente instalado na capa e nas páginas internas por meio do logo, não permitiria, contudo, rotular automaticamente qualquer texto da *VEJA* como opinativo, subjetivo. Há duas razões para essa afirmação. A primeira é que existe ainda uma outra estratégia discursiva que envolve a *VEJA*. A marca assume o discurso, mas se coloca de maneira distante. *VEJA* não diz “eu” em nenhum momento, ela diz “*VEJA*”. A revista refere-se a si mesma como “ela”. Há uma troca de uma pessoa por outra (a terceira do singular pela primeira do singular) que neutraliza parte dos sentidos de proximidade. Sobre esse efeito, comenta Fiorin (1996): “Quando se faz essa **embreagem** é como se o enunciador se esvaziasse de toda e qualquer subjetividade e se apresentasse apenas como papel social.”

Para assegurar o distanciamento e, ao mesmo tempo, a autoridade da revista em relação ao seu conteúdo, sua estratégia discursiva lança mão da recuperação do discurso integral de pessoas autorizadas a falar sobre o assunto na sociedade atual, trazidas para a ordem do discurso através do aspeamento, para que através da autoridade polifônica seu discurso se naturalize.

A modalidade, através da escolha do tempo verbal, confere ao leitor enunciatário determinado conforto, depois da provocação da capa, título e subtítulo. Ao redigir a reportagem sugere, tacitamente, que o leitor ouça seu relato de um case de sucesso, marcado pela metaforização na maior parte do relato, pois o autor busca se solidarizar ao leitor, primeiro, provocando-o e, depois, dando-lhe conselhos. Apesar de a identificação das metáforas não ser um processo fácil, elas estão sempre presentes e apresentam-se naturalizadas.

Desde o início da reportagem observa-se a concorrência sugerida pelo autor entre a escola regular e o curso de idiomas. Para estabelecer a comparação entre este e aquela, vai tecendo sua argumentação tomando como antítese os saberes circulados na escola regular. Sua descrição, sempre apoiada em modalizadores quantificadores, é trazida para o discurso como o lugar ineficiente para se aprender, não só o idioma, mas também outros conceitos pertencentes a outra disciplinas. A escolha lexical, para esta descrição, também revela metáforas alternativas nas quais não existe a possibilidade da escolha, ao contrário, somente a obrigação. Generaliza, desta maneira, a posição de todos os estudantes das escolas regulares, ao mesmo tempo em que situa a posição da escola regular como centro difusor de conhecimentos 'descartáveis'. Parece que o que subjaz a esta descrição encontra-se imbricado ao posicionamento da revista em relação aos fatos que enumera, especialmente por esses carregarem pressupostos, com objetivo polêmico, que incorporam o discurso da ineficácia do sistema escolar ao cumprir suas metas.

O desejo de inscrição do tema na história emerge na intertextualidade. Foucault (1972, *apud* Fairclough, 2001: 133) lembra que "não pode haver enunciado [texto] que de uma maneira ou de outra não reatualize outros". Todo texto, portanto, é um "elo na cadeia da comunicação" (Kristeva 1986, *apud*

Fairclough 2001:134). As pressuposições e a tentativa de construção do sujeito do texto buscam estabelecer uma mudança social, instituindo a luta hegemônica dentro do discurso entre o tradicional, o regular e o novo, descontraído, trazido para o discurso como a melhor escolha, a escolha de quem tem sucesso, de quem deseja um bom emprego, de quem tem pressa em conseguir 'se dar bem na vida'. Ao mesmo tempo em que lutam também os discursos de saber inglês e 'ser alguém', ou não saber e não obter sucesso.

## **B) As tendências do discurso**

Conforme Fairclough (1992), a democratização do discurso tem se tornado uma tendência mundial de mudança nas ordens do discurso. O efeito persuasivo das proposições é obtido, especialmente, por uma ordem do discurso que disfarça imposições e posições através das escolhas lexicais, do gênero textual e também de arranjos lingüísticos mais populares.

O texto da reportagem privilegia uma narrativa simples, recorrendo ao discurso direto com expressões coloquiais, como por exemplo : "*Hoje a aula rendeu*", as descrições, adjetivações apresentam-se simplificadas, retirando a possibilidade da necessidade de um saber científico para a compreensão da proposição. Essa isenção de assimetrias caracteriza o processo de democratização do discurso, que opta por expressões coloquiais para que o discurso se torne acessível a qualquer tipo de leitor. Nota-se que, apesar de o tema versar sobre escolas, materiais e métodos, o saber científico não é representado pelo discurso acadêmico, mas sim pelo discurso informal.

Logo após a introdução do tema, a reportagem passa a ser dividida por assuntos específicos, marcados por subtítulos. Apresento, agora, a análise das partes de acordo com esta divisão.

A tendência à democratização é marcada na introdução da reportagem de várias maneiras. A utilização da fotografia, centralizada na folha da revista, legitimada por um texto que recupera o discurso da empregabilidade, do sucesso e até uma proposta de felicidade, descreve a busca da revista pela identificação do leitor com o produto ali oferecido. A escolha lexical, acima analisada, supõe que o sucesso está relacionado a um contexto de aulas

descontraídas, posicionando a escola regular no interdito sobre ensino/aprendizagem de inglês. É possível perceber que, tacitamente, a reportagem tenta compartilhar com o leitor a idealização de um estilo de vida que pode ser adquirido através de aulas diferentes em ambientes diferentes.

Tanto imagens quanto o texto introdutório evidenciam, dentre as outras tendências acima descritas, o interdiscurso que liga a habilidade comunicacional em inglês ao sucesso. O foco da luta hegemônica é sinalizado pela possibilidade aventada sobre a relação de dominação e subordinação proposta pela necessidade eminente de se comunicar na língua. Observa-se a tendência a localizar a habilidade conversacional como um processo natural na relação de dominação.

## **( 7 ) Subtítulo 1 – Ambiente Próprio**

### **A) Aspectos para análise**

- **Estrutura ou forma**

Seguida da introdução que situa, de maneira sub-reptícia, o local e forma ideal para o aprendizado do idioma, o primeiro subtítulo no corpo da reportagem apresenta-se

#### *( 1 ) Ambiente Próprio*

O substantivo seguido da adjetivação caracteriza o ambiente de forma a especificá-lo e autorizá-lo como a melhor alternativa, emerge em um contexto de desqualificação do ambiente em que, normalmente, se ensina o idioma no Brasil. O subtítulo é legitimado através da primeira asserção do parágrafo, apresentado através do discurso direto:

*( a ) O problema do inglês nas escolas talvez esteja mesmo na falta de motivação.*

O co-enunciador inicia sua fala escolhendo o lexema *problema* para descrever a situação do ensino/aprendizado do inglês, sugerindo ser o fato uma situação difícil, o que revela sua posição em relação ao tema. Na seqüência, aparece o articulador meta-enunciativo *talvez*, que funciona como

atenuador, para preservação das faces de seu discurso. A fluência textual é seguida pelo comentário da revista sobre seu co-enunciador:

*(b) (...) arrisca Mauro Salles Aguiar, 33 anos, diretor do eficiente Colégio Bandeirantes, em São Paulo, com 3.000 alunos.*

Ao apresentar seu co-enunciador, a revista se utiliza de modalizadores que denotam e ratificam a importância de quem opina sobre o assunto. A adjetivação atribuída ao colégio, *eficiente*, sua localização, como ponto de referência geográfica para o Brasil, e o modalizador quantificador *3.000*, referindo-se a alunos, localizam a argumentação da revista sobre a relevância da enunciação. Na verdade, não há marcas sobre o sujeito que enuncia esta opinião sobre o co-enunciador, o que demonstra a intenção de inscrição do discurso no senso comum.

A partir de então, a fluência do texto é marcada pelo confronto entre Brasil e Europa, no que tange ao aspecto da motivação para aprender o idioma. Assim é descrita a situação:

Brasil	Europa
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os brasileiros não percebem a real necessidade de aprender inglês</li> <li>• Só a percebem ao enfrentar a vida profissional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As distâncias entre os países são menores.</li> <li>• Possibilidade de viagens familiares, aos países falantes do idioma, nos finais de semana e férias.</li> <li>• Motivação para a adoção de uma língua comum.</li> </ul>

Para ratificar sua opinião sobre o *problema* do aprendizado de inglês estar situado na motivação, o co-enunciador aparece novamente através do discurso direto que, conforme Maingueneau (2004: 140), busca criar um ambiente de autenticidade, distanciando a opinião da revista, porém, ao mesmo tempo, explicitando sua adesão respeitosa ao dito e às opiniões por ele

veiculadas, caracterizando a ambivalência do texto. Por um lado, situa o brasileiro como um sujeito que só se propõe a encarar com seriedade o fato diante da necessidade, e, ao mesmo tempo, isenta-o da responsabilidade pela sua falta de motivação, explicando sobre a localização geográfica deste e daquele. Parece que o co-enunciador deseja revelar que além do fator cultural, avaliado negativamente, ainda temos o fator geográfico.

O estilo do texto flui da mesma maneira nos parágrafos seguintes. Conforme Fairclough (1992), cada gênero textual não está relacionado somente a um tipo particular de texto, mas também aos diferentes processos de produção, distribuição e consumo dos mesmos. As convenções, aqui utilizadas, trazem marcas do bate-papo informal, pois esse tipo de atividade é ratificado socialmente. Então, o parágrafo que segue traz novamente um co-enunciador, primeiramente apresentado ao leitor enunciatário.

*(c) Lucia Barbosa Lemos, 58 anos, uma das criadoras em 1965 do método Pink and Blue, para crianças a partir de 5 anos de idade, hoje aplicado numa rede 165 escolas distribuídas pelo Brasil (...)*

A ampla utilização de modalizadores quantificadores nessa introdução do co-enunciador parece objetivar a construção de um *background* propício para estabelecer a autorização do discurso da professora, colocando-a na ordem do discurso sobre o tema. Isto posto, inicia-se o bate-papo através do discurso indireto e direto.

*(d) (...) acha que dificilmente o ensino de inglês gerará bons resultados numa sala de aula convencional.*

A escolha lexical marca, nesta asserção, a falta de certeza sobre o enunciado. O verbo *achar* opõe-se ao *estar certo* de , o advérbio *dificilmente* opõe-se ao *facilmente*, mas também não equivale em significação ao *nunca*. A escolha do tempo verbal *gerará*, futuro simples, opõe-se ao pretérito *gerou*, revelando determinado valor de verdade da proposição. A co-enunciadora, apesar de autorizada na ordem do discurso, revela uma modalização deôntica, revelando uma possibilidade através da proposição externa: *É possível que não se aprenda inglês numa sala de aula convencional*, ao mesmo tempo que,

internamente, o oposto da proposição também torna-se possível.

Apesar da incerteza de seu enunciado, marcado pelo aspeamento característico do discurso direto, a professora relata sua experiência:

(e) *“Já tentamos dar aulas numa escola de 1º grau e não deu certo”, depõe Lucia.*

Utilizando-se de um marcador temporal de excesso, intensificado pela oposição antes/depois (Koch 2004: 178), a professora marca a ordenação tempo-espço, demarcando o episódio em sua narrativa. Identifica o que chamou acima de sala de aula convencional por escola de 1º grau, demonstrando sua posição em relação ao ensino/aprendizado de inglês na escola regular através da complementação com a negação *não deu certo*. A convergência, para a confirmação da tese sobre a escola regular, é ratificada pela introdução do metadiscurso comentador *depõe Lucia*. A escolha lexical do verbo *depor* revela a carga de significado inferida à asserção, caracterizando-a como um testemunho de verdade.

(f) *Verificamos que um curso de línguas tem que ter um ambiente próprio, onde os alunos sintam o idioma no ar.*

O ambiente próprio, trazido aqui por Lúcia, opõe-se ao ambiente da escola regular, então considerado impróprio para o aprendizado de inglês. A metáfora sinestésica utilizada por ela aponta para a conclusão de que o aprendizado é como um perfume, um aroma passível de consumo.

O parágrafo subsequente é iniciado como um argumento decisivo, apresentado, a título de acréscimo, aos argumentos anteriores. Segundo Ducrot (*apud* Koch, 2004) , este recurso significa o golpe final. Três fatos podem ser evidenciados:

Pais conscientes : são aqueles que pagam para que os filhos possam ter uma segunda oportunidade de aprender o idioma em uma escola de inglês.

Escola regular: apresenta um ensino frágil.

Cursos de inglês: apesar do preço, representam a segunda oportunidade para

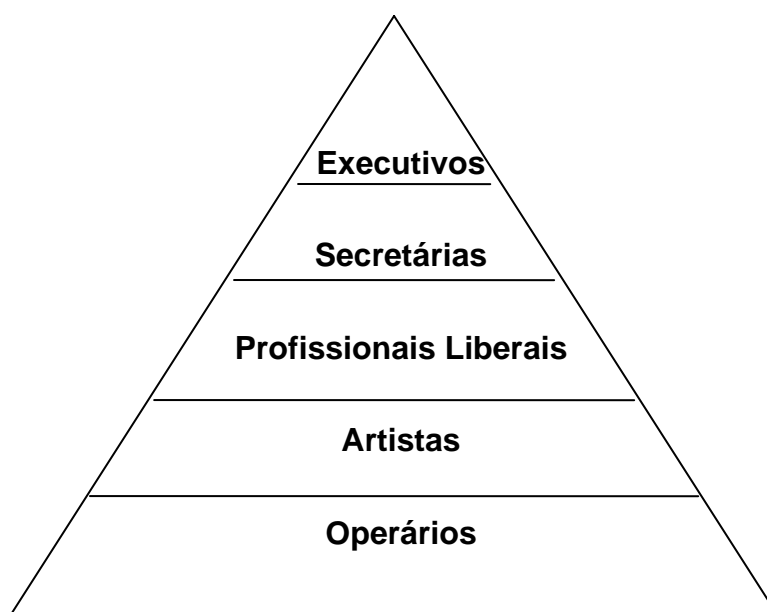
os filhos dos pais conscientes.

Ao relacionarmos os conceitos articulados nas asserções é possível perceber o posicionamento do autor em relação à escola regular, como também ao curso de idioma. O enaltecimento do curso de inglês acontece através da modalidade de avaliação positiva, revelando sub-repticiamente uma posição ideológica sobre a escola regular e sobre os pais que não optam por proporcionar uma segunda chance aos filhos, impera o não-dito.

No momento seguinte a reportagem faz menção aos adultos que procuram as escolas de idiomas. O enunciador vai descrevendo, citando as profissões, de maneira gradual, mas decrescente em termos de *status* social

( g) *São executivos, secretárias, profissionais liberais, artistas, eventualmente operários.*

Para melhor visualizar a ordem de valoração das profissões, observe:



É importante salientar que a presença dos operários na base da pirâmide, situação diretamente inversa à do executivo, é introduzida por uma modalização de verdade *eventualmente*, marcando que o conteúdo do que está sendo dito é verdadeiro sob determinada condição.

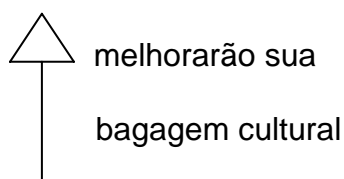
(h) – *todos convencidos de que, aprendendo inglês, não só melhorarão sua bagagem cultural como terão fortes chances de subir na vida.*



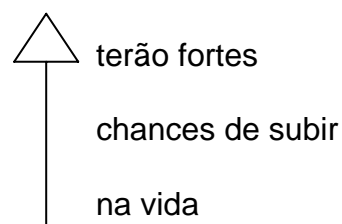
A asserção é iniciada através de uma modalidade quantificadora -*todos*- retomando os profissionais anteriormente citados, os quais buscam sua segunda oportunidade na vida.

Os operadores argumentativos *não só* e *como* ligam dois argumentos que são orientados para um mesmo sentido:

**Não só**



**como**



A escolha do tempo verbal no futuro simples é utilizada para advertir o leitor enunciatário de que se trata de um assunto que o afeta, mas que é possível responder. Encerra o texto remetendo o assunto para a esfera da expansão mundial da língua inglesa, que é introduzida pelo subtítulo que, como marca tipográfica, apresenta-se em negrito e em letras maiúsculas.

- **Significado ou conteúdo**

Esta seção do texto apresenta-se marcada por modalizadores que permitem que as perspectivas parciais da reportagem sejam transformadas em universais. Os modalizadores quantificadores pululam os parágrafos dos texto no intuito de salientar e valorizar as informações trazidas, o que evidencia a intenção argumentativa de convencer o leitor sobre o seu ponto de vista no que se refere ao tema em questão. Esse tipo de modalização também aparece no texto como dado para estabelecer uma situação que autoriza os co-enunciadores adentrar a ordem do discurso, autorizando-os a falar sobre o tema caracterizando a autoridade polifônica. As modalizações positiva e negativa trabalham a luta hegemônica no interior do discurso, caracterizada pela metáfora estabelecida entre escola regular e fragilidade e curso de idiomas e eficiência.

A metaforização, explorada no texto, traz a representação do discurso do senso comum caracterizando a intertextualidade. Neste caso, a revista tenta legitimar um discurso inscrito no senso comum sobre a incapacidade da escola regular em ensinar idiomas, trazido, por exemplo, no trabalho de Gasparini (2005), que observou, através de análise de depoimentos escritos produzidos pelos alunos do curso de Letras do estado de Minas Gerais, que as “supostas verdades sobre ensinar/aprender inglês configuram o ensino de inglês da escola como evidentemente ineficiente, enquanto que os cursos de idiomas aparecem configurados como os únicos lugares onde é possível aprender língua inglesa.”

A escolha lexical observada na estrutura ou forma revela o tom de julgamento na comparação entre os dois modelos de escola e seus resultados. O diálogo intertextual aparece também na asserção (*h*), na qual o autor recupera no discurso a argumentação discursiva trazida na capa da edição e que corresponde aos pressupostos de subir na vida, chegar ao céu, estar nas estrelas. Trabalhando, metaforicamente, com o discurso do bem estar, *well fare*, do suposto *American way of life*.

## **B) As tendências do discurso**

Neste trecho é possível evidenciar a democratização discursiva através da permissividade, da aceitação que o insucesso do ensino de inglês nas escolas regulares esteja centrado em um problema que não depende do público dessas instituições, neste caso os alunos que a escola regular recebe, mas sim da falta de uma motivação significativa para que se deseje aprender inglês. Assim, democraticamente, os leitores que compactuam com a idéia apresentada pelo co-enunciador sobre a ineficiência do ensino de inglês nas escolas regulares podem se sentir redimidos, a culpa é da posição geográfica do país, dando assim um final feliz para as possíveis assimetrias existentes no tocante ao aprendizado da língua no país. O co-enunciador nos faz crer, sendo-lhe atribuída a autorização da enunciação, somente o sofrimento, através da desigualdade no mercado de trabalho entre quem fala ou não o inglês, impulsiona o brasileiro a minimizar os problemas, até então justificáveis pela geografia, buscando escolas com ambiente, que ele considera próprio,

para o aprendizado da língua.

A tendência à comodificação desta parte da reportagem é destacada através de seu subtítulo Ambiente próprio. Desde o início, o enunciador tenta, através de várias estratégias já citadas nas análises de estrutura e de significado, estruturar sua trajetória discursiva apoiada na idéia do ambiente propício para a aprendizagem. Alega fatores geográficos, reforça a tese argumentativa da necessidade do inglês para o sucesso profissional, e traz, como co-enunciadores, diretores de escolas de idiomas que legitimam a proposição da tese de que o aprendizado adequado e competitivo deve ser realizado em um ambiente contrário ao da escola regular. Um ambiente sinestésico, com atmosfera estrangeira, para que a diferença marcada pela linha do Equador seja minimizada, proporcionando aos alunos o verdadeiro aprendizado.

A rede ideológica, que deseja inscrever-se sobre o tema, é realizada pelo processo de imbricamento das tendências, que vão tecendo e estruturando a idéia central servindo-se de uma descrição multifacetada para realizar o intento de destacar como o fato de saber inglês, que só será verdadeiramente adquirido em um ambiente próprio, traz o poder, a possibilidade de melhora, a participação de um fenômeno mundial. Partindo da prática discursiva eleita para abordar o tema, revela-se a tecnologização do discurso, visando à produção de mudança na postura do brasileiro que, conforme o texto, só muda de atitude, ou seja, procura um curso com 'ambiente próprio', quando a necessidade lhe é premente e delimitada pelo fator da empregabilidade e desejo de ascensão econômica e social.

## **( 8 ) Subtítulo 2 – Rápida Expansão**

### **A) Aspectos para análise**

- **Estrutura ou forma**

Trabalhando a estrutura textual, o subtítulo retoma uma idéia expressa anteriormente. Assim inicia sua argumentação sobre o tema

- (i) *O inglês, no mundo de hoje, é o que existe de mais próximo a uma "língua universal".*

Realiza a concatenação frásica através de uma referência comparativa: inglês = língua universal. No entanto, a definição da língua como universal revela um aspecto semântico-pragmático que usa uma denominação reportada, marcada pelo uso de aspas, que introduz no texto a fala do Outro, mantendo, com a proposição, um distanciamento crítico (Althier-Revuz, 1981).

Como reforço argumentativo, a modalização quantificadora reaparece para legitimar, através dos números, a proposição do enunciador. Desta vez, trazida com dados comparativos entre o inglês e o chinês. Veja:

*(j) Cerca de 700 milhões de pessoas falam inglês atualmente, seja como seu idioma nativo, seja porque o aprenderam (...)*

*(k) (...) essa cifra configura um espetacular aumento de 40% nos últimos 20 anos.*

*(l) O chinês, falado por pouco mais de 1 milhão de pessoas, ainda é, em termos estritamente numéricos, o campeão do planeta.*

Ao dar continuidade temática, no intuito de enfatizar sua tese, o autor veicula os seguintes conceitos sobre o inglês:

- *Desbancou o alemão;*
- *Substituiu o francês;*
- *É a língua das personagens de cena internacional;*
- *É a língua da diplomacia;*
- *É a língua dos mercados de capitais;*
- *É a língua do Comitê Olímpico e do concurso de Miss Universo;*
- *Está em todas as áreas.*

Observe-se que para essas definições foram utilizados vários termos semanticamente relacionados, portadores de implícitos. A escolha dos verbos *desbancou* e *substituiu* é reveladora da intenção de pressupor a superioridade do inglês sobre os demais idiomas. Já as afirmativas iniciadas pelo verbo *ser* buscam imprimir uma certeza inquestionável sobre a superioridade do idioma, visto que envolve desde os campos da arte, da diplomacia, do mercado de

capitais até os esportes e a beleza. Finaliza resumindo a abrangência da língua, ratificando sua intenção de explicitar que não existe área em que o inglês não esteja presente.

- **Significado ou conteúdo**

Em relação ao significado, uma das observações importantes a fazer é a metáfora da língua universal aqui definida como o inglês. Em um texto estruturado a partir de comparações estabelecidas por modalização quantificadora e restritiva (ver frase intercalada *em termos estritamente numéricos*) o autor busca circular, partindo de elementos explícitos, a inserção mundial do inglês, contrapondo e explicando as diferenças entre o inglês e chinês. Tacitamente a supremacia do inglês sobressai apesar do chinês sagrar-se como campeão. A escolha dos verbos é reveladora da luta hegemônica existente entre os idiomas citados. A metaforização localiza o tema da expansão no campo de batalha e reafirma seu posicionamento trazendo a abrangência das diversas áreas do conhecimento.

O diálogo intertextual é corporificado através das metáforas e das modalizações, que trazem os discursos da universalidade, da permeabilidade e da absorção da língua, provocando no leitor enunciatário a irrefutabilidade de sua tese, localizando, desta forma, a angústia e a ânsia que devem mover o leitor à busca do aprendizado.

## **B) As tendências do discurso**

A ressonância intertextual da conceituação do inglês como língua universal e homogeneizadora, marcada pelo uso autonímico de aspas, busca a transformação social fazendo crer que o processo de aprendizagem é inevitável, porém democrático. Outra marca de democratização implica na relação de poder que sugere suas afirmações sobre a permeabilidade da língua nas várias áreas do conhecimento

As transferências metafóricas articuladas pela escolha lexical demonstram que a língua inglesa precisa ser adquirida, comprada, por representar a arma, o aparelho para vencer a luta, para ser campeão. O não dito sugere o consumo e a vitória ou o não-consumo e a derrota.

O discurso da tecnologização emerge da urgência do conhecimento do idioma em face aos campos do conhecimento elencados. Esse discurso sugere que ninguém hoje tem permissão para não saber inglês. Personalidades internacionais, diplomatas, administradores, atletas e até as candidatas ao concurso de beleza Miss Universo precisam saber inglês.

## CAPÍTULO 5

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

*The British Empire has given way to the empire of English. (Phillipson, 1992)*

No capítulo 1, estabeleci as três questões norteadoras que me guiaram neste estudo:

- a) Como é construído o discurso da revista sobre o ensino/aprendizagem de língua inglesa no Brasil?
- b) Que ideologias circulam nas reportagens veiculadas pela revista *Veja* em relação ao ensino/aprendizagem de língua inglesa?
- c) Por que se materializa este discurso sobre o ensino/aprendizagem e não outro?

Em determinado grau, a construção dos discursos da revista *Veja* sobre o ensino/aprendizagem de inglês apresentam a circulação de enunciados que pretendem se inscrever como verdadeiros na sociedade, constituindo o arquivo da época sobre ensinar/aprender inglês. No entanto, o surgimento do discurso como tal é também determinado por um 'jogo de regras' – arquivo – sobre o que se pensou, se escreveu, se produziu sobre o tema que emerge, agora, ressignificado pela mídia. É claro que nem tudo que se diz sobre o ensino-aprendizado de inglês está contido na massa de enunciados analisada, caracterizando assim uma das limitações do trabalho, mas a irrupção do discurso que se apresenta na revista é caracterizado como “ a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares (...) é o sistema de seu funcionamento (...) entre a tradição e o esquecimento (...) ” (Foucault, 1972: 160). E mais, para Foucault o discurso é impregnado de poder e seu funcionamento acontece no interior

das práticas discursivas (Sargentini, 2004: 93), o que o leva a refletir sobre a vontade de verdade

(...) Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para obtenção da verdade; o estatuto daquele que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (Foucault, 1996)

A partir desta reflexão sobre a vontade de verdade pode-se observar que a revista *Veja* é autorizada a sustentar o discurso sobre o ensino/aprendizagem de inglês, pois lhe é socialmente constituído o direito institucional de proferi-lo como tal. Então, por meio de proposições de senso comum, que subjazem às tendências do discurso, a revista constrói o discurso do inglês como língua internacional e franca. Estas proposições são identificáveis por meio de uma análise crítica do discurso.

Na tendência do discurso à democratização, o mecanismo da coletividade é acionado para afirmar que o aprendizado de inglês é 'para todos'. Desde a capa da edição analisada, existe uma proposta de homogeneização que busca democraticamente interpelar os atores sociais a participar do acontecimento mundial. A opção por uma linguagem informal, em oposição à linguagem acadêmica, denota o desejo do autor em tornar a leitura da reportagem acessível.

A escola regular, trazida para o tema como antítese argumentativa, é descrita como ineficaz e incapaz de conduzir alguém ao sucesso, tanto no aprendizado de línguas, quanto nos outros campos do conhecimento.

A identidade do brasileiro é recuperada pela reportagem como acomodado, alguém que só muda suas atitudes diante de situação de emergência, neste caso, a emergência de se aprender inglês. Conduzido por este fato é que o brasileiro procura o 'ambiente próprio', leia-se a escola de idiomas. A revista, utilizando sua memória arquivista, apenas retoma e legitima o comportamento do brasileiro em relação às suas questões prementes.

Ao mesmo tempo em que afirma que aprender inglês é um fato inadiável, com base nos argumentos da língua franca, estabelece uma relação



democrática com o tema, mostrando a permeabilidade do idioma nos mais variados segmentos sociais.

As desigualdades promovidas pelo efeito da globalização, baseada em um sistema de exploração sobre aqueles classificados como países periféricos, são apagadas. Os efeitos de sentido circulam a idéia de que os países desenvolvidos, por si só, conquistaram essa posição, assim implicitamente constrói-se o discurso de que falar inglês está diretamente conectado ao desenvolvimento, e, por conseguinte, à ascensão social. O não-dito fica por conta dos sentidos recuperáveis das enunciações: os países do terceiro mundo são os únicos responsáveis pelo seu não desenvolvimento

Conforme nos explica Fairclough, “a democratização e a comodificação podem aparentar ser simples opostos – a primeira é o enfraquecimento de controle, a segunda o fortalecimento de controle (...) a comodificação de fato implica a democratização” (Fairclough, 2001: 268).

Fortalecido pela democratização do discurso, o ensino/aprendizagem de inglês é apresentado, pela colonização das ordens do discurso, como um bem simbólico que precisa ser consumido. Desde a capa da edição analisada, as escolhas lexicais legitimam o posicionamento da revista que trata do ensino/aprendizagem com um produto a ser comercializado. Na metáfora militar, além de produto, emerge o sentido do inglês como arma para a batalha, o mercado de trabalho. Emerge aí o discurso da globalização, a invasão descentralizada proporcionada pela abertura de fronteiras. Neste contexto o inglês é significado como a arma da nova revolução, a revolução tecnológica imposta pelo processo de globalização. (Ver capítulo 2, seção 2.2)

Ainda na comodificação do discurso, a escola regular figura como modelo a ser substituído pelo modelo do instituto de idiomas. Este é apresentado como o local que se pode sinestésicamente aprender, pois é possível respirar, sentir o ambiente do mundo desenvolvido. Quem quer ter sucesso precisa falar inglês, e o lugar de aprendê-lo não é a escola regular.

A construção do discurso via tecnologização perpassa vários argumentos elencados na reportagem. Dentre eles, o sentido de que o discurso econômico e o lingüístico caminham lado a lado com o poder, pois somente a habilidade comunicativa de falar inglês garante a posição do ator na sociedade. Essa tendência é aparente na intertextualidade dos discursos articulados na

estratégia argumentativa: o discurso da empregabilidade, da preparação para o mercado de trabalho.

Ainda na tendência à tecnologização do discurso é possível recuperar a luta hegemônica travada pela pressuposição de dominação por quem fala o idioma, sugerindo que a fronteira entre as pessoas bem sucedidas e as não bem sucedidas é delimitada pela conscientização da necessidade de investimento em escolas com ‘ambientes próprios’.

Por meio da ACD, os efeitos de sentido recuperados à luz das tendências do discurso mostram como a revista *Veja*, na reportagem analisada, constrói seu discurso sobre o ensino/aprendizagem de língua inglesa. Em conformidade aos aportes teóricos apresentados neste trabalho, a luta de classes de outrora, em tempos de globalização, é substituída pela luta da libertação pela inserção. ( ver capítulo 2, seção 2.2 )

A segunda pergunta encetada nesta pesquisa diz respeito às ideologias que circulam na reportagem da revista em relação ao ensino/aprendizagem de inglês. Para responder à esta questão baseio-me no conceito de ideologia proposto por Fairclough (1992). (Ver capítulo 3, seção 3.1)

Através da ideologia foi possível elucidar as produções de sentido que situam o ensino/aprendizagem de inglês em um determinado lugar, delineando os contornos sobre o tema de maneira peculiar. Na verdade, busquei saber em que medida o mecanismo da ideologia afeta as ordens do discurso. Observei que as marcas de funcionamento discursivo sinalizam relações de dominação hegemônicas, “ no sentido de que ela (a ideologia) serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para produzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes” (Resende & Ramalho, 2006: 49). Assim, destaco as ideologias que circulam na reportagem analisada:

1. O inglês é a língua que possibilita, além da mobilidade social, o progresso, o conhecimento, o desenvolvimento econômico, o sucesso e o emprego.
2. O inglês é a arma do ator social para a batalha na era tecnológica.
3. O inglês é a língua mais falada no mundo, pois, embora perca numericamente para o chinês, é mais

importante e mais permeável em lugares diversos do planeta.

4. O inglês é a língua universal.
5. A escola regular não cumpre o seu papel de ensinar inglês.
6. O curso de idiomas é o lugar adequado para o aprendizado de inglês.

Comento mais sobre as ideologias ao retomar a terceira pergunta da pesquisa, por meio da qual desejo descobrir por que se materializa este discurso sobre o ensino/aprendizagem e não outro.

Para responder a este questionamento retomo o conceito de arquivo (Ver capítulo 1. seção 1.2) e acrescento alguns dados de Gasparini (2006: 162-169), que realizou uma pesquisa com estudantes de Letras sobre ensino/aprendizagem de inglês. Sobre o assunto, os alunos assim se manifestaram:

*“S3 A aprendizagem da língua estrangeira no contexto escolar é bastante deficitário.”*

*S4 O ensino de inglês no contexto do ensino médio e fundamental é deplorável.*

*S17 Apenas quem têm, dinheiro e tempo para se aperfeiçoar em cursinhos particulares é que adquirem um conhecimento mais amplo da língua inglesa. (sic.)*

*S18 Afirmo que, o que sei de inglês, foi aprendido no curso particular de inglês, e não dentro do colégio. (sic.)*

*S21 Especialmente no Brasil, onde a influência da língua inglesa é gritante, o ensino desta língua, deveria ser levado sério, especialmente nas escolas públicas. (sic.)*

A revista, ao realizar a reportagem, recorre à memória arquivística sobre as representações de ensino/aprendizagem circulantes na sociedade, já que o enunciador autorizado, o professor, profere o discurso da importância de aprender inglês, ao mesmo tempo em que propala o discurso da ineficiência da escola regular. A mídia apenas retoma o discurso dos próprios professores e acadêmicos de Letras e o utiliza para comodificar o ensino/aprendizagem de inglês. A ausência da pedagogia crítica da qual nos falamos Cox & Assis-

Peterson (Ver Capítulo 2, seção 2.5) explica porque discursos como esse apresentado na reportagem da revista *Veja* surgem e não outros.

Na minha opinião, para que outro discurso possa surgir e se materializar é importante que professores de inglês estejam informados sobre as implicações sociais e políticas de suas atividades como educadores, pois eles exercem grande influência nos conceitos dos estudantes sobre o mundo. Por meio desse esclarecimento, os professores poderiam reagir contra as instituições acadêmicas determinando a pedagogia a ser desenvolvida. Sobre isso, nos fala Papa (2005)

“ a prática educativa crítica deveria conectar os trabalhos de sala de aula com o contexto social mais amplo. Temas com enfoque nos problemas sociais da escola e da comunidade, por exemplo, poderiam contribuir para formar educadores e educandos como agentes críticos de mudança, bem como os posicionariam mais próximos da realidade social. Isso, certamente, seria um passo a mais na busca da emancipação social”.

Para tanto, dever-se-ia proporcionar ao professor de inglês uma formação crítica que lhe dê uma idéia clara de como funcionam as relações de poder, para que possa perceber que tipo de discurso pode estar sob determinadas proposições que são apresentadas como verdades universais.

É essencial que o professor não adote uma atitude de fascinação, encantamento e subserviência em relação à cultura dos países falantes de inglês, considerando esta cultura como superior.

Conforme Paulo Freire, não existe neutralidade na educação. Ela pode funcionar como instrumento de integração dos educandos em um sistema de conformação, ou como uma prática de emancipação e liberdade.

A meu ver, parece que o grande desafio dos professores de língua inglesa em um país como o Brasil é serem capazes de ensinar o idioma sem assimilar a ideologia do dominante sobre o dominado. Ao contrário, a língua deve servir como instrumento para lutar contra este tipo de discurso e as ideologias impregnadas nele. Quanto ao discurso da ineficiência da escola regular, o desafio é, por meio de uma formação crítica e desenvolvimento continuado, reverter a situação e também o discurso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, P. C. J. A representação do processo de aprender do livro didático nacional de língua estrangeira moderna no 1º grau. In *Trabalhos de lingüística aplicada* (17): 67-97. 1991.

AUTHIER-RÉVUZ, J. *Hétérogénéité montréal et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre des discours*. DRLAV, 26, 1982.

BELL, D. Resolving the contradictions of modernity and modernism. *Society*, vol.27, nº 4, May-June, 1990.

CASANOVA, G. P. Globalidade, neoliberalismo e democracia In GENTILLI, P.(org) *Globalização Excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial*. Vozes, Petrópolis, RJ, 2000.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU. *Dicionário de Análise do Discurso*. Contexto, São Paulo, 2004.

CHOMSKY, N. Democracia e mercados na nova ordem mundial. In GENTILLI, P.(org) *Globalização Excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial*. Vozes, Petrópolis, RJ, 2000.

COX & ASSIS-PETERSON. O professor de inglês entre a alienação e a emancipação. *Linguagem e ensino*. Vol.4, No. 1, pp. 11-36. 2001.

COX & ASSIS-PETERSON. Leituras de uma propaganda da escola "Cultura Inglesa": efeitos de sentido. *Acta Scientiarum*. 20 (1): 17-25, 1998.

CRYSTAL, D. *Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge University Press. London, UK. 1997.

CRYSTAL, D. *English as a global language*. Cambridge University Press, Cambridge, 1997.

CUNHA, J. M. Brazilian language policy towards linguistic minorities. In: *Working papers series*. Lancaster: Lancaster University Press. 1996.

FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. Essex, England: Longman Group, 1989.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: Textual analysis for social research*. London, England: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press,

1992.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. de Luis Felipe Baeta Neves. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1972

FOUCAULT, M. (1970) *A ordem do discurso*. 3ª ed. Trad. Lígia Fraga S. Almeida. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogy of the oppressed*. New York: The Seabury Press, 1970.

GASPARINI N. E., Os sentidos de ensinar e aprender inglês na escola de ensino médio e fundamental – uma análise discursiva. *Polifonia*. Cuiabá: EdUFMT, no. 10, 2005.

GIROUX, H.A. *Theory and resistance in education: a pedagogy for the opposition*. South Hadley, MA: Bergin & Garvey. 1983.

GNERRE, Mauricio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

GRAMSCI, A. *Selections from the prison notebooks*. Ed. e trad. Q. Hoare & G. N. Smith. Londres: Lawrence and Wishart, 1971.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HERNANDES, N. A revista *Veja* e o discurso do emprego na globalização. Dissertação de mestrado. Departamento de Lingüística. Universidade de São Paulo, 2001.

HINDMARSH, R.X., English as an international language. *ELT Documents: English as an International language* 102: 40-43. 1978.

HODGE, R. e KRESS, G. *Social Semiotics*. Cambridge: Polity Press; Ithaca: Cornell University Press, 1988.

KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. V. *A coesão textual*. 19ª ed. São Paulo: Contexto. 2004

KRISTEVA, J. Word, dialogue and novel. In: MOI, T. *The Kristeva reader*.

Oxford: Basil Blackwell, 1986

KASHRU, B. J. Standards, codification and sociolinguistics realism: the English language in the outer circle. In QUIRK, R, WIDDOWSON, HG (eds), *English in the world*, Cambridge: Cambridge University Press. 1985.

LACOSTE, Y Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês. In: LACOSTE, Y. & RAJAGOPALAN, K. *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola Editorial. 2005

LIMA FILHO, D. L. *Dimensões e Limites da Globalização*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos Discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba, PR: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Novelles tendance em anlyse du discours*. Paris:Hachette, 1987.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de Lingüística Aplicada*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

MAGALHÃES, C. A análise crítica do discurso enquanto teoria e método de discurso. In: MAGALHÃES, C. *Reflexões sobre análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

MORAES, R. *Neoliberalismo: de onde vem, para onde vai?* São Paulo, SP: Editora Senac, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, A. P. (org.) *Gêneros textuais de ensino*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARZUI, A. *The political sociology of the English language*. The Hague/ Paris: Mouton. 1975.

MARTINS, A. R. N. A polêmica construída: racismo e discurso da imprensa sobre a política de cotas para negros. Tese de Doutorado, Brasília, UnB. 2004.

NAVARRO, B. P. Foucault, o discurso e a história. In SARGENTIINI & NAVARRO-BARBOSA (orgs.) *M. Foucault e os domínios da linguagem*. São Carlos: Claraluz, 2004.

NAVARRO, B. P. O sentido nas malhas do discurso. II Sead, 2005

NAYSMITH, J. "English as imperialism?" *Language issues*, 1 (2): 3-5. 1987.

ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

- ORTIZ, R. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ORTIZ, R. As ciências Sociais e o Inglês. *Revista Brasileira das Ciências Sociais*. vol.19, no.54. São Paulo Feb. 2003.
- PAIVA, V. L. O. *Ensino de língua inglesa reflexões e experiência*. In: PAIVA V. L.O. (org.) Campinas: Pontes Editores. 1996
- PAPA, S. M.de B. I. O professor reflexivo em processo de mudança na sala de aula de língua estrangeira: caminhos para a (auto) emancipação e transformação social. Dissertação de Doutorado, LAEL – PUC/SP. 2005.
- PÊCHEUX, M., HENRY, P., POITOU, J. P. E HAROCHE, C. um exemple d'ambiguïté ideologique: le rapport Mansholt. *Téchnologies, Ideologies, et Pratiques*. 1 (2): 1-83, 1979.
- PENNA, G. M. M., Concepções de ensinar e aprender inglês no discurso da revista escola e identidade docente. Dissertação de Mestrado, Mato Grosso, IL da UFMT.
- PENNYCOOK, A. *The Cultural Politics of English as an International Language*. London: Longman, 1994.
- PEREIRA, A. L. Eurocentrism in Brazilian textbooks for EFL teaching. Dissertação de Mestrado, UnB, 1998.
- PHILIPSON, R. *Linguistic imperialism*. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- QUIRK, R. The English language in a global context. In QUIRK, R. WIDDOWSON, HG. (eds), *English in the world*, Cambridge: Cambridge University Press. 1985.
- RAJAGOPALAN, K & LACOSTE, Y. *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- REALE, M. *Pluralismo e liberdade*. São Paulo: Saraiva, 1963
- RESENDE, M. V. & RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ROBERTSON, D. *Globalization: Social theory and global culture*. Londres: Sage, 1992.
- SARGENTINI, V. A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo. In SARGENTINI & NAVARRO-BARBOSA (org). *M. Foucault e os domínios da linguagem*. São Carlos: Claraluz, 2004.
- SILVA, P. F. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In



SARGENTINI & NAVARRO-BARBOSA (org). *M. Foucault e os domínios da linguagem*. São Carlos: Claraluz, 2004.

THERBORN, G. "Dimensões da globalização de (des)caminhos da ciência social. In GENTILI, P. (org.) *Globalização Excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial*. Vozes, Petrópolis, RJ, 1999.

THOMPSON, J. B. *A Mídia e a Modernidade: Uma Teoria Social da Mídia*. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VASCONCELOS, E. F. S. A leitura crítica do ensino de inglês como língua estrangeira. Dissertação de Mestrado, Distrito Federal, LIV da UnB, 1999.

### **Edições da revista**

*Veja*, ed. 1960. São Paulo: Abril, 14 de junho de 2006.

*Veja*, ed. 789, São Paulo: Abril, 19 de outubro de 1983.

## APÉNDICE



Especial

# O Brasil speaks English

*Decididos a aprender seu segundo idioma e melhorar o seu futuro profissional, milhares de brasileiros ingressam em cursos de inglês*

**D**ois homens de aspecto severo, um deles de terno e gravata, destoavam na semana passada da paisagem humana exibida por uma das fervilhantes lanchonetes da cadeia McDonald's, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Postados frente a frente numa mesinha, a separá-los um hambúrguer e um milk-shake, eles entabularam durante quase 50 minutos um às vezes hesitante diálogo sobre assuntos variados — sempre em inglês. Terminada a conversa, o executivo Jonas Carvalho, 41 anos, funcionário de uma empresa multinacional, parecia radiante. "Hoje a aula rendeu", disse.

Aquela não fora uma conversa qualquer: Carvalho estuda inglês há um ano no curso Auding e paga 50 000 cruzeiros por mês para ter aulas individuais onde estiver. É uma boa maneira de não perder tempo — e de aprender rápido. "Já passei por vários outros cursos, mas em nenhum consegui os resultados que estou alcançando agora", afirma o executivo. "Além de aprender a falar sobre o trivial, tenho aulas específicas com vocabulários pa-

ra finanças e marketing, que são de grande valia para o meu trabalho."

Como Carvalho, cerca de 500 000 brasileiros de diferentes idades, com variados métodos e em distintos cursos espalhados pelo país, ao menos uma vez por semana são compelidos a olhar para um livro e pensar: "This is a book." Quase todos passaram por escolas regulares onde o inglês costuma ser ensinado da 5.ª série do 1.º grau em diante — nessas

escolas, atualmente, 9,5 milhões de crianças assistem às aulas desse idioma. Mas alguma coisa ali não funciona bem. O aluno pode ser aprovado nessa disciplina seis anos seguidos, e ainda assim nada assegura que estará sabendo ler, compreender ou falar suficientemente o inglês quando for necessário. Com as exceções de praxe, mal se fecham os livros e os conhecimentos adquiridos pousam na mesma gaveta do esquecimento que abriga informações descartáveis como, por exemplo, o ponto mais alto da Serra da Mantiqueira ou os afluentes da margem direita do Rio Amazonas.



Carvalho (de terno), no McDonald's: aula com hambúrguer

FERNANDO PIMENTEL

**AMBIENTE PRÓPRIO** — "O problema do inglês nas escolas talvez esteja mesmo na falta de motivação", arisca Mauro Salles Aguiar, 33 anos, diretor do eficiente Colégio Bandeirantes, em São Paulo, com 3 000 alunos. Na Europa, exemplifica Aguiar, as distâncias são menores e uma família pode ir de um país a outro, sem maiores transtornos, nas férias ou mesmo durante os fins de semana, o que esti-



mula a adoção de uma língua comum. "Já no Brasil", compara, "as pessoas só percebem a real necessidade do aprendizado mais tarde, quando enfrentam a vida profissional e sentem na carne a diferença que existe entre saber ou não inglês."

Lúcia Barbosa Lemos, 58 anos, uma das criadoras em 1965 do método Pink and Blue, para crianças a partir de 5 anos de idade, hoje aplicado numa rede de 165 escolas distribuídas pelo Brasil, acha que dificilmente o ensino de inglês gerará bons resultados numa sala de aula convencional. "Já tentamos dar aulas numa escola de 1.º grau e não deu certo", depõe Lúcia. "Verificamos que um curso de línguas tem que ter um ambiente próprio, onde os alunos sintam o idioma no ar."

Além das crianças matriculadas por pais conscientes da fragilidade do ensino nas escolas, dezenas de milhares de adultos pagam bom preço por uma segunda oportunidade nos diversos cursos de inglês existentes no país (veja o gráfico). São executivos, secretárias, profissionais liberais, artistas, eventualmente operários — todos convencidos de que, aprendendo inglês, não só melhorarão sua bagagem cultural como terão fortes chances de subir na vida. É inevitável que esse contingente formado por meio milhão de estudantes seja ampliado nos próximos anos. Afinal, a invasão do Brasil pelo inglês só começou — cálculos grosseiros permitem supor que, no momento, 1 milhão de brasileiros são capa-

zes de se expressar em inglês. E é certo que também aqui não tardará a ser reprisado um fenômeno registrado em diversas outras partes do planeta.

**RÁPIDA EXPANSÃO** — O inglês, no mundo de hoje, é o que existe de mais próximo a uma "língua universal". Cerca de 700 milhões de pessoas falam inglês atualmente, seja como seu idioma nativo, seja porque o aprenderam — e essa cifra configura um espetacular aumento de 40% nos últimos vinte anos. O chinês, falado por pouco mais de 1 bilhão de pessoas, ainda é, em termos estritamente numéricos, o campeão do planeta. Mas virtualmente nin-

guém fala chinês fora da China ou das comunidades de imigrantes desse país no exterior. Sua utilidade, assim, é nenhuma — ao contrário do inglês, em expansão cada vez mais rápida pelos quatro cantos do mundo.

"Hoje em dia", diz Robert Burchfield, editor do clássico *Oxford English Dictionary*, "qualquer pessoa com razoável grau de educação e escolaridade, em qualquer parte do globo, estará em desvantagem se não souber inglês." Afinal, a ampliação das fronteiras desse idioma não tem poupado área alguma. Já há bom tempo, por exemplo, ele substituiu o francês como a língua da diplomacia e dos contatos entre

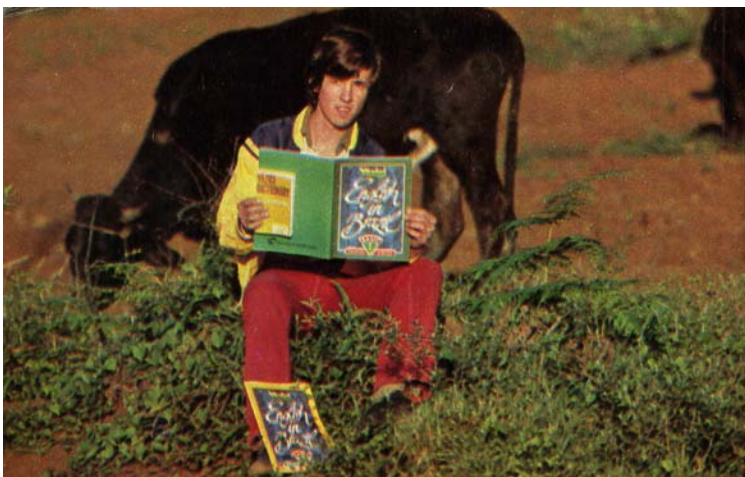
as nações. Do chanceler soviético Andrei Gromyko ao líder palestino Yasser Arafat, a maioria dos personagens da cena internacional é fluente em inglês. É esta a língua com que os japoneses compram petróleo dos mexicanos, ou com que os franceses vendem vinho aos suecos. Da mesma forma, o inglês é a língua oficial de organismos e eventos tão dispareques quanto o Comitê Olímpico Internacional e o concurso de Miss Universo.

Nessa acelerada expansão, desbancou o alemão no campo da ciência: cerca de 80% de todos os trabalhos científicos são hoje publicados, originalmente, em inglês, idioma dominante na eletrônica, na tecnologia avançada, na medicina. Predomina quilômetros à frente, também, na aviação, no comércio e finanças internacionais, no

### As principais escolas de inglês do Brasil

Escolas	Cursos	Recursos
<b>Fisk</b> , 230 <sup>+</sup> escolas 30 000 alunos	Básico: 8 estágios de 4 meses Cr\$ 10 000,00 por mês	Vídeo, gravador, filmes e livros
<b>Pink and Blue</b> 165 <sup>+</sup> escolas 18 000 alunos	Infantil: 7 estágios de 1 ano Cr\$ 12 325,00 por mês	Discos, slides, jogos, dramatizações
<b>Yáziq!</b> 180 <sup>+</sup> escolas 50 000 alunos	Básico: 3 anos Cr\$ 13 000,00 por mês	Gravador, filmes e slides
<b>CCAA</b> 150 <sup>+</sup> escolas 70 000 alunos	Básico: 7 estágios de 4 meses Cr\$ 12 000,00 por mês	Vídeo, gravador, filmes e livros
<b>Cultura Inglesa</b> 34 escolas 80 000 alunos	Básico: 1 a 3 semestres Cr\$ 18 400,00 por mês	Cassetes, vídeo e biblioteca ligada por computador à British Library de Londres
<b>Berlitz</b> 7 escolas 3 000 alunos	Intensivos: 4 meses Cr\$ 460 000,00 por mês Imersão total: 15 dias Cr\$ 3 046 000,00	Livros, vídeo e gravador para necessidades específicas dos alunos
<b>Auding</b> 2 escolas 1 000 alunos	Individualizados: Cr\$ 50 000,00 mensais. Imersão: 22 dias Cr\$ 1 359 000,00	Livros, vídeo e gravador
<b>Alumni</b> 3 escolas 2 000 alunos	Básico: 8 estágios de 2 meses Cr\$ 95 000,00 por mês	Livros, vídeo e gravador
<b>Rockwell</b> 4 (SP) escolas 4 000 alunos	Básico: 6 estágios de 7 meses Cr\$ 6 600,00 por mês	Discos, fitas e livros
<b>IBEU</b> 6 (RJ) escolas 14 000 alunos	Básico: 8 semestres Cr\$ 9 700,00 por mês	Gravador, slides, filmes e biblioteca

\* Cursos que permitem a utilização de sua marca em troca de uma taxa semestral



Braz, em Francisco Beltrão: "Os americanos terão de me dobrar no papo"

cinema e na música — por sinal, a universalidade da música pop, produzida esmagadoramente em inglês, funciona como poderoso atrativo para as novas gerações. E um número crescente de profissões, de piloto internacional a operador de comércio exterior, e de empregos acima do nível médio, como os oferecidos por empresas multinacionais, são hoje virtualmente inacessíveis a quem não fale inglês.

**TRADUÇÃO DISPENSADA** — Áreas inteiras de atividades surgiram, firmaram-se e desenvolvem-se falando quase que exclusivamente em inglês — é o caso dos computadores, com seu jargão universalmente aceito, onde ninguém pensa substituir termos como *software* ou *basic* por palavras nativas. E a tal ponto chegou a consolidação do inglês como língua universal que um extenso rol de palavras se incorporou ao cotidiano de outros idiomas — entre os quais, naturalmente, o português. No Brasil, quem circula pelo mundo das finanças usa expressões como *open-market* ou *overnight* com a naturalidade de quem diz "tudo bem". Homens de negócios pronunciam termos como *marketing* sem saber que se trata de uma palavra estrangeira, crianças inflexionam com destreza o *a* de *video-game* e, nas rodas de músicos, quem usa a expressão *new wave* nada tem de afetado. Enfim, sempre que há uma boa jogada em qualquer jo-

go de futebol transmitido pela televisão, milhões de espectadores pedem, mentalmente, um *replay*.

No Brasil, a progressiva rendição dos nativos aos encantos do inglês é favorecida pela certeza de que conhecer esse idioma conta pontos decisivos na luta por bons empregos — um trunfo sensivelmente valorizado em tempos de crise econômica. "O brasileiro precisa hoje do inglês para progredir, e os cursos têm que se adaptar para não perder a clientela", avisa a professora carioca Maria Elizabeth Diogo, 30 anos, que leciona simultaneamente no moderníssimo curso Horizon, encravado na Zona Sul do Rio, no Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU) e numa escola pública de Bonsucesso, a Clotilde Guimarães, freqüentada por jovens moradores da favela Nova Holanda.

"A crise mudou o mercado", con-



Richard Hugh Fisk: muda a apresentação, fica o método

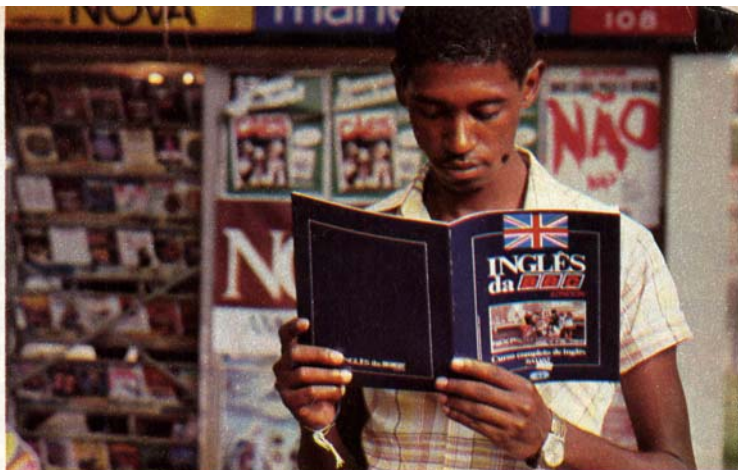
firma Danilo Coscarelli, 52 anos, diretor do Modern American Institute (MAI), com 2 800 alunos espalhados por cinco escolas em Belo Horizonte. Há dois anos, o número de matriculados era bem maior: 3 500. Em compensação, a taxa de desistência agora baixou para a marca recorde de 2% ao mês. A desistência de alunos em má situação financeira tem sido neutralizada pela entrada em cena de empresas dispostas a patrocinar cursos de inglês para seus funcionários. Quase todas mantêm convênios com escolas, mas pelo menos o Banco Itaú resolveu montar seu próprio curso (veja o quadro à página 75). "Até recentemente, aprender inglês era simplesmente moda", afirma Coscarelli. "Agora, não. Os alunos precisam realmente da língua para melhorar profissionalmente." É precisamente por isso que alguns brasileiros preferem fazer malabarismos orçamentários a abandonar as salas de aula.

**LIVROS NO MILHARAL** — Todo fim de mês, Antônio Fernando Lima, 25 anos, quase nem chega a levar para casa o modestíssimo salário — 20 000 cruzeiros — que ganha como office-boy da Academia de Dança Clássica de Brasília. Desse ordenado, 16 000 cruzeiros vão direto para o pagamento do curso que faz numa das escolas da Cultura Inglesa. Lima sobrevive com a ajuda do pai, bombeiro hidráulico na cidade-satélite do Núcleo Bandeirantes, e sonha com o fim dos estudos para tentar um emprego como tradutor no Aeroporto Internacional de Brasília. "Então", confia, "nossa vida vai melhorar."

Sonhos semelhantes aos de Lima freqüentaram até poucas semanas atrás a imaginação de Alcimar Antônio Braz, 17 anos, agricultor na cidade paranaense de Francisco Beltrão, 50 000 habitantes, a 500 quilômetros de Curitiba, quase na fronteira com a Argentina. Como as enchentes de julho passado afogaram a esperança de uma boa colheita de milho no sítio da família, Braz tornou-se cobrador de ônibus e teve de conformar-se com a interrupção do curso que fazia no Yázigi de Francisco Beltrão. "Plantar milho e criar porco não dá futuro", desconfia. "Sabendo inglês,

passo no vestibular e vou ser alguém na vida." Ele continua abraçado aos livros e, sempre que pode, pronuncia palavras arquivadas na memória. Só chama, por exemplo, a mãe de *mother* e o pai de *father*. E espera que a terra volte a dar bons frutos para retomar o curso e, assim, preparar-se para um futuro desenhado por sua imaginação. "Todo mundo diz que os americanos estão tomando conta de tudo", acautela-se. "Eu, pelo menos, eles vão ter que dobrar no papo."

Até pouco tempo atrás, jovens como Alcimar Braz teriam de deslocar-se para uma cidade grande se quisessem assimilar outro idioma. Hoje, dezenas de cursos partilham alegremente os lucros oferecidos por essa descoberta do interior. O logotipo das Escolas Fisk, por exemplo, já é familiar à paisagem de muitas cidades paulistas. Com 250 escolas distribuídas pelo país e cerca de 80 000 alunos, trata-se de uma das maiores redes de ensino de inglês do Brasil. Mas poucos desses cursos pertencem ao americano Richard Hugh Fisk, nascido há 61



Lima, em Brasília: "Depois do curso, nossa vida vai melhorar"

anos em Vermont, no Estado de Nova York, e desde 1950 no Brasil.

**SISTEMA CLÁSSICO** — Fisk apenas aluga a marca e autoriza a utilização do método que elaborou depois de ter passado alguns anos lecionando em

curso alheios. "O importante é transmitir a estrutura da língua, de maneira que a pessoa possa conversar correta e naturalmente", resume Fisk. "E o método não muda, porque, afinal, a língua continua a mesma. O que muda é apenas a apresentação." As escolas au-

## Uma escola de inglês na empresa

Até cinco anos atrás, quando um funcionário do Banco Itaú ia ao exterior para fazer cursos de pós-graduação ou estágios de especialização, viajava com um mês de antecedência para aprender inglês antes de enfrentar os estudos bancários. O banco continua mandando seus funcionários para especializações no exterior, mas já não gasta a verba extra de estada, sem recorrer à franquia que muitas empresas concedem a seus funcionários para frequentar cursos de inglês. "Preferimos desenvolver um programa de preparação planejada de nossos funcionários", diz Luiz Christiano de Lima Alves, gerente do Departamento de Treinamento do Itaú.

Hoje o banco tem seu próprio curso de inglês, com três professoras contratadas, um completo laboratório de línguas e 400

alunos-funcionários. "Nosso maior problema é selecionar os funcionários", conta Alves. "O interesse é muito grande." Os critérios de seleção dão prioridade aos funcionários de setores técnicos, como processamento de dados, ao pessoal da área de comércio exterior e aos executivos de nível gerencial. "No caso do pessoal técnico, ainda podemos exigir o conhecimento de inglês para contratar o funcionário", explica Alves. "Mas, no caso dos executivos, que na

maioria das vezes fizeram carreira dentro do banco, sentimos que é quase uma obrigação dar a oportunidade para que eles aprendam a língua."

O curso do Itaú tem duração de dois anos e meio, e está montado como os cursos das melhores escolas do gênero, com a vantagem de ser adaptado às necessidades de vocabulário da área financeira. O banco ainda economiza dinheiro — fica mais barato manter o próprio curso do que pagar para os funcionários estudarem fora

— e tem condições de fiscalizar e acompanhar o desenvolvimento do curso. "Avaliamos os resultados na prática, quando os alunos precisam efetivamente usar o que aprendem", informa Alves. "E não temos ouvido reclamações." Para os funcionários do banco também existem vantagens — que evidentemente casam com o interesse da empresa. A principal delas é que o curso é dado no horário de expediente, como uma atividade funcional normal. Ou seja, os funcionários ganham para estudar.



Sala de aula no Banco Itaú: ganhando para estudar

torizadas não pagam taxas pela franquia para utilizar o método, mas comprometem-se a vender livros e discos produzidos pela Fisk.

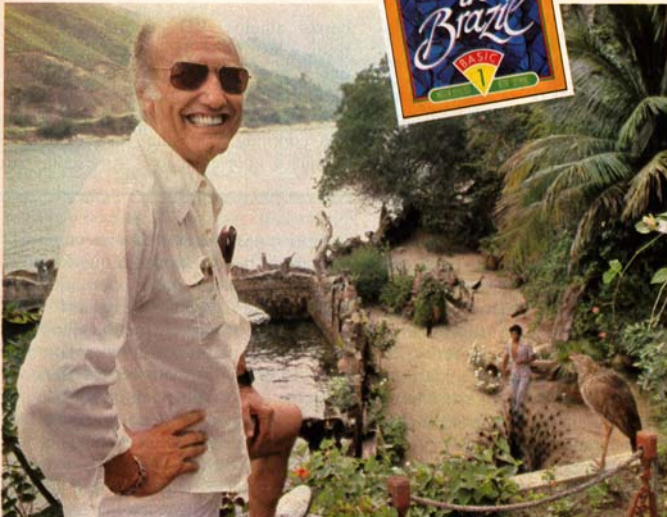
As Escolas Fisk figuram no centro de um leque que tem num dos extremos os "cursos de imersão", à base de várias horas de aula por dia ao longo de curtas temporadas, e noutro extremo cursos tradicionais que virtualmente inauguraram o ensino de inglês no Brasil. É o caso da pioneira Cultura Inglesa, fundada em São Paulo em 1935, ou da União Cultural Brasil-Estados Unidos, criada três anos depois por universitários paulistas. Uma e outra mantêm o clássico sistema apoiado em salas de aula convencionais e com dezenas de alunos, aos quais se procura ensinar o inglês acadêmico. Com duas aulas semanais, os estudantes

adaptações, a fórmula nacionalista foi estendida a todos os cursos do Yázigi.

"Para que falar do Big-Ben ou do subway de Nova York, que nada têm a ver com a realidade do aluno?", pergunta Catherine Young da Silva, orientadora pedagógica da escola. Fernando Silva, que fundou o curso em 1950, associado ao professor César Yázigi, e hoje é seu único proprietário, acredita que deve o sucesso à eradição de citações sem sabor nacional. "Nossos livros são brasileiros, falam de problemas sociais, da nossa cultura, das novelas", diz Silva. "Afinal, a maioria dos alunos vai usar o seu inglês aqui mesmo." A primeira inovação de impacto patrocinada pelo Yázigi foi in-

em março, vendeu 90 000 exemplares, marca considerada boa para um relançamento. E o espaço reservado aos cursos é suficiente para abrigar desde o populoso Instituto Roosevelt, que garante sua popularidade com os preços mais baratos do mercado — 6 600 cruzeiros mensais pelo básico, com duas aulas por semana —, até o requintado Berlitz, em Ipanema, no Rio de Janeiro, hoje transformado em palco para um desfile diário de celebridades.

**BOM INVESTIMENTO** — Ali, as aulas do curso para iniciantes têm preço e duração comparáveis a uma sessão de psicanálise — cerca de 15 000 cruzeiros por 45 minutos. Segundo



Fernando Silva, do Yázigi, na Ilha das Cabras: as inovações deram certo

Sônia Braga, estrela do Berlitz: agora, o mundo

demoram em média cinco anos para aprender a língua satisfatoriamente.

**REVOLUÇÃO NO MERCADO** — Os professores desses cursos quase cinquentões costumam encarar com desconfiança as inovações produzidas por concorrentes como o Yázigi, um obstinado cultor de mudanças metodológicas. Em 1976, por exemplo, o Yázigi introduziu em seu curso Júnior — com seis estágios para crianças de 9 a 12 anos — um livro em que figuras da mitologia brasileira, desenhadas pelo cartunista Zélio Alves Pinto, vivem histórias ambientadas em cidades. O sucesso foi tamanho que a taxa de evasão do Júnior, normalmente entre 10% e 15% por semestre, caiu para zero. E, com ligeiras

trovar a conversação já na primeira aula. Depois, Fernando Silva decidiu revolucionar a área de marketing — e aperfeiçoou o sistema de franquia, cedendo a terceiros, mediante contrato, o uso do método e do nome Yázigi. As novidades deram certo, e Silva hoje pode lembrá-las na sua Ilha das Cabras, no litoral paulista, que comprou nos anos 60 e povoou de flamingos, emas, jacus, veados e macacos.

Investir no ensino de inglês ainda permite sonhar com ilhas — não só parece haver espaço para muitos cursos como, também, filões a explorar. Desde 1981, por exemplo, a Abril Cultural tem revezado nas bancas dois cursos de inglês em fascículos semanais: *Fale Inglês* e sua versão mais adiantada *Speak English*. No momento está nas bancas o *Fale Inglês*, que, lançado

Sérgio Magalhães, 38 anos, diretor do curso, vale a pena: "Ao fim dos quatro meses do básico, o aluno já sai com um vocabulário de 1 800 palavras". No elenco de alunos do curso figuram, por exemplo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o "Bôni" da TV Globo, os atores José Wilker e Dina Sfat, o diretor de novelas Daniel Filho, as cantoras Gal Costa e Simone, além da estrela Sônia Braga.

Para merecer durante quatro meses a atenção individual de um professor por 90 minutos, de segunda a sexta-feira, Sônia pagará 1,8 milhão de cruzeiros. Mas acha que faz um bom investimento — sem falar inglês, acredita a atriz, terá de adiar indefinidamente seus planos de conquistar platéias estrangeiras. Em 1979,



Crianças aprendem no Pink and Blue: idade ideal para assimilar novidades

na esteira do sucesso do filme *Dona Flor e seus Dois Maridos*, Sônia ensaiou essa conquista, mas sentiu perder o brilho diante de jornalistas e produtores dos Estados Unidos. "Eu me via sempre embaraçada, sem conseguir me expressar", lembra Sônia. "E ficava muito frustrada, porque saí do Brasil achando que sabia falar alguma coisa."

Agora, aos 33 anos, ela retoma o plano de vôo, com as filmagens de *O Beijo da Mulher Aranha*, dirigido pelo argentino Hector Babenco, que está disposto justamente a alcançar o mercado externo. O filme é todo falado em inglês e estrelado por dois americanos, Raul Julia e William Hurt. Entre eles, vivendo todos os papéis femininos, estará uma Sônia Braga cujas falas a maioria das platéias brasileiras só compreenderá lendo as legendas. Casos como o de Sônia Braga, por sinal, explicam por que cursos como o Berlitz, ou o Alumni, custam mais caro: embutida no preço está a promessa de ensinar em pouco tempo.

**FÓRMULA DE SUCESSO** — Nesta categoria, as promessas mais ousadas partem dos cursos de imersão, que submetem o aluno a um massacre de até 9 horas diárias durante quinze dias — por esse curso, o Berlitz cobra pouco mais de 3 milhões de cruzeiros. A julgar pela prosperidade de outros cursos que também oferecem a imersão total, como o Auding — 22 dias, das 8 da manhã às 6 horas da tarde, por 1,3 milhão de cruzeiros —, a fórmula parece em franca expansão. "A procura aumentou

oito vezes no último ano", contabiliza Marli Martins, diretora do Auding. "Precisei alugar mais dois andares para a escola."

"Sou totalmente a favor dos cursos de imersão, porque neles o aluno é levado a esquecer a tradução e a entregar-se a uma linguagem nova", avisa o ex-professor de inglês Richard David Court, 31 anos, mais conhecido como Ritchie, nas paradas de sucesso com a música *Menina Veneno*. Nascido em Kent, na Inglaterra, Ritchie sobreviveu sete anos lecionando em cursos e dando aulas particulares para músicos como Egberto Gismonti e Paulo Moura, aos quais transmitiu um vocabulário básico e específico para que se fizessem entender nos estúdios de gravação dos Estados Unidos. Do alto dessa experiência, dá seu recado em bom português: "Não acredito em listas de vocabulário, nem em relação de verbos".

Outros professores parecem preocupados com as fantasias que vão sendo incorporadas à trajetória dos cursos de imersão. Reconhecem que, na vida real, nada se assemelha mais a um aprendizado por toque de mágica. Mas, além de um bom dinheiro, exigem do estudante um esforço freqüentemente brutal. "Acho temerário qualquer curso que exija mais do que 3 horas diárias do aluno", pondera Olivia Date, 28

anos, coordenadora do Britânia, em Ipanema. "Não é todo mundo que agüenta um curso de imersão."

**IDADE IDEAL** — Desde 1980, às voltas com os métodos mais suaves do Britânia, Fernando Barrozo do Amaral, 14 anos, filho do colunista Zózimo Barrozo do Amaral, está satisfeito com os resultados. "Já consigo ver filmes sem legenda", informa Fernando. "E, mesmo sem entender todas as palavras, compreendo perfeitamente o sentido das frases." Ele começou a estudar inglês ainda menino, mas poderia estar dominando seu segundo idioma com apenas 11 anos se tivesse cursado, por exemplo, uma das 165 escolas Pink and Blue. Lúcia Barbosa Lemos, que em 1965 fundou a primeira dessas escolas, destinadas a crianças de 5 a 11 anos de idade, sustenta que começar assim tão cedo é uma ótima idéia.

"Se a criança usa a cabeça para brincar, por que não pode usá-la para aprender uma língua nova?", observa Lúcia. "É a idade ideal para assimilar determinados aspectos do aprendizado, como a pronúncia perfeita." No Pink and Blue, os três primeiros estágios do curso são reservados a crianças ainda não alfabetizadas, com atividades semelhantes às da pré-escola, que procuram familiarizá-las com o idioma: desenham, fazem cola-



Fernando Barrozo do Amaral: sem legendas



gens, jogam, aprendem a contar até dez e algumas estruturas mais simples, como *how many* (quantos). Ao fim do primeiro estágio, o *kindergarten* (jardim da infância), as crianças já dominam cerca de 140 palavras em inglês, de uso corrente. A linguagem usada durante a aula é híbrida. "Qual é o *name da flower?*", pode perguntar a professora.

**FOLGA INESPERADA** — Cabeças infantis absorvem novidades mais facilmente, mas certos adultos podem surpreender pela velocidade no aprendizado. Em janeiro de 1979, o uruguaio de nascimento Daniel Olasso, 38 anos, diretor regional do Berlitz em São Paulo, recebeu em seu escritório um homem de 56 anos que desejava aprender inglês antes de assumir o cargo de ministro do Trabalho. Em oito semanas, com aulas de 90 minutos a cada dois dias, o aluno Murillo Macedo estava falando um inglês que Olasso considerava "bem razoável", sobretudo para circular na vizinhança dos vários ministros monoglotas ou claudicantes no idioma que habitam Brasília (veja o quadro à página 82).

Segundo Olasso, a facilidade exibida por Macedo sugere que o ministro "tem queda mais para ciências humanas do que para as exatas". A experiência acumulada por Olasso ensina que os alunos mais complicados são os que lidam com números, como engenheiros e técnicos em administração. "Muitos deles deixam de prestar atenção à pronúncia para tentar saber por que o *oo* de *wood* (*madeira*) é fechado e o de *blood* (*sangue*) é aberto", observa. Naturalmente, no grupo dos alunos complicados destacam-se os que têm dificuldades com a própria língua nativa.

É o caso do marinheiro da Marinha Mercante Roque da Silva, 40 anos, um dos muitos alunos de origem humilde do Instituto Roosevelt, em São Paulo. Cansado de viajar pelas costas da América Latina e de ganhar pouco, Roque soube que, se apontasse o leme para o Hemisfério Norte, mesmo trabalhando como auxiliar de carvoeiro, ganharia o dobro do salário. Afastado da casa das máquinas do seu navio depois de sofrer uma contusão na coluna, apro-



Mendes de Almeida: a frase deve prosseguir

veitou a folga inesperada para tentar aprender inglês. "Sem falar inglês, nem me candidato", diz. Roque se esforça muito, mas ainda se atrapalha com palavras em português.

A maioria dos alunos dos cursos de inglês fica a meio caminho entre o ministro Macedo e o marinheiro Roque. Não há uma fronteira precisa que determine quando uma pessoa, por sua capacidade de combinar vocábulos, pode dizer que sabe falar um idioma, mas os professores entendem que, ao assimilar 900 estruturas básicas — ou cerca de 2 000 palavras —, um aluno de inglês terá cruzado essa faixa. Para isso, ele deverá dedicar



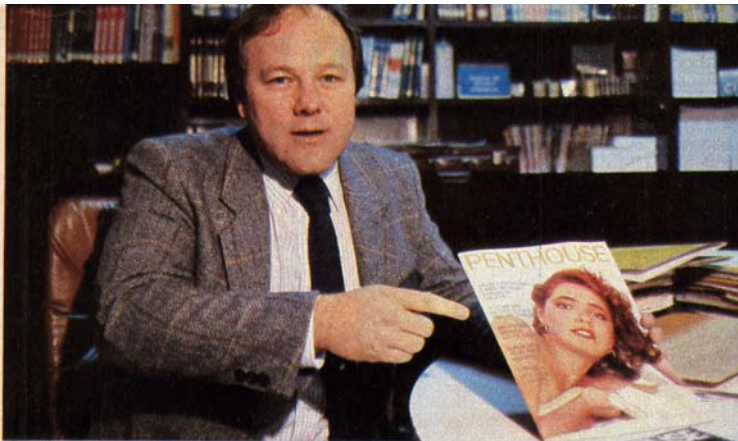
Roque da Silva: candidato a viagens para o Hemisfério Norte

ao aprendizado 480 horas, divididas em 2 horas por dia. Qualquer brasileiro com razoável formação cultural, ao matricular-se num curso, carrega em algum canto da memória cerca de 100 palavras em inglês. Para assimilar as restantes, ele terá de escalar alguns degraus.

**REPERTÓRIO DUPLICADO** — Ao atingir o patamar das 500 palavras, 160 horas depois, o aluno poderá circular no exterior com certo desembaraço, pois estará sabendo o suficiente para o trivial variado — conversas num táxi, pedidos em mesas de restaurantes, colóquios nos aeroportos. Mais 160 horas e o aluno chegará a 1 000 palavras. Com elas, poderá construir frases suficientemente articuladas para sustentar, durante um almoço inteiro, uma conversa em inglês. As 160 horas seguintes farão o estudante duplicar seu repertório lingüístico, e ele não estará exagerando ao dizer que aprendeu seu segundo idioma. Para aperfeiçoá-lo, convém permanecer por um mês e meio no exterior. E, para conservá-lo na memória, terá de conversar em inglês pelo menos três horas por semana.

Alguns brasileiros que já carimbaram várias vezes seu passaporte oferecem conselhos úteis aos interessados em falar inglês. O professor Cândido Mendes de Almeida, por exemplo, que trafega com desenvoltura por vários idiomas, recomendou certa vez a um amigo que jamais parasse em meio a uma frase. "É preciso ir em frente, mesmo se for preciso usar algumas palavras em português", sublinha Mendes de Almeida. Audácia, de fato, ajuda muito, como observa o colonista Ibrahim Sued. "Tem muito chumbeta por aí dizendo que falo mal inglês", desafia Ibrahim. "Mas fui o único jornalista brasileiro a entrevistar o presidente Lyndon Johnson. O embaixador Hugo Gouthier, com seu inglês claudicante, tornou-se amigo da família Kennedy, representou o Brasil na Itália e no Irã e colecionou amizades pelo mundo inteiro. Gouthier certamente não parava no meio de uma frase.

**DEZ OVOS** — Mesmo alguém que se considere um caso perdido, sem talento para idiomas, não



O empresário El Khatib: "Meu nome é Faruk, falem devagar, por favor"

deve desprezar qualquer expressão que tenha conseguido aprender. Algum dia, uma única palavra em inglês pode ajudar. Foi o que ocorreu neste ano com o administrador da Confederação Brasileira de Futebol, Tarso Heredia, que acompanhava a excursão da seleção à Europa. Segundo o jornalista Sandro Moreyra, que testemunhou o episódio, Heredia chegou esfomeado ao restaurante do hotel em Londres e, depois de

vasculhar os porões da memória, virou-se para o garçom e ensaiou uma pergunta: "Tem *eggs*?" O garçom retirou-se sem responder e, ao voltar, carregava uma bandeja com dez (*ten*, em inglês) ovos. Não era bem isso, mas pelo menos Heredia não passou fome.

Repertórios limitados não impediram, enfim, que alguns brasileiros até fechassem negócios no exterior. Evidentemente, é sempre mais difícil — mas os ousa-

dos chegam lá. Assim foi com Faruk El Khatib, dono da Grafipar, editora baseada em Curitiba. Persistente, El Khatib tentou o Fisk, o Yáziqi, o Cebel, o Interamericano, depois contratou professores particulares mas admite, com honestidade, que seu inglês ainda é "meio boca". Talvez por isso, só em agosto de 1981 ele concluiu as negociações iniciadas em junho de 1980 com Bob Guccione, dono da *Penthouse* americana, para publicar a edição brasileira da revista.

Por nove vezes ele foi a Nova York e abriu a rodada de negociações com executivos americanos com a mesma frase: "My name is Faruk, speak slowly, please" ("Meu nome é Faruk, falem devagar, por favor"). A *Penthouse* brasileira deixou de circular em setembro passado, baleada por uma brusca queda na tiragem. Agora, às vésperas de lançar um jornal diário em Curitiba, El Khatib parece ter esquecido tanto os seios fartos e pernas bem torneadas que recheavam a revista quanto seus cursos de inglês. Mas permanece agarrado à certeza de que aprender um segundo idioma é indispensável e jura que vai obrigar todos os seus filhos a matricular-se num curso. El Khatib recorda suas temporadas em Nova York e faz uma promessa: "Eles vão saber inglês na marra".

## O inglês com sotaque de Brasília

Em tempos de muitas conversas e negociações com credores internacionais, o Ministério da Fazenda e o Banco Central zelam pela preparação de seus funcionários. Frequentemente, professores são chamados para dar aulas ao segundo escalão, a preços de até 15 000 cruzeiros a hora. Mas tais cuidados não bastaram para impedir que o chefe do Departamento de Organização e Autorização Bancária do Banco Central, Ary da Graça Lima, fosse sumariamente demitido neste ano por ter usado num telegrama a uma centena de bancos estrangeiros a imperativa expressão *must*, em vez da polida e usual *should* — petulância indesculpável, mesmo que o autor da mensagem não estivesse na humilde posição de pedir mais dinheiro emprestado.

No primeiro escalão do governo, o domínio do inglês é absolutamente necessário. Os ministros do Planejamento, Delfim Netto, e da Fazen-

da, Ernane Galvêas, dispensam o auxílio de intérpretes nas intrincadas negociações com banqueiros internacionais — o que não chega a ser, em si, nenhuma demonstração de inteligência superior: o antigo primeiro-ministro chinês Chu En-Lai dominava magnificamente o inglês e o francês, mas jamais abriu mão da presença de um intérprete, cuja atuação no mínimo lhe dava tempo para refletir melhor entre uma questão e outra. O ministro-chefe do SNI, Octávio Medeiros, fala tão bem quanto

seus colegas do Gabinete Militar, Rubem Ludwig, e da Previdência Social e da Desburocratização, Hélio Beltrão. Mas não pode competir com Amaury Stábile, da Agricultura, que escreve pessoalmente os discursos que profere nas conferências internacionais. O presidente Figueiredo e o vice Aureliano Chaves entendem e lêem melhor do que fa-

lam. Na Casa Civil, neste aspecto, nada mudou nos últimos dez anos: tanto o antigo ministro, Golbery do Couto e Silva, quanto o atual, Leitão de Abreu, fazem-se entender mas têm uma pronúncia considerada desastrosa.

O presidente Juscelino Kubitschek dominava perfeitamente uma língua *demodée* — o francês, idioma universal até a II Guerra. Durante todo o seu governo, Juscelino teve dificuldades com o inglês. Como conta o seu chefe de cerimonial, o hoje embaixador Aloísio Napoleão, na segunda metade do seu mandato Juscelino decidiu receber aulas particulares de inglês. Não deu muito certo. Segundo seus amigos mais chegados, até o ano em que morreu, 1976, Juscelino ainda se esforçava para aprender inglês, obrigando-se a ouvir casetes e assistindo a filmes sem legenda.



Juscelino: aulas particulares

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)